

RIL



revista literária

15

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinada pelo Departamento de Assuntos
Estudantis do Ministério da Educação e
Cultura .**

NOVEMBRO DE 1980 * ANO XVII * NÚMERO 15

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG número 15 foram feitas por HÉlvio Rodrigues da Silva e José Ricardo Ozólio, alunos da Escola de Belas Artes; Humberto Grisolia de Oliveira Neto, aluno do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, e pelas professoras Maria Beatriz A.S. Bretas e Rúbia Roberta, do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, todos da Universidade Federal de Minas Gerais.



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

**8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
Rua Carangola, 288 — Sala 807**

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

A Teia — <i>Francisco de Moraes Mendes</i>	9
Todas as Bonecas — <i>José Maria Braga</i>	14
Marruá — <i>José Liberato Costa Póvoa</i>	19
<i>Trabalhos Escolhidos</i> — <i>Menção Honrosa</i>	
Os Papagaios de Ru — <i>Gerson Murilo Avila de Paula</i>	31
Outo — <i>Maria José Somerlate Barbosa</i>	34
Parada de Forno — <i>Alan de Freitas Passos</i>	38

CONCURSO DE POEMAS

O Mapa de Minas — <i>Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho</i>	43
Dívida — <i>Sônia Maria de Melo Queiroz</i>	44
Anatomia da Origem — <i>Clarissa Cançado Lara Resende</i>	46
<i>Trabalhos Escolhidos</i> — <i>Menção Honrosa</i>	
Brasileiro Por Acaso — <i>Avanilton Murilo de Aguilhar Cruz</i>	49
A Agostinho Neto — <i>José Cândido de Siqueira</i>	50
Sinais de Fumaça — <i>Antônio Carlos de Souza Pereira</i>	52

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Viver — <i>Adão Ventura</i>	57
Labor — <i>Alvaro Fraga</i>	58
Tardinha — <i>Amador Ribeiro Neto</i>	60
O Trem Mais Veloz do Mundo — <i>Sidney Martins</i>	61
O Caçador — <i>Angela Cançado</i>	63
Latino — <i>Antônio Barreto</i>	65
Tapete — <i>Joanyr de Oliveira</i>	66
A Lua Cheia Quer Se Banhar no Rio — <i>José Alexandre Marino</i>	67
A Propósito de um Retrato em uma Carteira — <i>Lúcia Afonso</i>	69

Acalanto — <i>Lúcia Castello Branco</i>	70
Morrendo de Saudades — <i>Marcus Vinícius Araújo Nascimento</i>	72
O Boi — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	73
Perfis — <i>Renato de Pinho</i>	75
Que Terror é Este, Companheira — <i>Nilza Rocha Feres</i>	80
De Bufo Galope — <i>Pascoal Motta</i>	83
Noturno Para Amor Gemente — <i>Paulinho Assunção</i>	85
Mulher — <i>Ronald Claver</i>	87
Freeway — <i>Rosa Neves</i>	89

CONTOS

Corpo Dourado de Pantara — <i>Duílio Gomes</i>	93
Mulher Brincando com Menina — <i>Ângela Cançado</i>	96
Esse Sangue — <i>Carlos Herculano Lopes</i>	98
Objeto de Estimação — <i>Sandra Lyon</i>	101
Arabescos — <i>Maria do Carmo Brandão</i>	104
Numa Varanda, em Jacareípe — <i>Daniilo Gomes</i>	105
Depoimento — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	110
Cachorro Sem dono — <i>Ana Maria de Almeida</i>	114
O Guardião — <i>Plínio Carneiro</i>	122

ENSAIO

Da Sacralização do Leitor ao Sacrilégio do Real — <i>Lea Selma Amaral</i>	129
---	-----

PESQUISA

Livro de Bolso — <i>Maria das Graças Rodrigues Paulino</i>	147
--	-----

RESENHA

Estatística da Revista Literária	153
Relação dos contos recebidos	155
Relação dos poemas recebidos	159
Publicações recebidas	178
Críticas à Revista Literária	180

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

A TEIA

DAVI

Francisco de Morais Mendes

Curso de Comunicação Social
FAFICH

Apreendeu vendo as aranhas num canto escuro, enquanto as mãos passeavam o corpo. Apertando os seios até traspassar o gozo e cravar as unhas na dor. Correu mais uma vez os olhos em direção às aranhas. A fêmea cuidadosamente desmembrava o macho. Os olhos abriram-se fascinados e ela pensou em ordem, primeiro num pássaro de tonalidade inominável; depois numa rã; e no Jesuscristinho num presépio da infância. A fêmea saciada caminhou impune, saiu por baixo da porta. Seguiu-a arrastando-se no chão.

Deitou-se. A chita barata sobre o corpo. Arreganhou os dentes para nada, apenas um ruído vindo de fora. Ritmado, cresceu e transformou-se em passos. Aproximou e afastou. Ela olhou para o canto, a aranha morta.

Lembrou-se em ordem. As aranhas; as mãos dolorindo os seios pequenos, firmes; a aranha retalhando o macho e caminhando livre, dona de si e de um crime — a possibilidade maior do ser; e os passos. Foi o velho quem passou. O da tarde. Mas um grito arranhou fundo, gutural, e ela calou-se de pensar. Erguendo-se, foi escutar da porta. Nada, apenas o eco mordendo o fundo do corredor. Vieram outros gritos, assim se comunicam os animais, com grunhidos ou uivos. Uivou também e uma resposta veio da cela em frente. Uivou mais alto: o ar crispado de agudos entardeceu.

Meu nome é Débora, Rossana, ou Simone. Meu nome é um eco se pronunciado, mas não existe. Meu nome é um número, meu código é o líquido que precipita na veia o desfalecimento, a ausência. Meu nome tem dezoito anos e espero ver outras aranhas. Aí eu me rasgarei entre as pernas, me morderei em soluços, e em gozo serei mais que um nome — aquilo que é ser.

Pensar em ordem que hoje virá alguém à noite. Se não for o velho, talvez seja possível abrir as pernas, suspender a chita e gemer de prazer, não de angústia. Desfalecer de gozo, de outra dor morna que não a de ser a paciente da Ala B recolhida por periculosidade. «Você está a um passo de cometer um crime», disse o velho, os dentes amarelos. Mas se vier o moço —

Abriu os olhos, estava mais escuro, anoitecia. Cessaram os gritos, os lamentos. As marmitas resvalam nas portinholas. Uma mão entrega e outra desgrenhada recolhe. Comer a sopa reclusa, com nojo, com ódio, com fome. Com fome deixar para trás tudo aquilo úmido, viscoso; a viscosidade de ontem da sopa, o frio no estômago toda vez que senti-la fria pela garganta. A náusea. Mas lembrar da aranha devorando o macho, porque dele arranca tudo que pode. Pensar que o macho morto no canto pode crescer de repente e ser um cadáver — conquanto não seja o velho.

A portinhola aberta, uma voz grossa gritou: — Toma. Levantando-se, olhou fixadamente a mão que estendia marmita e colher. Quis apertar aqueles dedos, mordê-los, puxar o braço para dentro e levar a mão aonde pudesse ir o desejo. Conteve-se olhando a marmita. E engoliu seco seu ódio. Pegou sem dizer palavra, a portinhola fechou-se por fora, o ferrolho gemeu enferrujado e o ruído passou à próxima porta. Mordeu a esquadria da portinhola, cravou os dentes com força. Soltou ao sentir que os dentes se quebrariam. Tentou comer.

Ansiou pela treva total, indivisível. Lá fora a noite devia ser clara: um halo entrava pelas gretas do teto iluminando parte do catre. Demorava-se em ânsias entre uma colherada e outra. E logo o ruído recomeçou, primeiro distante, depois mais próximo. Esperou que aproximassem e saciava sua fome com outra espera, mais aguda. A portinhola novamente aberta, a mão ressurgiu. Mais um espectro escurecido que um pedaço de um ser. Estendeu

a marmita devagar, demorando o olhar na mancha estendida no buraco, projetando-se como uma sombra. Entregou e arreganhou os dentes. Não gemeu; olhou mórbida até que os passos se afastaram. Os dentes na esquadria até o escasso gosto de sangue.

Deitada correu os dedos pela nuca. Arranhando as espáduas abraçou a si mesma. Desfez a cruz dos braços entrelaçados e passou a mão sob a axila, rabiscando as costas. Voltando, deteve-se no seio. Mas havia de se poupar, porque estava próximo de ele chegar. Sentia o latejar entre as pernas e debruçou-se pensando rápido em ordem de se distrair. Um lago com gaivotas nas margens, o olho severo do pai, a mãe repreendendo os dedos de sondar cavidades, o olho azedo do professor. Uma parede, as unhas arranhando uma parede, lágrimas e gritos, a mão do pai apertando-a. Por fim a seringa, a ausência de sons. O escarro de ódio grudou-se na parede, junto ao primeiro uivo dolorido. Seria o concerto da nubente. Pulou do catre e chegou bem junto à porta. Esperou que os uivos se desgastassem. Depois uivou gutural, modulou em som seu cio de aranha. Tecida estava a teia.

Desceu a mão até a concavidade úmida. Apertou. Não haveria de demorar. As unhas da mão esquerda arranharam a palma direita. Estavam curtas, muito curtas. Há três dias vieram cortar. Ouvia um choro carente ao lado. Gritou leve, a outra voz respondeu entre soluços. Aos poucos foi resignando e o silêncio se abateu.

Muito quieta, espreitava os sons. Pequenos ruídos moram no ar, não existe o silêncio total. Pensar, será que faz barulho? Mas não devia ser, era outra coisa. Coisas pegajosas arrastando-se no chão. Aranhas, insetos menores e maiores. As paredes gemem noturnas, ou o sangue correndo nas veias não é mudo. Aquele som vinha de um fundo, de um dentro bem longe. Vinha intenso em sua diminuta proporção. Escutou algum tempo, até um ruído se sobrepor. Passos. Passos no corredor, apurou. Riu em silêncio, passos do moço. A presa caminhando em direção à teia.

E se em outra cela...? Levantando-se de súbito, dessa vez o grito foi rouco, grosso, um grito de domínio e fúria, de guerra. Que não obteve resposta. Ouvia-se apenas o morrer do eco e o barulho das chaves, o ranger pesado da porta. Vez ou outra um grito espatifado, depois um longo silêncio.



Aproximavam-se. Logo a chave girou, o ferrolho puxado gemeu, a porta aberta. Primeiro tremeu, depois suspendeu a chita e ficou assentada. Ele entrou com uma luz escassa em seu encaço. Em silêncio aproximou-se, ela notou o sobressaltado brilho dos olhos rumo às suas pernas. Num só impulso arrancou o vestido. Os seios se projetaram na parca zona de luz.

Ele olhou para trás, a seringa tremia na mão. O outro, que se aproximara, olhava faminto. Sem dizer nada, olharam cada movimento dela que, estirando-se no catre, aproximou os calcanhares das coxas e cadenciou o movimento. Ele estendeu a seringa para o outro e fez um gesto para que este se afastasse.

O ruído do zíper. Sentiu-o aproximar-se como um pássaro enfeitado pelas víboras do campo. As mãos grandes tocaram seu corpo. Na pele eriçada o toque áspero, viril. Espalmada, a mão percorreu seu ventre, subiu aos seios, os dedos rodeando os mamilos. Contorceu-se balbuciando que viesse logo. Ao peso dele procurando seu interior, sentiu em ordem a dor pesando nos seios; pesando no ventre; tocando o útero. Mordeu com força o lábio e sugou até sangrar.

O corpo dele crispou-se ao segundo orgasmo dela e, sentindo a contração que emitia as golfadas, ela enterrou os dentes na jugular, apertou o gosto quente do sangue na boca, o gosto da esquadria. O grito dele foi respondido pelo coro dopado das outras. O outro entrou de um salto e, sem entender o sangue esguichando, tornou-se uma estátua de mármore.

A mão áspera e suja de sangue tateou seu corpo, ela se soltou. As mãos procuravam seu pescoço, ela procurou com o olhar os olhos dele. O outro, recuperando-se, avançou para ela, que afastava as mãos sujas. Um chute no ventre atirou-a ao chão e caída ela rapidamente lamentava em ordem — não poder reter em si o membro, não poder esquartejá-lo, nem sair caminhando impune.

TODAS AS BONECAS

ARLEQUIM

José Maria Braga

Curso de Comunicação Social
FAFICH

Detestava o relógio, sua monotonia. Detestava seus ponteiros e números. Não, não detestava o relógio. Odiava a vida. Mataria todos os homens, dessem-lhe a chance. Um ridículo apêndice entre as pernas.

E pensar que toda a humanidade escorreu através das mulheres... Abençoado ventre, maldita criatura.

Sente o chuveiro sendo desligado. Pode imaginá-lo apanhando a toalha e enxugando o pênis; começava sempre a enxugar-se pelo pênis. O movimento para enxugar as costas era-lhe único: passava longo tempo esfregando a toalha em diagonal, e ria-se satisfeito como se, naquele instante, o mundo o estivesse apreciando, atirado a seus pés.

Dá saltos, sempre esfregando a toalha. Agora gargalha, e todo o seu corpo responde a um enorme choque elétrico. Pára exausto. Vai ao espelho e, admirado, fica ouvindo o ritmo da própria respiração. Analisa o rosto, faz caretas, observa os dentes: precisa ir ao dentista. Devia pintar os cabelos. Os fios brancos dão-me um aspecto grosseiro, confundo-me facilmente com um trabalhador braçal. Estudara. Quatro anos de faculdade. Mais estágio. O creme para os olhos não tem adiantado, veja. Precitava de um novo barbeador. O pescoço anda terrivelmente irritado.

Por que não se recusava? Estava cansada de inventar doenças, acabaria tendo que masturbá-lo. Não queria outro filho. O médico proibira a pílula, estava em dia fértil. Não poderia calar-se para sempre.

Sentado na cama, passa a toalha entre os dedos do pé. Gostava da sensação de limpeza, o cheiro bom daquele quarto, a cama macia, a mulher de costas, deitada. Adorava aquela bunda bem torneada, firme. Quantas vezes não acordara à noite para escutar o sono da mulher, observando cada detalhe? Sentia-se um privilegiado, pensando nos amigos. Inegável a beleza de sua esposa. Sabia o quanto o invejavam. Percebia olhares de águia nos decotes da mulher, procurando uma folga no vestido. Conhecia-lhes as esposas: mulheres feias, desagradáveis, fumando vários cigarros sem parar, dedos amarelados pelo fumo, peitos caídos e imperdoáveis bundas retas.

Isto sabia. Não poderia calar-se para sempre. Mas como? Tinha hábitos esquisitos, horrivelmente nervoso e chegava em casa sempre depois de ter bebido. Falaria naquela noite. As palavras coçavam na garganta.

Como é excitante! Poderia ele algum dia olhar a mulher naquela posição, sem que o sangue lhe enchesse imediatamente o membro? Pouco provável, concluía. Tinha ímpetos de propor-lhe uma relação diferente, mas ela nunca entendia. E ele, com o tempo, contentara-se em olhar o que tanto desejava. Conhecia bem aquele corpo. Conhecia bem aquela mulher. Percebia, no seu silêncio, o quanto ela o amava. Sabia de seus mimos, pequenos caprichos, esses detalhes que os amantes conhecem melhor que os maridos. Ele, ao contrário dos amigos, era o amante e era o marido. Apenas uma coisa, uma só, não compreendia na esposa: a mania de conservar todas as bonecas, desde as mais antigas, bonecas que ganhara ainda criança. Que importância poderiam ter aquelas bonecas? Conformava-se, apesar de tudo. Afinal, nem Cristo conseguiu agradar a todos, e fechava a Bíblia sobre o criado. Nunca dissera, mas tinha certa vergonha da infantilidade da esposa.

Ela ardia em dúvidas. Seguiria o conselho do amigo?

Encontrara-o ocasionalmente na rua. Acabaram andando pela cidade. Ficou sabendo de sua vida. Contou-lhe a sua. Sentaram-se na praça, ainda existia a praça, e ficaram olhando as crianças correndo atrás dos pombos. O sorvete manchou-lhe a blusa. Guardou sem lavar. Deixaria de lembrança. Tira a camisa, está quente. Ela sugeriu, ele tirou. Entre uma risada e outra, olhava o seu peito nu, os braços frágeis, e sabia que também ele a observava.

Despediram-se. O sol desaparecia lento através das árvores, e a lua aparecia saliente, do outro lado. Namorados antigos, brincou olhando a lua. Ela riu. Ele desceu a rua, brincando nas grades das casas, era seu jeito. Existiam novamente os carros, a cidade. Um loteação passou com gente dependurada. Vontade de cantar. Não canta. Ficou um nome de rua amassado em suas mãos. Recusou-se a compreender o que acontecia. Naquela noite pensou muito no amigo.

Era apenas mais um de seus mimos: deitava-se sempre de costas, aparentando indiferença — ele sabia. Compreender as mulheres exigia pequenas sutilezas. Ria orgulhoso, alisando o bigode.

Não, não poderia seguir o conselho do amigo. Teria de descobrir a sua própria maneira, agora acreditava. Indomável, o sangue corria em suas veias, uma estranha coragem passeava em seus músculos, de alguma forma canalizava os impulsos contra o marido. Era inevitável: odiava aquele homem. E pensar que o julgou poeta, quando namorados. De onde será que copiava as poesias?

Aproximou-se. Primeiro, alisou o quadril, afagou os seios e deixou-se, em ereção, repousar encostado nela. Procurou o clítoris, umedeceu-a, tentou penetrá-la. Com as mãos, abria um pouco o caminho entre os pêlos.

O movimento dele vinha acompanhado de um gemido. Ela olhava as paredes brancas do quarto, pensava na mãe. Vontade de buscar a mãe, acorrentar aos pés da cama.

Agora, morde-lhe as costas, e ela morde o lábio. Um brilho quase imperceptível aparece em seus olhos. Alheia. Algo



1987

teatral (Luz caindo em off). As mãos lerdamente caídas descobrem um fósforo. Brinca, tenta colocá-lo de pé, faz pequenos círculos no chão, novamente tenta colocá-lo de pé e descobre não ter ele muita base. Ri um riso nervoso, comparando-se ao fósforo. Nesse instante, sente o marido saindo de dentro dela. Rolou para o lado exausto. Estava suado, arfava. Sob suas mãos, os tacos se mexeram. Logo os tacos do chão?, ironizou-se, pareciam tão firmes.

Um cachorro nasceu na madrugada. Um pernilongo passou zunindo. Dera-se conta de que o mundo estava em silêncio e voltou a detestar o relógio. A seu lado o homem ressonava. O cheiro de suor enchia o quarto. O pernilongo agora estava no centro da parede branca. A lua entrava pela janela. Pensava no amigo.

Glutão e bêbado. Dorme pesado. Um dia seu marido. Como é grotesco. O suor escorrendo pela barriga gorda, volumosa. As poças se formando nas dobras da virilha. O grunhido animal. O jeito estúpido de esparramar-se na cama sem limites. O peito grosseiramente molhado. O pênis murcho, ridículo, inútil. O pernilongo pousado na testa. A mãe em eco: engenheiro, minha filha, engenheiro.

Tateando chega à cozinha. Apanha água gelada. Os dentes doem. Gargareja, tentando desfazer o nó. Como andava descuidada, a geladeira estava completamente vazia. No dia seguinte iria ao supermercado. Uma última laranja, envelhecida. Tenta descascá-la. Cede à pressão da faca. Esqueceu a laranja, começou a se fixar na faca. Testou seu corte, a ponta, espetou-a levemente na palma da mão.

No quarto, teve o cuidado de virar para as paredes todas as bonecas. Sentiu-se observada. Delicadamente, caminhou para o pernilongo. Parecia muito maior. Seria um pernilongo fêmea? Estaria grávida?

Não queria outro filho.

Não fez muito barulho ao esmagá-lo contra a parede branca. Amanhecia. As bonecas choravam.

MARRUÁ

José Liberato Costa Póvoa

O S É A S

FACULDADE DE DIREITO

Parece que era Jordão. Parece, não: era Jordão mesmo. Ficou famoso em todo o sertão de Conceição do Norte esse marruá terrível, que sua valentia não respeitava gente, montado ou de a pé.

Azulego, pesadão, olhos de beirada rajada (sintoma de valentia), chifres assim meio combucos e descascados de brigar com os cupins da chapada no descarrego da raiva, a fera pertencia ao criatório de Rafael Cardoso, na fazenda Barra Nova. O mais corajudo dos vaqueiros tremia quando avistava o zebuzão, sempre de orelha empinada e aspecto de majestade, surgiu numa entrada de capão ou nas fraldas de um tableiro.

Jordão, que despontava tanto pelo porte como pelo enraivamento, ganhou fama nas redondezas, não respeitando limites: pastava na Barra Nova, no Carrinho, no Sucruíú, no Engenho, onde bem lhe apetecia assistir uma vaca no cio.

Quem via o garrotão maludo supunha até que ele já nascera brabo no mato, sem conhecer relho de curral, e não chegara do Sul num magote de tourinhos, manso até onde chegava a mansidão no zebu. Com facilidade se enlotara com as vacas de Rafael, que o comprara a bom dinheiro. E o nome trazido pelo boiadeiro casou com justeza no tourinho, que cedo ganhou corpo e tomou influência nas malocas, de sorte que não era muito amante de deixar seu pasto para esbrugar curral. Sucedeu que vis-a-vis com a Barra Nova, o gado do Angical, de Quincalmeida,

era misturado com umas brabezas, que estavam excomungadas botando o gado a perder. No meio dessas brabezas, que pastavam nos limites das duas fazendas, Quincalmeida tinha uns dois ou três pachecos enciumados, que danaram a bater no zebu de Rafael, esguaritando-o do pasto, que zebu nunca foi de fazer frente a raiva de curraleiro. E Jordão passou a viver andejo, sem tomar chegada na fazenda, esconjurando curral. De início, vinha no coice da boiada, mas ante a aproximação do vaquejador da Barra Nova, dava uma coisa e desembestava de volta, balançando o cupim num choto resoluto, descomprometido e mole. E a complacência de Rafael, dizendo que «deixe pra lá, que depois a gente pega» é que viciou o marruá, levando-o à brabeza. Tão brabo ficou, que bastava alguém falar «Jordão», que o monstro riscava em riba.

Não foi um, nem dois, nem dez vaqueiros que tentaram amansá-lo. Quando muito, conseguiam tangê-lo junto com o magote até coisa de tarefa e meia, e o terroroso marruá lá especava cismado, esperando o vaqueiro, que só se aventurava a encostar quando pensava que sua fama era só abuso do povo. Quando isto acontecia, a besta-fera avançava sobre o cavaleiro, não respeitando vara de ferrão nem os gritos de «Oa! Oa!», derubando na marrada cavalo e cavaleiro, e o pé de pau mais perto é que era a salvação.

Rafael Cardoso, a bem dizer, não desfrutava de seu touro, pois o espírito andejo do bicho carregava-o para malocas alheias, a obra de légua e meia e às vezes duas arredado da Barra Nova, para frutificar noutra fazenda.

Com a fama do touro, os mais afoitos refugavam na missão (de certo modo de vida ou morte), que se o maludo garrote pegasse alguém de jeito, era capaz de esmagalhar numa desigual refrega. E Rafael deu no cobó: que diabo de lugar de gente frouxa, que nem coragem tinha de campear uma brabeza? Ele mesmo não tinha natureza de ir lá no mato ao menos mostrar, cá de longe, o ponto consinado de seu animal.

Uns chegaram a tanger o esquisito até perto, mas quando ele desconfiava que estava sendo levado para o curral, amuava, e não havia «Ê, boi!» nem ferrão que o fizesse arredar dali, a

não ser para uma carreira certa e linheira no tangedor, botando-o no olho do pau, que ninguém era mané de enfrentar no chão aquele trem danado de furioso.

Foi indo, foi indo, Rafael já estava quase largando de mão aquela pegação do touro, a ponto de entregá-lo para o Divino, para ver se assim o Espírito Santo pelo menos tirava a natureza maluda do marruá e salvava o nome dele — Rafael, que já estava entrando na conta de descuidoso de gado seu.

Entrementes, Jordão viciou em atacar toda nação de gente: pastando às vezes na beira da estrada cavaleira, não raro corria a nova de que gente vivia se escusando de andar por aqueles lugares, porque o touro azulego semeava o pânico.

Rafael foi atrás de gente traquejada em campeação, mas muitos, amofinados, davam as costas como respostas.

Já estava em vias de apelar para o sagrado e dar o garrote para o Divino, quando numa conversa meio sem propósito surgiu uma esperança, a derradeira, de tentar pegar o touro brabo: ouviu falar que Joaquim Toma andava pelas beiradas de Taipas, um cabra desacismado que mesmo não sendo vaqueiro tinha deitado fama na pegação de gado brabo.

Rafael mandou um positivo. Mandou, não; mintou: foi lá, atrás do homem, que era um treiteiro de refinada fama, que, de tanto passar o quinau nos outros e viver tomando coisa alheia ganhou o nome de Joaquim Toma.

Mas como para a missão de gado maludo não carecia bons antecedentes, mas coragem, Rafael tomou chegada e, como quem não quer querendo, deu entrada:

— Dizendo o povo, você é home de não mijar na escorva.

Joaquim levantou a aba do chapéu de couro, olhou-o com olhar de espingardeiro, cuspiu de banda e desconfiou:

— É o tal Jordão?

— Uai, e é mesmo! — era Rafael — Cuma é que cê divinhô?

— Me contaram. Aliás, jogaram na minha cara que eu não era macho de topar aquele alefante seu.

— O touro, seu Rafael, é caso meu. Me espere amanhã cedo, que chego na Barra Nova.

Rafael clareou as vistas, esperançoso, e sabedor de que Joaquim era tihoso, fez foi inventar uma loa de que ele —Rafael também duvidava da coragice do pegador de trem brabo, apesar da gavação do povo:

— A pois, vamo prová se o causo fica assim nos conforme, que comigo não tem conforme: vou pegá o bicho! Ancê tem cavalo bom?

— Quer dizer que tenho.

— Vara de ferrão?

— E muito boa! — Rafael ficou foi satisfeito.

Para quem pegava brabeza a mil réis a cabeça, a oferta de dez mil réis pela pega do novilho clareou as vistas do peão, ainda mais que Rafael estava com oito vaqueiros apalavrados para qualquer eventualidade. E Joaquim Toma, com a confiança de quem conhecia por dentro e por fora cisma de bicho amuado, foi logo pisando no pescoço da conversa com disposição:

Rafael arrepiou estrada de volta, sem muita crença de início, por conta da propaganda de Joaquim Toma, mulato mais chegado a negro, fornido e famoso, mas, à medida que viajava e se lembrava de cada aventura bem sucedida de Joaquim, ia se convencendo de que a poesia do homem tinha fundamento.

Mal clareou o dia, Joaquim Toma bateu na porteira do curral da Barra Nova, onde Rafael tirava leite, e já chegou apatrocado de perneira, gibão, peitoral e chapéu de couro, moda que ele usava nas missões de campear nas capoeiras embaraçadas de espinho e japecanga.

— Bom dia! — ele salvou Rafael.

— Dia! Vei mesmo, né?

— Sou lá home de palpá fogo?! — respondeu Joaquim já se acomodando de lado no cabeçote da sela.

— Disapeia mode cumê o leite com beiju.

— A demora é pouca. E o marruco?

O homem estava era disposto. Só apeou para quebrar o jejum, enquanto um dos vaqueiros conversados arreava o cavalo

baio para levar o homem à querência de Jordão. Ali já estava esperando um bando de gente conhecedora do touro e que já briquitara muitas vezes na vã ilusão de encurralar a fera: Rafael, seus filhos Antenor e Santo Cardoso, o genro Adão, o primo Pedro Cardoso, Edirson do Engenho, Clotildo do Sucruíu e Tuna, que viera decretado de Taguatinga, e mais o cachorro Presente, que Edirson tinha por afamado em sojigar pelas ventas animal brabo para o vaqueiro botar o laço com a mão.

Tomaram o café, pitaram, cogitaram do pasto do garrote, coisa que o próprio dono não sabia, porque o bicho não tinha ponto consinado. Mas não carecia revirar muito juízo: as notícias logo-logo iam dar seu paradeiro. Escancharam e ganharam mundo, procurando aqui, perguntando ali, até que alguém lhes apontou com segurança:

— Vi ele entrando hoje cedo na enseada do corgo da Rapadura.

Era ali perto. A enseada era qualquer coisa de monstruosa em tamanho e trançada de cipó de um tanto, que era preciso entrar desbravando a facção. Havia lugares em que só se entrava de quatro pés, e de pau, só pequizeiro e pé de embiruçu.

Joaquim Toma e a companheirada pegaram a batida do gado entrando na enseada, e não tardou a enxergarem o rastro enorme de Jordão, que lá adiante esguaritou do magote, apanhando outro roteiro.

De certo ponto em diante, o cavalo atrapalhava, e eles prosseguiram de a pé, puxando as montarias, assuntando entre a folhagem qualquer motivo do touro.

O sol coava por entre a folhagem um rendilhado no chão, e Joaquim Toma, ferrão em punho, seguia cautelosamente, pois sabia que a qualquer momento a mancha azulega do temível touro apareceria à frente.

Caminharam coisa de três a quatro tarefas na batida do animal, calangreando no rumo do córrego da Rapadura, esperando encontrá-lo na bebida, apesar de ainda cedo, que gado andejo e desmalocado não tem hora certa de matar a sede. Faltando distancinha de grito para pegarem a ribanceira, os cuidados se

redobraram: foram seguindo pé ante pé, para que o roçar das folhas secas nos cascos dos animais não despertasse a atenção do trem maludo. E para que o faro do bicho não os pegasse de supetão, espalharam-se, com o trato de dar o sinal quem topasse com a besta-fera.

Quando menos se esperou, um arrufo medonho gelou o sangue de Clotildo, que não teve outro remédio senão ganhar o primeiro pé de pau e gritar, enquanto a fera riscava soprando e levantando poeira:

— O bicho taqui! Corre, Joaquim, corre cá!

Foi o bastante. Joaquim Toma pegou o ferrão, conferiu o encastão, montou no baio e rasgou cipó no rumo do apelo. Os companheiros ficaram cá mesmo: o caso era da jurisdição de Joaquim.

O quebra-pau em cima de Clotildo ecoou na enseada, e cada um dos vaqueiros pareceu sentir o touro nos calcanhares: Antenor saiu quebrando garrancho nos peitos, seguido de Adão, cujo bater das perneiras era escrito o despingolar do touro em seu encaço, sucedendo que ao sair no limpo Antenor estava só de esporas, que as roupas mesmo haviam ficado nas unhas do cipóal medonho.

Lá estava o marruá, imponente, variado, tentando localizar no vento Clotildo pelos gritos, bufando e cavando o chão com as patas dianteiras, em atitude de desafio, como se estivesse com o Sujo debaixo do couro azulado.

Quando as folhas secas barulharam com a aproximação de Joaquim, o touro baixou a cabeça e avançou quebrando vaqueta pra cima do peão, que, prevenido, recebeu a fera na ponta do ferrão. O bicho, ferroadado, refugou, deu meia-volta berrando rairoso e preparou nova arremetida, atrapalhando-se com a investida de Presente, que lhe fisgou a venta, no que foi infeliz, pois um safanão de cabeça atçou pra cima o renitente cachorro, aparando-o no ar, justamente de encontro a um pé de embiruçu, imprensando-o, que o cachorro só foi cachorro coisa de três dias.

Ao dar cabo do cachorro, que ficou ali apenas folguejando, Jordão virou-se de soco e arremeteu-se contra o peão, jogando-o com cavalo e tudo ribanceira abaixo, mas só foi o cavalo, que

Joaquim não chegou a ir até o chão, caindo em pé, de ferrão armado, pronto para receber o patueiro. Nesse momento, livrou-se de perneira, gibão, peitoral e chapéu de couro, ficando só de calção e botina, com os alforjes cheios de pedra passados no ombro, que animal raivoso só respeita pedra pra sair de amuação. E sustentou renhida luta, que lembrava Hércules enfrentando o touro de Creta.

Cá de fora, do limpo, os companheiros só ouviam os estralos de pau quebrando no meio da enseada fechada e o tendepá do touro esturrando raivoso aparado na ponta do ferrão, àquela altura já despido do encastão e com coisa de polegada e meia de ponta viva. O grito autoritário do bravo Joaquim Toma ralhando com o touro diziam que a peleja estava parelha, pois a brabeza e a brutalidade da fera encontravam escora na disposição e na coragem do peão, que já se tornara lenda ao domar o lendário Zói Vermelho do Angical. Cada ferroadada era escrito um tiro de vinte-e-dois para quem não conhecia a chuçada certa e segura de Joaquim Toma.

Quando o sol começou a derrear, sumindo na copa dos paus mais altos, houve uma trégua, e ao tomarem chegada, os companheiros viram peão e animal vencidos pelo cansaço: de um lado, Jordão, todo picado, desde a tábua do pescoço até o encaixe do cupim, a cabeça crescida pelo inchaço, couro encardido de sangue, com toda sua imponência e majestade perdidas na ponta do aguilhão; do outro, Joaquim Toma, encostado num pé de embiruçu, escorado na vara de ferrão com a ponta lavada de sangue e atopetada de cabelo, ar cansado, mas com a consciência da vitória sobre o legendário marruá de Rafael Cardoso, após mais de oito horas de dura refrega.

Laçado e derrubado, ataram-no a um corpulento boi-de-carro e a pulso foi levado para o curral da Barra Nova.

Vendido para um boiadeiro, tocaram-no para Formosa. No tanger da boiada, já perto de Campos Belos, a meio caminho do destino, uma camioneta que trafegava pela rodagem, alheia aos apelos dos tangedores, dividiu a gadama pelo meio, mas só chegou até Jordão, única rês a não desocupar a estrada. Relembrando sua antiga majestade, escorou o carro, que, parado, rece-



beu violentas marradas na lataria, arrebetando os pára-lamas, as portas e os faróis, que o camioneteiro, escapo por milagre de Deus, nem razão teve para reclamar paga de prejuízo.

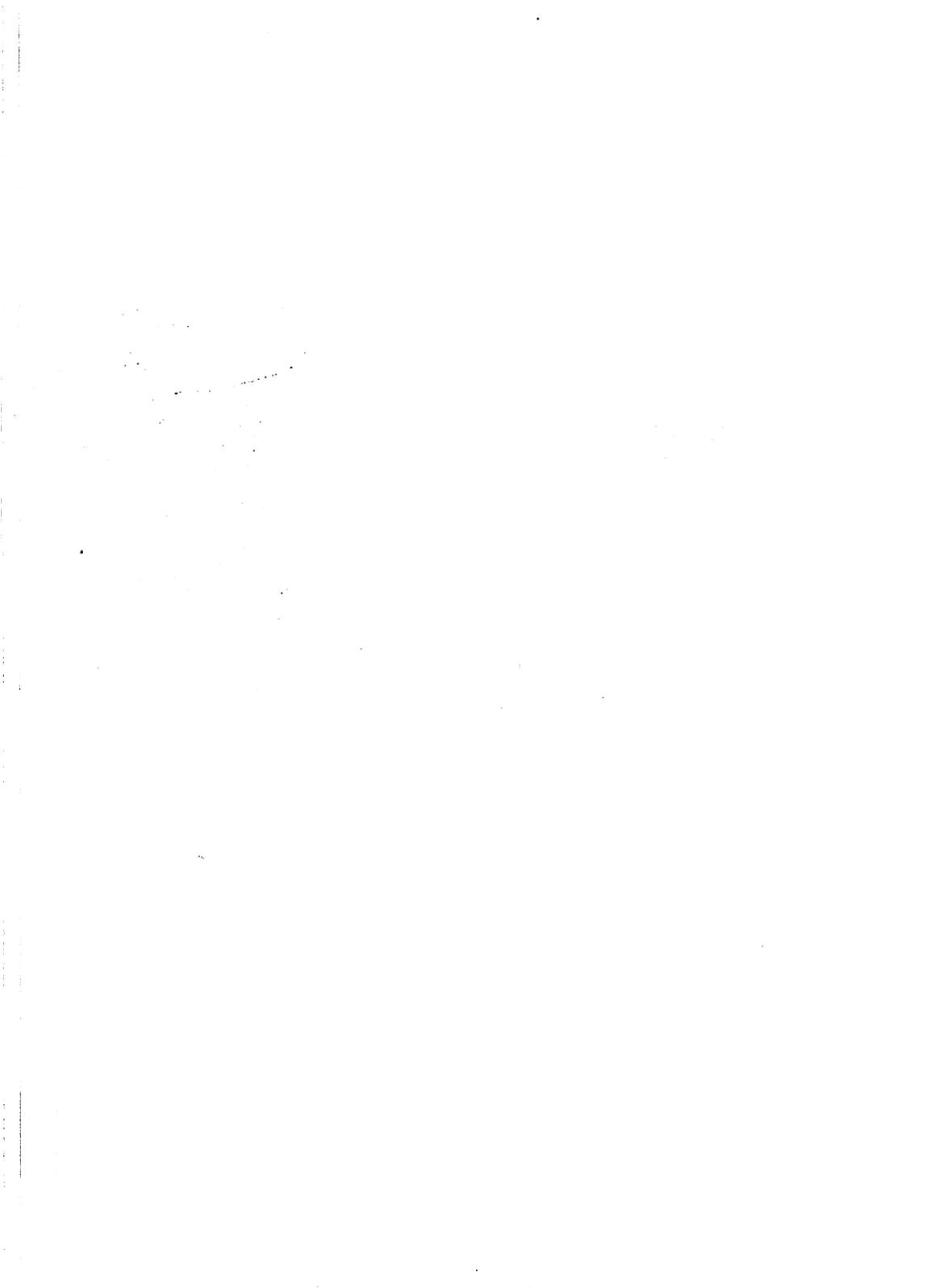
O fato serviu para despertar no marruá a antiga imponência, fazendo-o sentir-se imbatível de novo, como se lhe tivesse, num derrepente, renascido a veneta, e não houve peão que lhe tomasse a frente. Só foi até ali. Nem um passo mais. Dali voltou desembestado.

Dias depois, encontraram o bravo touro na beira do Palma, nas terras da Chuva de Manga, perto de seu domínio de antes. Morrera afogado, na tentativa de voltar à liberdade. A correnteza do Palma minara suas forças, e o barranco escarpado fora sua desgraça.

Mas o nome de Jordão virou lenda. Bem assim Joaquim Toma, que morreu numa festa num lugar por nome Paraiso, matado por um senhor de Josiano, que nem mesmo o conhecia.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA



OS PAPAGAIOS DE RU

BANDIDO DA CARTUCHEIRA

Gerson Murilo Ávila de Paula

Curso de Psicologia — FAFICH

De cima da noite Ru soltava papagaios. A cidade não sabia, mas Ru sempre amou voar da janela. Os papagaios de Ru eram cada dia de uma cor, como se os vãos não fossem iguais e ele precisasse sentir que não eram iguais. Mas ninguém via os pássaros noturnos de papel crepom sobre a cidade. Ru ficava do hotel sentindo o vento levar até a linha acabar na mão. Ru não tinha tempo, e podia demorar ou correr com os gestos, dependendo do que fluía no corpo.

Os papagaios azuis eram os mais importantes para Ru, porque ele sabia que Flívia sempre vigiava o céu à procura daqueles «pássaros de crepom». Flívia era linda da janela, com binóculos e cabelos louros de ferrugem molhada. Ele a amava quando soltava os azuis, mas ela nunca ficou sabendo de Ru. Ouvia Flívia ouvindo os beatles, e sentia o cheiro de esmalte que ele sabia ser a base que ela usava. Flívia ficava na janela, tinha certeza, vigiando o início da noite e do vôo, comendo bombons e jogando os papéis celofane nas avenidas.

Quando chovia Ru chorava e os papagaios caíam como sempre, mas antes de Ru voar. E ele tinha de arrebentar a linha e guardar na gaveta do criado mudo. A gaveta de Ru era cheia de linhas emboladas de muitos tamanhos.

Os papagaios passavam acima dos luminosos multi dos edifícios, e das luzes gelo e dos automóveis. Ru era um cometa noturno, interestrelar, que queimava o corpo de cor em muitas

constelações. Cada vôo era um início como em Flília. Ru passava sobre as cabeças dos bêbados da cidade, entrava em muitos quartos e gostava dos viadutos, que denominara de «as veias abertas da cidade».

Nos domingos Ru sempre voava de negro. E Flília nunca ficava contente nos domingos. Ru sabia que os cabelos de ferrugem molhada de Flília ficavam na janela insistentemente todos os domingos, vendo o sol se derreter esperando pelo azul. E que depois Flília ia se deitar chorando, talvez abraçada a um ursinho de pelúcia, como nos filmes, porque nunca havia o vôo azul para elas nos domingos. Mas Ru não se importava com isto. E não se importava com Flília quando os papagaios eram verdes, alaranjados, amarelos, vermelhos, brancos ou mesmo cor de rosa (que para ele significava amarelo, rosa, vermelho, e branco em tons especiais, como de jardins na memória). Ru não podia soltar papagaios iguais todos os dias, porque Ru era muito especial, rasgando anseios que nem ele sabia sobre as luzes, que mesmo em milhares pareciam isoladas e singularmente misteriosas e lindas.

Quando os aviões das últimas linhas noturnas zuniam, Ru gritava como louco para não ser ouvido. Gritava por causa das luzes que também podiam voar como os papagaios de cor.

Ru do hotel tocava os fios dos postes enquanto soltava os papagaios, e executava para si uma sinfonia qualquer. Flília nunca o ouviu tocar uma sinfonia em fios para a noite de doer. Do alto do vôo Ru sentia a cidade cintilar à mirabolante orquestração e aos movimentos no ar para sustentar. Ru morria muitas vezes sobre a cidade. Morria se enforcando de desejos nas linhas dos papagaios, mas Flília também não sabia. Flília nunca ficou sabendo de Ru.

Numa tarde Flília cortou os cabelos de cachoeira e os guardou de ferrugem em uma caixa vazia de sabonetes de cheiro. De noite apareceu nua na janela, com os cabelinhos realçando o rosto triste de Flília para o corpo de crepom de Ru. As formas de Flília linda ficaram como um poster na parede do edifício.

Ru naquela noite de azul disparou e sentiu os movimentos com toda intensidade que pôde dar para os dedos, às vezes suaves

como que acariciando a resistência do ar, ou desesperado ouvindo os gemidos de amor dos quartos de uma pensão. Ru sentiu como nunca a linha ligada e passando em seu sangue. Então até as duas horas do teto da noite Ru percorreu a cidade viajando as estrelas disformes, e não conseguiu mais dormir e ficou escutando embaixo do travesseiro, no radinho, os sons dos outros da madrugada. Ru pensou muito em Flília.

Quando a manhã aconteceu desnudando a metrópole, Flília chorava e não sabia porque. Flília em frente ao espelho via seu rosto. O rosto de Flília parecia de cera escorrendo sentada na cama. O dia estava revelando o corpo de Ru no asfalto esticado de costas. Os olhos assustados e os olhos de Ru. Desinteressadamente a rua se movia como uma salamandra colorida e cheia de vida. E a janela fechada de Flília, sem saber de Ru.

Durante 33 noites Flília ainda desejou Ru, e passou ouvindo do silêncio toda espécie de ruídos que pareciam ser de um milhão de urros loucos. Flília chorou as 33 noites pra poder esquecer os papagaios de cor da dor de Ru.

OUTO

MADALENA

Maria José Somerlate Barbosa

Faculdade de Letras

Preciso chegar lá preciso alcançar alguma coisa segurar levantar gritar pedir socorro o chão está frio os meninos vão acordar a porta do forno está aberta está doendo se eu pudesse alcançar alguma coisa mas o corpo está tão pesado não posso ficar assim não sei medir a distância daqui até a porta nunca soube acho que a bala perfurou meu pulmão está difícil de respirar é o sufoco o ar que falta.

Acho que ele já vinha pensando nisto há muito tempo estranhei que estivesse tão calmo esta manhã ele premeditando me matar assim à traição covardemente ah se eu pudesse me arrastar até ao telefone mas o corpo está tão pesado me meter uma bala assim de surpresa ruído seco e dor estranha.

Ele perguntando querendo saber o nome do amante que amante meu Deus lava passa cozinha está na hora de levar as crianças para a escola esquentar o jantar menino toma banho escova os dentes e a prova de amanhã uniforme novo supermercado botão na camisa as compras a cozinha roupa suja arrumar a casa não acho minhas meias.

Como dói esta ferida está sangrando não posso morrer assim preciso de respirar o ar que falta as pernas não me obedecem por favor alguém me dê a mão.

E ele repetindo que não estava me usando eu estava com umas idéias esquisitas de direitos de mulher fantasias quem andava enfiando bobagens na minha cabeça ele trabalhando dando duro.

Ai a dor está ficando insuportável preciso tenho de segurar alguma coisa e me levantar não posso ficar parada não posso morrer que crime cometi que crime não querer ser mal amada desamada pedir um espaço vital?

Ele está saindo agora ouvi-o falando no telefone será que vai chegar alguém preciso de ajuda meus olhos posso ver mas o corpo está inerte.

Será que é isso que é ser mulher mãe esposa dona-de-casa casar ter filhos parí-los na dor cobrir-se de sangue viver sendo menos e morrer feito nada planejar e orçamento apertar as despesas pechinchar na feira dar denúncias à SUNAB boicotar a carne lavar com Omo e morrer na cozinha?

Como dói acho que não agüento mais parece que alguém vem subindo as escadas quantas horas são há quanto tempo estou aqui presa aos fantasmas e ao tempo que falta?

Será que é destino bem minha mãe me falava que mulher nasceu para ser escrava mas que amo e senhor que reino e que plagas limitam tanto espaço e tanta distância quem sou eu cidadã brasileira cor branca olhos escuros casada com comunhão de bens CPF título de eleitor identidade curso secundário trinta e seis anos dois filhos dependente e baleada.

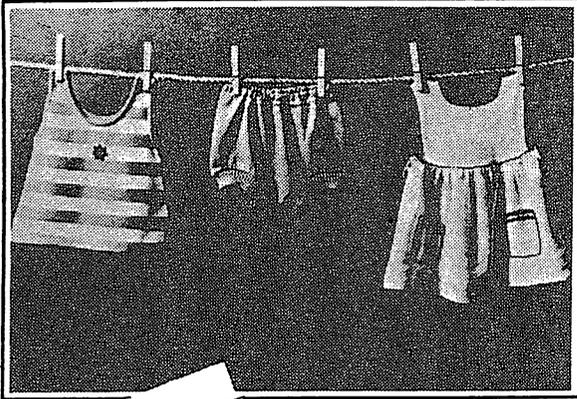
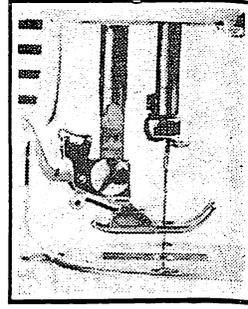
Parece que alguém está chegando e os meninos acordaram puxa vida será que não vai parar de sair sangue estou sentindo uma canseira danada o ar preciso respirar conseguir não posso morrer assim.

Haverá mesmo mulher ou é um termo abstrato que se usa só para se codificar um elemento assim como se chama geladeira de geladeira porque é preciso dar nome às coisas ou talvez mulher seja um ser que pensa mas não deveria pensar feita só para servir viver à mercê e formar coágulos no cotidiano nesta luta brusca batalha milenar sangue escorrido sangria desatada dor sem parar inércia imobilidade pílula anti-concepcional.

«fêmea do homem»

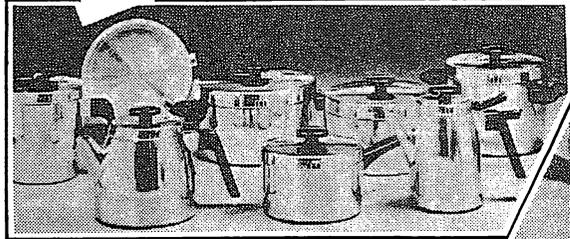
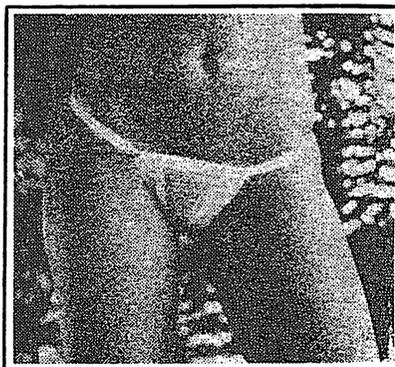
mulher

			4	5	6
	10	11	12	13	
16	17	18	19	20	
21	22	23	24	25	26
28	29	30	31		



Enquanto o juiz o Contagem, Emerson Tardieu, indeferiu um pedido de exame de sanidade mental de um homem que tentou matar a esposa com três marretadas na cabeça, alegando que parece estar "virando moda" matar a mulher por ciúmes, "como se ela fosse um simples animal doméstico", todos os crimes envolvendo a mulher foram registrados neste fim de semana. No bairro Santa Figênia, uma b...

- caldo Knorr
- azeite
- gelatina
- toddy
- maionese
- óleo
- feijão
- arroz
- sal



SE SE AMA,
NÃO SE MATA.

os homens exigem DULC...

Meu Deus quanto tempo será que ele trancou a porta será possível sinto o coração batendo fraquinho e esse sangue todo formando coágulos.

Não pode ser tem que ser alguma coisa mais que isso precisa ser alguma coisa mais sólida que menstruar de vinte e oito em vinte e oito dias mais mais importante que ser Miss Universo mais sublime que gerar um filho e mais imortal que ser letra de música tem que ser mais do que viver no escuro e morrer no sangue.

Abriram a porta vêm correndo ouço os meninos chorando sei que vou alcançar preciso de coragem não vou ceder assim parada preciso de força preciso de precis . . .

Manchete nos jornais. Bate-papo do povo. Palhas que ficam na joeira, depois de limpos os cereais.

PARADA DE FORNO

Para Leonardo

I A G O

Alan de Freitas Passos

Faculdade de Medicina

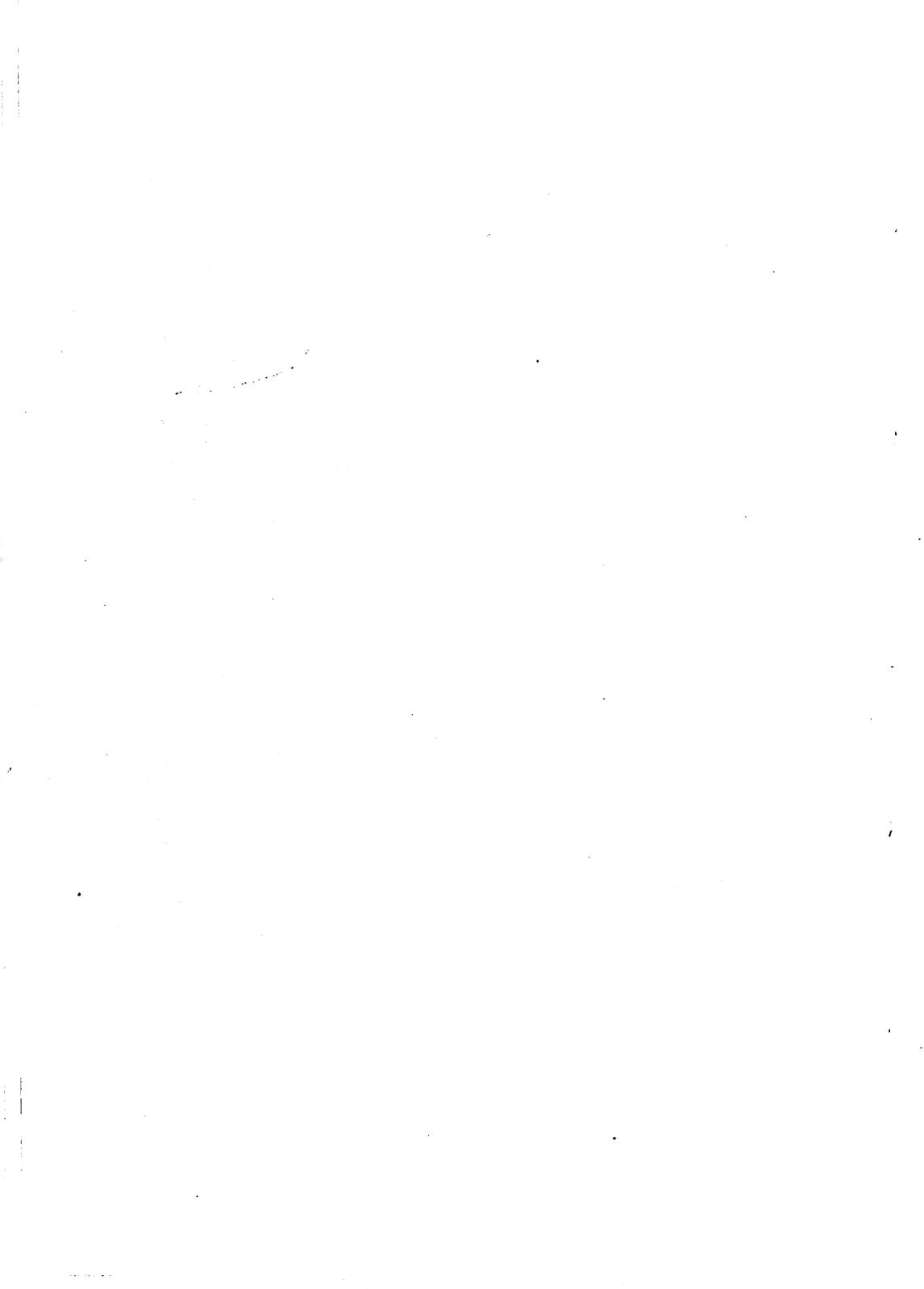
Ligaram o moinho!

Naquele dia, no instante em que três peões estavam começando a ser triturados juntos com o material bruto que vinha quase diretamente da pedreira, quando iniciava sua corrida de antemão sabida inútil para avisar o operador do painel de controle que havia três soldados dentro do moinho, Leonardo lembrou-se de uma só vez, como se todos os pensamentos pudessem existir ao mesmo tempo em sua mente:

de Bolão que ficou irremediavelmente queimado porque não virara a chave da máquina de solda antes de pegar na tomada;
de Sô Nô que pulou feito boneco de corda até morrer, grudado no cabo de máquina semelhante porque passara sobre ele a raspadeira, sem notar; de Mário de João Carão que caiu do silo porque esquecera a camisa lá dentro, e o elevador não esperou;
de Ceguinho que teve seu braço esmagado na calandra porque cochilou em cima da chapa porque tinha fumado um baseado porque precisava fazer hora extra porque a fábrica já estava parada havia muito tempo porque E lembrou-se da empreiteira que atrasava o pagamento de propósito, para ganhar juros (até que numa véspera de Natal os peões enfurecidos aprontaram a maior quebradeira no escritório), da sua carteira que só seria assinada em caso de acidente, dos olhos ardendo e chorando

depois do segundo passo da última solda no dia, dos encarregados, dos engenheiros, das estagiárias (o que faziam aquelas meninas ali meu Deus?), dos estrangeiros que apareciam de vez em quando, num helicóptero. . .

Naquele dia em que sem que quase ninguém soubesse três homens saíram do forno misturados com o cimento, toda a fábrica parou. Exceto a ensacadeira, que não pára jamais.



RL

revista literária

CONCURSO
DE
POEMAS



O MAPA DE MINAS

SÁ DE MIRANDA

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

Faculdade de Letras

Da parede
o mapa de Minas
me vigia,
patriarcal, professoral

Na hora de amar
ele me sugere quarto
minguante,
recôndito, ilícito.

Eu quero é amar na sala
na varanda,
em plenilúnio!

(O pecado em Minas
é santificado pela aura
barroca dos lares. Amém.)

Da parede
o mapa vigia
meu coração de exilado.

DÍVIDA

ALCOFORADO

Sônia Maria de Melo Queiroz

Faculdade de Letras

a mim
ensinaste-me o beijo
e o riso

e a dança ritual do
fogo
e a fome

por tuas mãos
levaste-me a
trilhar os músculos

e a morder
a carne
e a beber
o sumo

a mim ensinaste
o gesto.

e eu
nascida do grito

eu
que leio nas mãos
e me alimento e
adormeço e
desperto
em palavras

jamais te escrevi
um verso.

ANATOMIA DA ORIGEM

ISSINHA

Clarissa Cançado Lara Resende

Faculdade de Direito

Minas e suas entranhas de ferro
exercendo magnético mistério,
Minas e suas montanhas
deslizando nas mãos do artista:
suavidade em neon.
Minas e suas cidades,
histórica densidade
na barroca força de unir homens e pássaros.
Minas, é preciso transpor barreiras,
não contornar mágicas muralhas,
exílio do seu constante reviver.
Minas de proféticos entalhes
amanhece branca
e já é sangüíneo crepúsculo de crônicas revoluções.
Minas diamantinamente encravada a leste,
és latino privilégio de criar
eternas inconfidências.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

BRASILEIRO POR ACASO

ANAPTIXE/SUARABATI

Avanilton Murilo de Aguiar Cruz

Faculdade de Letras

Sou brasileiro
por acaso
e pra não criar
mais caso
o sou por convicção.

Essa terra imensa
esse florão d'américa
são mais de oito milhões
de quilômetros quadrados
e não sobra nem um pedacinho
pra gente fazer amor
mais sossegado.

Eu sofro as conseqüências
de m'ia consciência
esse desejo imenso de beijar a rosa proibida
de cheirar o cravo
de colher borracha
lá no ama-zonas
devolver a terra...
matar o homem
me faz acreditar
que o animal feroz
é um homem racional.

A AGOSTINHO NETO

D'SIQUEIRA

José Cândido de Siqueira

Faculdade de Letras

Da sua poesia que é arma
armada
a disparar palavras
e a armar a mão vazia

da sua poesia que é paz
conquistada
dessa gente negra de alma rara
de lutas terras e reminiscências
de um povo desta Angola arredia

de uma agostinho livre
a lançar no espaço
palavra certa
a ferir a consciência
e a despertar a alma negra
adormecida

mas sua poesia é lança
é lastro
é livre no silêncio de tambores
na pó-eira de terra batida
nos pés
nesse rito de dores e fé
adormecida

no pó-ema de terra ardente
no ver-so de sol pó-ente
na pá-lavra pó-esia rima
da folha alva palavra mina

neto nato nativo
sob o sol vermelho e bravo
homens nus religioso motivo
de sua poesia negra
 no marfim-cravo
«do povo buscamos a força»
e a certeza d'um amanhã
livre

SINAIS DE FUMAÇA

(da poesia e seus mistérios)

GIANFRANCESCO

Antônio Carlos de Souza Pereira

FACULDADE DE LETRAS

O vício, nosso vício
& nossa asma, rouquidão;
nossa arma e nosso ofício.

Ver dentro e ver fora;
nossos olhos, nossa lenta
peregrinação estrada afora
de pedras e palavras.

É erguer edifícios fora
de hora, suspender lençóis
azuis num varal sem corda.

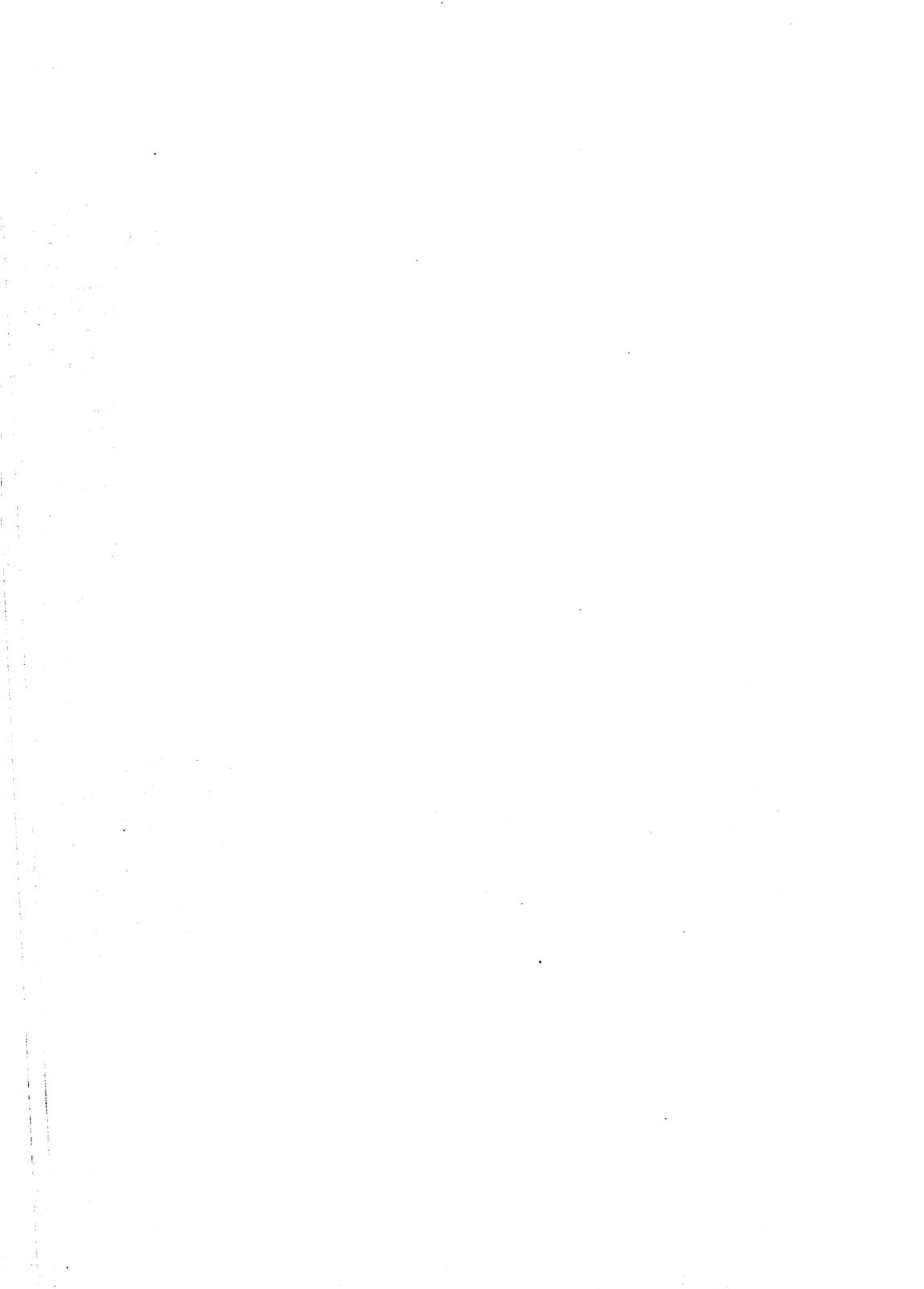
Nossos orifícios, negócios de
andarilho incansável, portas
de castelos da maravilha,
míssil que invade a órbita

dos que não voam.

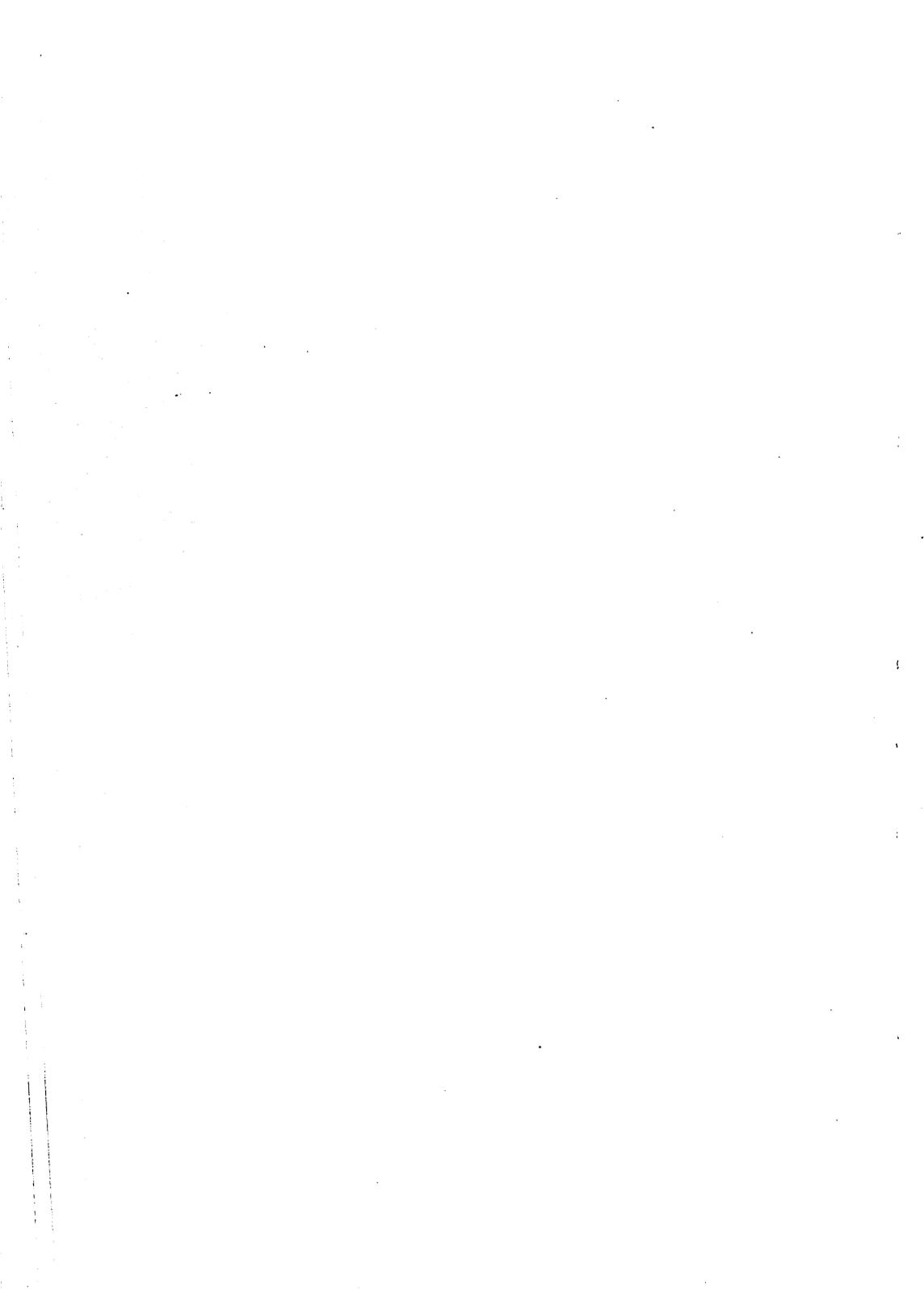
RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO



POEMAS



VIVER

Adão Ventura

e se o amor
acaba?

e se o barco
afunda?

em que
medir a fala
de um criado mudo?

se viver
é um mínimo
de uma vida inteira?

LABOR

Álvaro Fraga

Torta poesia,
essa com que teço o dia a dia,
juntando dores e inconsistências
na vã tarefa de remendar o amanhã.

Burlesco trabalho a que me entrego
medieval artesão de sonhos,
a coser com versos, linha tão frágil,
o cinzento manto da realidade.

E o mais difícil em tudo isso,
é tornar elegante a diária mortalha.
De tal modo faltam-me cores,
que é impossível deixar de ser gris.

O verde de teus olhos
perdi num desses costumeiros descuidos.
E o azul da liberdade há muito nos foi roubado
por El Rey tão poderoso.

De resto, sobram em demasia,
em tão antigo cesto de costura,
descoloridos mesos, dores, misérias,
com os quais se borda o cotidiano.



yon BL

O TREM MAIS VELOZ DO MUNDO

Sidney Martins

tic-tic
tic-tac
tic-tic
tic-tac
tic-tic
tic-tac

lá vai o poema
no relógio
que não espera
na esquina
pelo atraso
de quem ficou
a girar
e sonhar

segundos passam
e perdem-se na poeira
do tempo
que o vento
em seu caudal
para além-mar
levou

tic-tic
tic-tac
tic-tic
tic-tac
tic-tic
tic-tac

lá vai ele
verso afoito
e sedento
em busca de hora
e momento
que venha a minuto
saciar o desejo
que lhe torce a língua
e seca a voz

O CAÇADOR

Ângela Cançado

Ah, a dor multiplicou em muitos
Os teus dias.
De navegantes raízes necessitas, ó grão,
Do permanente mistério da água
Que em rio desemboca
Tantos olhos submersos,
Opacos faróis
A navegar em meu sangue
Como um sonho.
Para tua raça de vampiros e poetas
Morrer não é o pior,
Quando se é o caçador
E não a seta,
Na brancura do linho,
Armadilha secreta.

De uma mulher
Te salvaria
A alma pura.
Mas que outro ser
Te duplicaria a desventura?

Quando a claridade
For o que repousa
Na esteira vazia da noite,
Tu velarás,
Pobre criatura,
No solitário açoitado.

LATINO

Antônio Barreto

Falemos agora do Chile, do River Plate,
e de Santa Cruz de la Sierra, do trem
de Amanda. Falemos das flautas do andino paraíso
onde Manuel e Chê
lavaram as dentaduras.

Fumemos um cigarro em homenagem
à paisagem, fumemos o povo brasileiro
e torçamos pela alta do Guarani.
Compremos coisas pra nos escondermos
do frio: por exemplo a fábrica
de papéis onde enrolamos cebolas
pra exportação. E enquanto vomitamos
vinho no começo dos Andes cantemos
um Hino ao Paraguai vermelho como
a neve que agora cai.

TAPETE

Joanyr de Oliveira

Aos pés submissas
as flores
nutrem o pó. Desterrada cor
a doer na penumbra.

As pétalas naufragam
no invisível.
Graves, corpo de suicida,
solenes como a última vontade.

Assisto-as como ofício
de meu silêncio.

A LUA CHEIA QUER SE BANHAR NO RIO

José Alexandre Marino

Ao povo de Groaíras, Ceará

todo dia
o sol morre vermelho de sede
no leito seco do Rio Groaíras
e se sepulta entre as carnaúbas

todo dia
os homens plantam a esperança
às margens da poeira do rio
e tentam desenterrar
de suas cacimbas
algo além da fome e da fé

todo dia
os homens levantam o rosto
para o céu
e tentam encontrar algo mais
que nuvens de chuva ou a lua cheia

quando, enfim, um dia
o inverno as águas semeia
os homens assistem a terra molhada
fertilizando a fome
ou tristes colheitas
que se esgotarão à primeira festa

todos os dias e todas as noites
os homens aguardam idas e vindas
pelos campos e pomares
constatando após muitas esperas
que a chuva não engorda seus salários

todo o tempo
por mais que o tempo mude
todos continuam famintos e distantes
e a lua cheia segue a procurar
um leito de rio onde possa se banhar

por que durante todo esse tempo
as coisas prosseguem sem mudar
como o curso de um rio eterno
que constrói açudes e desertos?

por mais que a chuva chova
e que a terra a sugue
sempre haverá um rio minguante
por onde a água escorra
até que o sol a mate.

A PROPÓSITO DE UM RETRATO EM UMA CARTEIRA

Lúcia Afonso

A mim, me interessa a distância do centro
em que fica equilibrado o retrato.

Incomoda-me que leiam em meu rosto
meus restos e trapos.

A propósito de documentos,
não deveria haver cara
tanto mais cara e arriscada
uma empreitada.

A mim, me interessa a posição exata
em que põe minha face
para que eu calcule a distância ótima
de fuga e ressaibo.

A mim, documento neste dito espaço
em rosto e traço
para que o tempo desmorone esse intento
que cerca as imagens
e seus altares construídos
em campos de plásticos.

ACALANTO

Lúcia Castelo Branco

Serena,
te caminho em torno
e te reconheço o corpo antigo
o corpo morno
de infinitas proporções.

Recolho o terço
e te rezo orações de promessa
te benzo a ferida e
aqueço a compressa
com que te adormeço.

Te adoço de sabor amargo
e mágoa
te dou meu leite seco pra beber
de sustento e acalanto.
Dócil e ligeira
te protejo do veneno o doce encanto.

Súbita,
te desperto os membros
e te desconheço a força antiga,
o sangue estanque na ferida
em cicatriz.

Recolho a cruz e te exorcizo, diabo,
de água benta te benzo
calcanhar, braços, raiz.

Te amargo de sabor doce e ferino,
te cravo o veneno no agudo dos dentes
caninos,
e te canto uma cantiga fina de anjo,
teu corpo tão frágil,
menino,
me desfalece a força.

Mãe desnaturada,
te arranco os olhos,
te sugo o sangue,
te ofereço o cravo, o credo,
a força.

MORRENDO DE SAUDADES

Marcus Vinício Araújo Nascimento

Querido

Hoje acordei apaixonada por você

Não é incrível?

Senti no ar o odor inconfundível do seu desodorante

For men

For me, meu amor

Meu bem

Procurei você o dia inteiro

Vasculhei todos os bolsos de seu palitô

Me perfumei, soltei os meus cabelos

Misturei lembranças e temperos, cosméticos e retratos

Maquiei toda minh'alma

Amor

A saudade era tamanha

Que eu reli todos os seus cheques (os canhotos)

Calcei os seus chinelos

Fumei os seus cigarros

e sai de camisola na varanda

Coração

Diz quando você volta

Senão acabo saindo com seu automóvel

Ou me enforcando com uma gravata sua

Ou inventando um lenço sujo de batom

Ou fazendo amor com o seu aparelho de barbear.

O BOI

Maria Consuelo Porto Gontijo

um penedo às costas...
ombros em base de pedra
a suster tanto
árduo trabalho.

canga no dorso
luzido,
a lavrar searas
que lhe negariam
o grão.

o ferro em brasa
no corpo
em sustos de apagar
no couro
o aceso da liberdade.

no negrume das manchas,
um poço de cismas...
no santuário das tardes,
os chifres em quilha,
a exigir viver
na força
das próprias
aspirações.

absorto
nas rezingas do olhar
espichados em pastos
de eterna reflexão,
o boi,
tão forte...
e não sabe.

PERFIS

Renato de Pinho

Doce Perfil — I

Sem admitir (que é isso?)

que todo nosso esforço neste mundo é vão,
na faina do Viver e Ser
não sou (nem és) omisso
— amigo de coração —
Anís José Leão.

Doce Perfil — II

Geometrizar o nada
é bem melhor
que a frustração atrás
(dia a dia empós)
de a síndrome da compra arquitetar
para o burguês vulgar
tornar vil o tom
promocional e claro que lhe dá
da Silva, o Newton.

Doce Perfil — III

Trazes na face
a expressão amena
(serena)
de quem frui de Deus e dos Santos
(pra sempre)
o etéreo, místico e celestial gozo,
Vera Alice Cardoso.

Doce Perfil — IV

Ao de teus contos o espírito ter,
a plinar acima de meu ser
desato
Luís Fernando Emediato.

Doce Perfil — V

José Mendonça:

Ao te encantares com
dos versos, a beleza,
encantarás também
Maria Teresa.

Perfil Amargo — I

1960

A filha do chofer de caminhão
Curtiu na UC Comunicação.

1970

A filha do chofer de caminhão
Viveu na zona por tradição.

1980

A filha do chofer de caminhão
Morreu de câncer no coração.

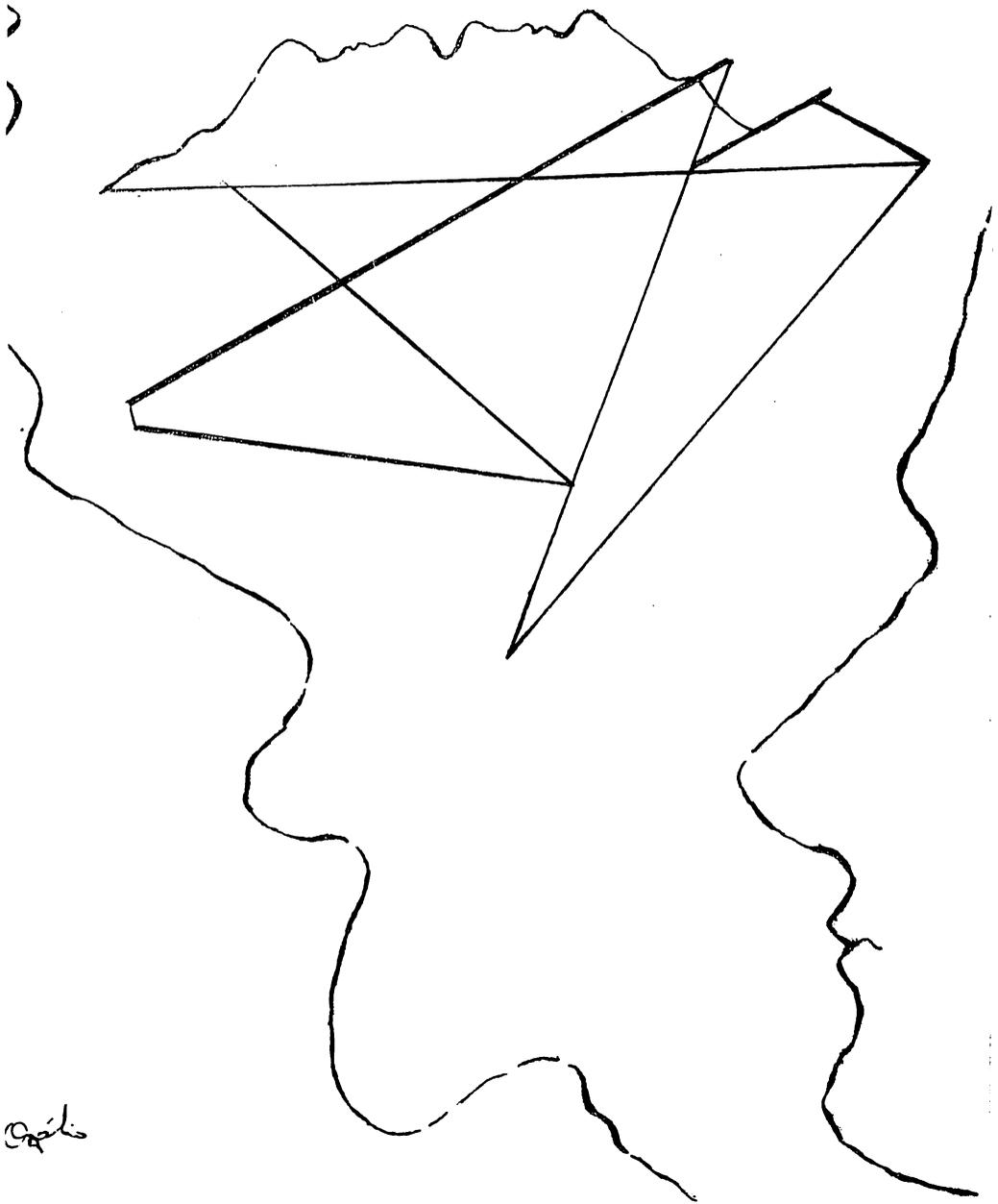
Perfil Amargo — II

1970

Querendo mostrar que ainda tinha tesão
O velho professor de matemática
 (recém-saído da prisão
 e ultra diabético)
Largou sua mulher
E foi viver
Com a irmã
Da filha do chofer de caminhão.



Handwritten marks on the left side of the page, including a large curved line and several smaller, irregular shapes.



Opis

Poeminha Especular

Estranho Alguém existe em mim:
está onde estou
alheio ao Eu que Sou
e ao dizer o que não sinto
nele me Pressinto.

QUE TERROR É ESTE, COMPANHEIRA?

Nilza Rocha Feres

Que País é este, Companheira?
Perguntam Affonsos, Gabeiras

Notícias tristes
Mulheres mineiras

(— Que terror é este, Companheira?
— No Cantão das Gerais chegou o terror:
homem mata mulher/flor)

Oh! Minas de Machos
— de homem, poucos
Que guardam em seus atos
Emblemas tão loucos

(— Que temor é este, Companheira?
— Mataram mulher mineira)

Que Minas são estas
De feudais Senhores
Que errando lugar e hora
Voltam páginas da história
Escrevendo memórias
Com mais sangue e menos glória?

(— Que horror é este, Companheira?
— Matam mulher toda hora...
— Mataram uma ind'agora...)

Que mulheres são estas
Que alienam
suas almas, suas casas
seus passos, seus atos
sentidos e nervos
gestos/desejos?

Onde a cabeça, o corpo
gozo, palavras
e mais valores/rancores?

Reprimidas pelos homens
Que se dizem seus Senhores
Em nome de mil amores
Com mais pedras/menos flores
Aceitam o lugar/valor
De moeda uso/troca
Operando e circulando
(Como objeto entre homens)

(— Que pavor é este, Companheira?
— Mataram mulher que perdeu valor de troca)

(— Que fervor é este, Companheira?

Mulher rica/mulher pobre
mulher jovem/já madura
mulher pura/mulher puta
mulher branca/mulher cor
mulher mãe, mulher/amor

...

— Para onde vamos, Companheira?...

DE BUFO GALOPE

Pascoal Motta

EIS MEU CAVALO NO PASTO A GALOPE :
VIAJA MEU DIA NO ANTES PASSADO :
AS CRINAS, É VÊ-LO, ALADO CAVALO
TROTANDO DE MIM MEMÓRIA TARDIA

EIS MEU CAVALO, TÃO BRANCO DE SUSTOS,
AS PATAS BATIDAS NA TERRA DE VERDE ;
QUEM DEU-LHE, VELOZ, PODERES DE VENTO,
BUFANDO NAS VENTAS, E ANCAS DE FÚRIA?

EIS MEU CAVALO SEM BRIDA E DE BRIGA,
VARANDO UM DESTINO, AS PATAS NO CHÃO,
O CASCO DE AÇO TALHANDO A TERNURA
E O PASTO TROTADO NO VELHO MENINO

O SONHO MAIS LENTO QUE O PASSO APRESSADO,
O RIO MAIS LERDO QUE AS CRINAS NO AR,
CAVALO A GALOPE, DE CHEIRO E LEMBRANÇA,
JÁ SOLTO DO CORPO E PRESO DE AZUL

EIS MEU CAVALO DE HERANÇA BANHADO,
DE FRIOS TROPELOS NA MESA DA NOITE,
SÓ VEM DIA NOVO E NO CLARO DO PASSO,
PISANDO PROFUNDO NO CHÃO DO PASSADO

CAVALO DE PAU, QUE DEUS TE LEMBROU
DE TRÓIA VENCIDA NA URBE CANSADA?
ESCORRE O TEU SANGUE NA PAUTA DA CERCA,
BUFANDO CANTIGA DE TE ESQUECER

NOTURNO PARA AMOR GEMENTE

Paulinho Assunção

Quando escancaro a boca de amor
e mistério
 e lavo
 alma e existência
no suor das camas
sou, Araçuai
o espectro de Luciana
varado de punhais
e vergonha

Quando percorro com o ventre
os corpos
 e arranho
os portos de Cleide
Maria
 Ana
 Inês
e Rosa
sou, Araçuai
o bolero
gasto bolero que de maracas
só meu coração
 austero

Quando adentro e vasculho
todos os seus quartos
e nas cortinas rendadas de amarelo e roxo

vislumbro a nudez
sou, Araçuai
os ais indecifráveis
dos seus bordéis
e Luciana geme
no calor de um homem

Quando na mesa gasto
o álcool madrugadeiro
e Marizete bebe
minha última esperança
sou, Araçuai
também
apenas um homem brasileiro
manso por fora
e por dentro
 cordeiro

MULHER

Ronald Claver

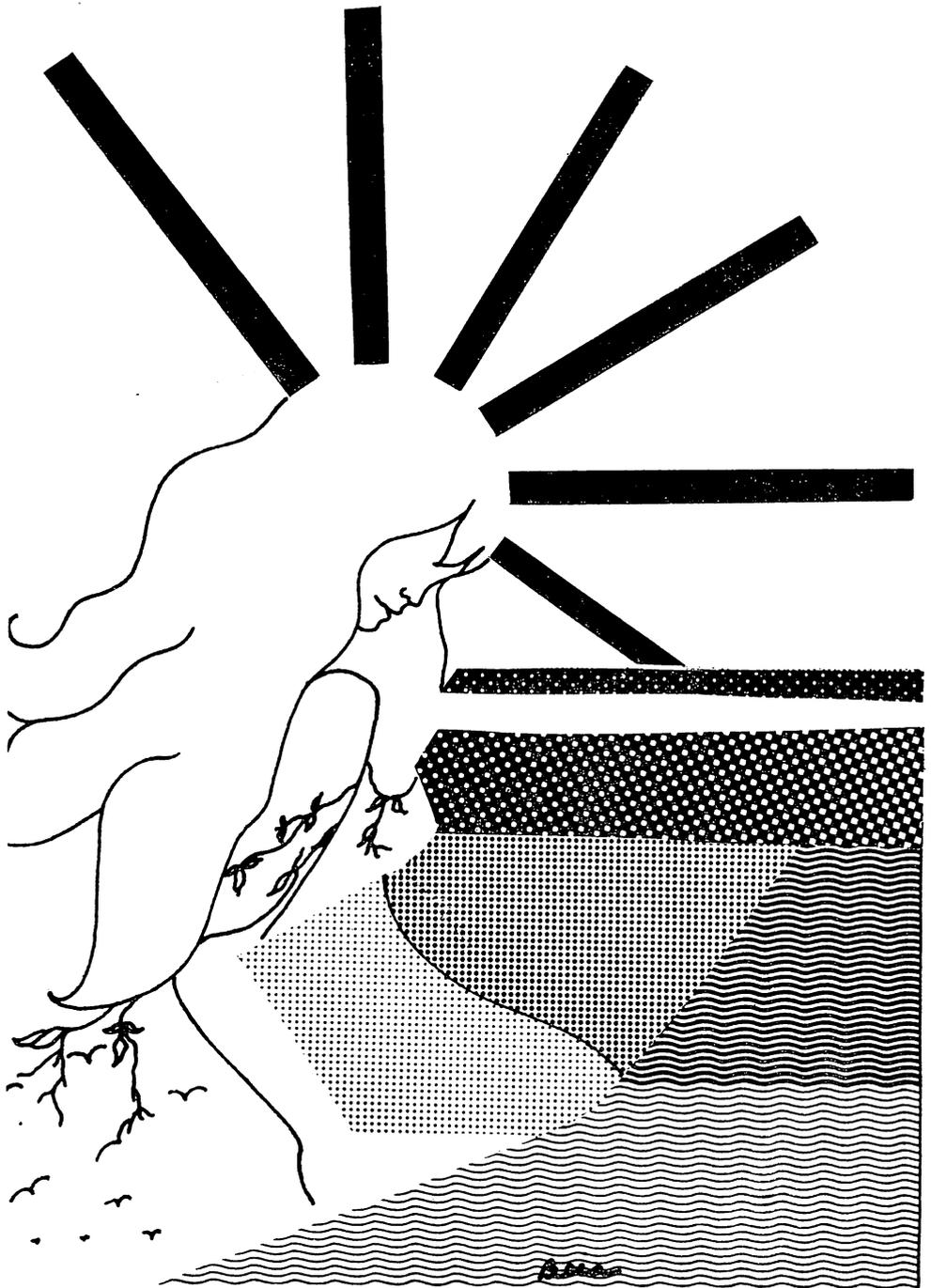
ah, míriam, refazer
os olhos e a estrada é lição
primeira nesta manhã precária

há tanta esperança esperando nos olhos
há tanta semente semeando a terra
que os fuzis que trago no peito
não governam o grito e o medo

desperto em seu corpo o pássaro amado
e armado em vôos e distâncias
me confundo nos lances e lençóis

a mulher que amo é um povo em liberdade
de boca clara e cabelos ao vento
as cicatrizes e arranhões são cacos
de um quebrado coração

ah, mulher, a vida há de madrugar
em nós como num rio, riacho ou mar.

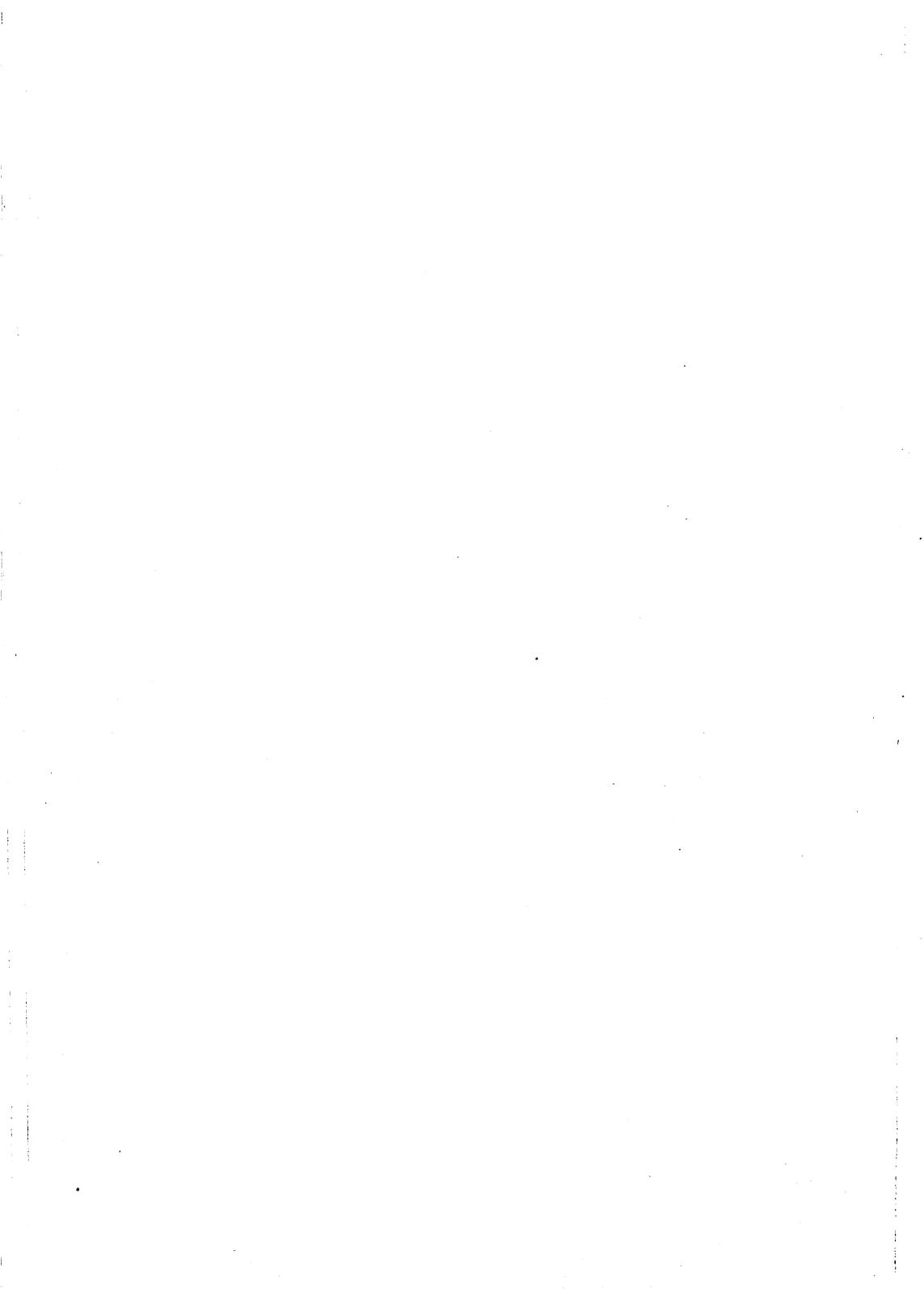


F R E E W A Y

Rosa Neves

; calar no peito amargo sopro o canto
do entrave morte curta a sorte pouca
contar do meio o fim da estrada solta
sabendo enfim da dor espaço claro
cantar por fim o azul do norte ardente
a voz do autor cadente o verso altivo
o sonho ausente a vida irreverente
o polo sul o doce sol caliente
até o grito salto vida e festa
em brasa o sangue aberto o vaso raro
explode a bolha e vida a sorte louca!

CONTOS



CORPO DOURADO DE PANTERA

Duílio Gomes

Sabe, baby, eu ontem tive um sonho com você. Verdade. Imagina se eu ia mentir. Coisa mais sem graça. Agora não conto. Ah, baby, então eu conto. Não, pelo telefone fica chato. Podem ouvir. Te escrevo uma carta, pronto. Tá te cuidando? Não vá me trair. É. Eu? Jamais. Nunquinha. Olha, baby, estou com saudades. Sei, eu também. Eu também, baby. Tive um orgasmo de tigresa ontem. Claro, no sonho. Com você. No Skylab. Pronto, já estou contando. Um beijo. Te espero no aeroporto. Ciao, baby, um beijo, um milhão de beijos. Desligou, ficou algum tempo olhando pela janela e depois sentou-se diante da penteadeira. Passou **blush**, rímel, retocou o batom, tirou o esmalte das unhas, uma a uma, pintou tudo de novo com uma cor mais clara. Ajeitou os cabelos, olhou-se de perfil e só então, com um suspiro, levantou-se. Jogou o casaco de pele no ombro e saiu. A noite estava um pouco fria. Dentro do carro, rodando a quarenta, não era tão desagradável assim. Afinal, tinha um casaco de pele envolvendo o seu corpo dourado de pantera. Um casaco que ele havia comprado em Nova Iorque. Ele era o rei dos presentes. Adivinhava seus pensamentos. Baby, não precisava, um diamante deste tamanho! deve ter custado uma fortuna. Custara, claro. Mas ele não era milionário? Bilionário, trilionário, o que sabia ela, havia herdado toda a fortuna dos pais. Filho único, educado em Londres, conhecia o mundo inteiro, falava montes de línguas, um lord, um sir, ninguém dizia que era brasileiro. Só faltava o sotaque. Te amo, baby, não precisava, assim você me deixa mimada. Um casaco de vison, cem mil ações da Vale, um carro-esporte, uma gargantilha Cartier, não, baby, não posso te dar

nada em troca. De você só quero este corpinho lindo que me deixa louco, dizia ele como se estivesse declamando a letra de um bolero, os olhos tarados internacionais, os olhos bilionários, pastando amor, que feitiço você pôs nesse homem, Carla? As amigas querendo saber o segredo, macumbinha? despacho? café na calcinha? Imagina, usar esses artifícios com homem de tamanha classe. Mulherada grossa. Charme, queridas, veneno pra derreter estátua eqüestre espanhola. Solamente. Na verdade foram dez novenas e um cerco de três meses no bar que ele frequentava. É claro que seus olhos cor de Vênus crescente misteriosa tinham ajudado bastante a mineração. E na primeira noite em que foram para a cama, aquele gemidinho rouco salivado também cooperou para cimentar nele a sementinha da paixão. Paixão. Paixãozona tresloucada. Repentina, caudalosa e fervente como uma galáxia explodindo. E nunca, nunquinha mais ele olhou ou transou com outra mulher. Trazia baby acorrentado na gamação, coisa mais louca esse negócio de amor, devia estar se masturbando agora no quarto do hotel enquanto olhava o retrato dela. Costumava fazer isso quando ficava mais de uma semana fora. Lhe confessara. Ela disse espantada, deliciada, baby, isso vai te estragar a saúde, só pense em mim e pronto, se quiser pode ter um orgasmosinho quando se deitar pensando em mim, mas se masturbar, que coisa, baby. Teve vontade de rir mas ele estava com uma cara tão séria, tão lord nobre da Velha Albion e lhe havia trazido um **poodle** tão podre de chic e **pedigrees** e de repente lhe beijava os seios com tanta fome que ela engoliu o riso, imagina, baby. Estacionou o carro na esquina do scotch-bar. Acendeu um cigarro, a noite clara de estrelas, o vento soprando seus cabelos louros, romance, poesia. Estava afim. E ele também, quando se levantou da mesa onde bebia sozinho e veio até o carro. Nada de especial. Quis arrancar mas ele segurou de leve o seu pulso, aceita um drinque, meu bem? Mediu-o de alto a baixo, avaliando-o. A gravata não combinava com o paletó e a voz era de canastrão. Mas talvez valesse a pena, não custava tentar. Entre, ordenou. Meu apartamento é aqui perto, falou ele sem olhar para ela. E acrescentou rápido, não quer mesmo um drinque? Aceito no seu apartamento, ela respondeu, também sem olhar para ele. O apartamento-aqui-perto era no centro, um trans-

torno. Trescalava a mofo. Uísque nacional. Reproduções na parede, ela, que tinha dois Van Gogh e um Matisse só no quarto. Não bebeu o uísque, claro. Ele emborcou duas doses sem respirar. Afrouxou o nó da gravata, esboçou um sorriso, sabia o que era um presa delicada. Coisa que não se pega todos os dias, gracinha, tinha que ir com jeito. Muito jeitinho. Um beijo, dois beijos, excitá-la na ponta da língua atrás da orelha, tomar cuidado com o casaco de pele, relaxa meu bem, tira o casaco, desculpa a sala desarrumada. Deitá-la no sofá, deitar-se em cima sem forçar, pelos cotovelos, depois ir se envolvendo como um polvo experiente, ela geme de olhos cerrados, ele tira a roupa. Ela fala, ainda de olhos cerrados, apaga a luz. Se despe no escuro, torna a deitar-se no sofá. De bruços. Ele vem no escuro, tateando sombras, rastreando o seu perfume francês, está perto, está quente, está em cima. A mão esquerda dele segura um de seus seios, alisa, aperta. A mão direita desce morna pelo ventre. Apalpa. Torna a apalpar. De repente ela sente a ausência do peso sobre si. As vezes isso acontece. Nem todos gostam, afinal. Só baby me entende, me ama, ela pensa humilhada enquanto torna a se vestir. Ele abre a porta para ela, desculpa, não transo com bichas. Eu entendo, ela fala. Mas na verdade não entenderia nunca, os olhos molhados de lágrimas, de lágrimas sujas de **blush**, liga o FM do carro, baby baby, eu ontem tive um sonho com você, verdade, imagina se eu ia mentir.

MULHER BRINCANDO COM MENINA

Ângela Cançado

Todas as meninas estavam de acordo. Desde as menores, andando em fila ordenada pelos corredores até as maiores, incontidas, perto da liberdade. Soeur Ana Lúcia era a freira mais bonita do colégio. Viera do norte, onde, diziam, seu pai era deputado. E o norte passou a ser a terra das santas. Em meio à escuridão do hábito, a palidez do rosto sobressaía como uma flor de sombra. Fora escolhida para mestra das pequenas e agora era sempre vista com duas ou três — às vezes mais — meninas do primeiro ano, acompanhando seu andar elástico, por onde quer que fosse. O colégio de freiras francesas fizera sucesso na cidade. Havia muito mais carteiras na sala do que o seu tamanho comportaria. A menina, uma das menores, ficava bem na frente e sentia o hálito de figo da freira sobre ela. Quando Soeur Ana Lúcia entrava na sala, um sussurro só cortava o ar de ponta a ponta, como eletricidade mágica. A aula terminava e nada fora visto além do brilho de um dente metálico, flor estranha naquela boca de linha azulada. Diziam que já levava um tiro de um admirador. O pai, desesperado, a colocara no convento. As meninas descobriram segredos. A que mais soubesse era ouvida como Sherezade contando histórias... Atribuíram-lhe defeitos e qualidades que não possuía. Calibã e Ariel. Souer Ana Lúcia abria seu rosto de maxilares altos num sorriso para todas e uma após outra se sentia recebendo uma senha, passe mágico, mensagem, código cifrado.

Começou no colégio uma disputa pela predileção da freira, rosto de luar. A menina, rescendendo a figo, inventou um jogo tão requintado que só amantes experimentados ousariam. Com-

binavam antes, duas a duas. Era necessária a cumplicidade de muitas jogadas para colocar aquela negra rainha em xeque. Muitas vezes ela já fugira com seu peão para remotas torres... No recreio, escondidas pelos cantos, se chegavam as mais ligadas. Confabulavam. Sabiam que a freira nunca deixaria falta alguma passar em branco. Denunciavam-se à mestra e esperavam, tremendo, numa excitação nova e inquietadora, o olhar direto sobre a culpada. Quase todas já haviam participado do complô. Havia pelas classes um ar de devaneio, um peso, uma vontade de chorar. Só ela, a violácea menina dona-do-jogo ainda não experimentara o sofrimento daquela proximidade aterradora. As outras revelavam depois, a medo, engasgadas, saltando pedaços, empalidecendo de repente. Que segredo seria esse?

Resolvera. Seria hoje ou nunca. Não suportava mais se sentir a exilada do paraíso, também ela queria os olhos da mestra nos seus, mãos nas mãos, aquela vontade de sair voando, como asa de passarinho perseguido por bote de cobra. Ficara pregada ao chão. Leticia fizera tudo direitinho. A colega a olhar, admirada. Exigia ser denunciada. Seria ela a próxima heroína do recreio. Coragem. O amor sentido há tanto tempo exigia uma verdadeira prova, o atear da chama. Derramara, súbito, num gesto decidido, o tinteiro negro sobre a página de caligrafia. As letras trabalhadas traço a traço, obra de paciência, o braço ferido, tudo sumira em minutos, sob a onda negra. Estava feito. Soeur Ana Lúcia tinha pela frente um erro real, uma mostra palpável do seu amor... Seria por isso, talvez, que a mestra segurasse suas mãos com tanta força. Nunca ouvira no recreio nada parecido com o que a freira estava fazendo. Olhou, por sobre o ombro acima do seu, as filas de carteiras vazias. A porta se fechara, atrás do último cochichar e a deixara só. Soeur Ana Lúcia a levava para o fundo da sala e a pressionava entre a parede e a amplidão macia do hábito. Nem em seus sonhos mais febris, rolando as duas no abismo, sentira aquilo. O próximo recreio seria de silêncio. Era como a sereia de Oscar Wilde. Inventara sobre ela tanta coisa e quando a vira na praia, desfeita em espuma, se calara. Doçura. Não tinha medo. Esperava, perdida no olhar oblíquo de flor debruçando-se sobre ela.

ESSE SANGUE

Carlos Herculano Lopes

Ainda o sinto quando ele sobe pela garganta e se coagula na língua me impedindo de falar sobre tudo o que aconteceu nesses anos em que vivi pelos mais distantes lugares só tendo como companheira essa mochila que foi de um cigano que consentava arreios, tachos de cobre e roubava cavalos com os quais conversava em um palavreado estranho e suas mulheres, que eram mágicas, prediziam o futuro com vestidos rodados e dentaduras de prata.

Esse sangue, que está vivo, testemunha a minha gagueira, pois quando quero falar, mesmo que seja para pedir um emprego, ou um prato de comida, ele se coagula na boca e as moças mandam que fique mais calmo, ou me oferecem um copo d'água no instante em que chamam o primeiro da fila, mandam que eu volte outro dia, e apontam para mim o olho da rua.

Porque trabalhar em fazenda com um berrante nas mãos guiando boiada já não é o meu feitio, pois como vaqueiro só tive mágoas, como o dia em que matei uma velha que disse que o gado não passaria em seu quintal; mas, por ordem do patrão, que hoje é deputado e tem até cidade com o seu nome, eu provoquei o estouro e mais de mil bois, em um bater de chifres e repisar de cascos, amassaram o seu corpo e desde então ela me aparece, diz que os bichos vão comer a minha carne, e que morrerei sem o conforto de uma cova.

Com esse sangue, que mancha a minha pele, vou vivendo o dia-a-dia no banco em troca de um prato ou uma mulher destas que chamam para um programa porque são as mais baratas; mas

já cheguei a ouvir, em uma conversa de bar, que nessa cidade existem velhas que alugam meninas por telefone, e com elas pode-se ficar até ter nojo ou pena, porque todas são anestesiadas, e delas só se sente o frio dos corpos, com o compasso ritmado da respiração.

Não penso em conseguí-las; pois as minhas, embora mais feias, se contorcem como cobras; mas são fatos que não posso, nem consigo entender, porque pertenço a dois mundos, e na fazenda, antes de comprar essa mochila e botar o pé na estrada, as coisas eram diferentes, pois quando, aos quinze anos, tive a minha primeira mulher, eu já a encontrei nua, com um sorriso nas faces, as pernas abertas, a respiração ofegante, e um cigarro nas mãos.

Fiquei rígido e olhava em seus seios quando uma mariposa, que depois fiquei sabendo ser o símbolo do seu amor, saindo do seu ventre, pousou em minha boca e esse sangue, que agora você o vê ralo e sem vida, provocou gotas escuras que mancharam o lençol e ela, antes arredia e tensa, disse que se sentia fêmea e foi me engolindo aos poucos, e não sei quantos dias, ou quantas noites, gastou para me digerir.

Há pouco tempo, andando sem rumo, a avistei com duas crianças mas não quis detê-la, pois fiquei sabendo, sem que chegasse a ser surpresa, que ela está na zona e a fila que os homens fazem, em busca do seu corpo e do voar da mariposa, dobra os quarteirões, e por ela muitos se matam, deixam suas famílias, ou se apodrecem na cadeia.

Hoje o banco está fechado, já é tarde e ainda não comi, não sei onde vou dormir porque na praça está proibido e qualquer tentativa será desfeita por soldados e cães que nos expulsarão com bombas e dentadas antes de levantarmos os nossos escudos, que são as tampas dos bueiros.

A solução é ir para o mercado ou para a estação ferroviária até que eles cheguem novamente e nos ameacem de morte caso atrapalhem as obras do metrô ou a passagem de carros com visitantes que elogiam o nosso povo pela limpeza das ruas e a cor rosada das faces.

Esse sangue e essa mochila, essa angústia e essa dor, são coisas tão próximas, que qualquer dia aceito o convite que me foi feito por um amigo: vou à sua casa onde ele diz ter armas contrabandeadas. Unto-as com cuidado, compro balas dum-dum, um cinturão, e quem sabe se com esse sangue, que você olha com indiferença, eu joga uma bomba no banco: ou experimento um desses pardais que voam por aí.

OBJETO DE ESTIMAÇÃO

Sandra Lyon

Sim, era um canivete que só vendo, de cabo de osso e lâmina de aço legítimo. Ferramenta que servia para tudo, você nem pode imaginar. Uns dez anos de uso. Daí, quando a gente perde uma coisa assim, é como se perdesse parte do corpo. Um dedo, ou perna talvez.

Mas chegou vivo ainda?

Mais morto que vivo, delegado.

Pois é, os homens trabalhavam ali quebrando pedra na pedreira, manejando as máquinas de fazer brita. Os caminhões carregados de brita manobravam e desapareciam na estrada em direção à construção. E todos tinham que trabalhar muito, sem fugirem do trabalho porque os caminhões cada dia precisavam dar mais viagens e carregarem mais peso.

Ninguém, está mudando de assunto não, delegado. Estou só explicando como era a vida ali. Faz um mês hoje. Se não ficasse contando os dias, quem sabe nem notasse o tempo.

O sono e o cansaço tonteavam os homens que deitavam com os corpos moídos e dormiam pesadamente. O sol batia forte cozinhando a cabeça de cada um que trabalhava ali de maneira mecânica, só sabendo responder sim senhor, sim senhor.

Foi quando começou a chover. Que chovesse, que desabasse porque pedreira não mofa com chuva. Os homens agradeceram a chuva que agora aumentou de novo, e os deixava presos nas barracas de lona improvisadas e espalhadas junto à pedreira. Assim: uns ficavam agachados, outros deitados, todos com o frio da terra entrando pelo corpo, atiçando-lhes a fome.

Comiam com ódio e fúria cada pedaço de comida, tostada com fogo de jornais úmidos e revistas e papelão. Enquanto isso o jogo não parava, os lampiões no teto de lona, os baralhos se-bentos. Todos ali, descalços, revesando-se no jogo. Depois dormiam até empapucar os olhos ou ficavam até tarde da noite captando estações distantes com arames emendados nas antenas dos rádios de pilhas. A ociosidade e a bebida apertavam, mexiam com a cabeça e o corpo dos homens, que foram, pouco a pouco, enjoando da pose de reis, damas e valetes.

Pois digo que foi assim durante três dias, delegado. De vez em quando chegava um jipe da construtora com mantimentos, ferramentas. E foi numa dessas vezes que chegou também o gordo que tinha um par de dados. Conversei agachado com ele, a dois palmos. Queria conhecer os dados, como se fosse possível descobrir algum macete. Eu fechei as mãos e sacudi os dadinhos com força e um deles foi cair perto da fogueira acesa. Desculpe. Mas o gordo ficou vermelho de raiva. Confesso, delegado, que, nessa hora, senti medo dele. Foi quando me segurou pela camisa e me empurrou com força. Depois apanhou os dados e se afastou. Fiquei ali parado e fiz até força para esquecer do canivete dentro do meu bolso. Não estou me desculpendo, não. Pode até rir, se quiser, delegado, mas o jeito dele era de homem briguento, de provocação.

Amanheceu sem chuva, sem sol. Então, os homens voltaram aos seus postos com atraso e preguiça de três dias. Foi quando, de longe, viram a roda de gente perto de um dos caminhões. Um deles comandou:

Fiquem todos afastados!

Alguém viu quando o gordo desceu da boléia do caminhão e esperou que o rapaz atingisse o aclave, além do capinzal, então colocou o pé na frente, no caminho. O rapaz foi ao chão e ao voltar-se para reagir, levou um soco no rosto fazendo uma massa arroxeadada e havia barro na sua testa e pescoço e roupas. Os dois se abraçaram, parados, estavam gelados e sofriam. Ficaram algum tempo assim, agarrados, escutando um a respiração

do outro. A lâmina do canivete saiu e entrou de novo. A mão e o canivete entraram juntos e atolaram nas gorduras. Então, os homens viram quando o gordo tombou duro feito uma pedra.

— Morreu? Quem disse! E se for ele gemendo?

Sei que a dor não vai poder ficar aí a vida inteira, delegado. Foi assim que o meu canivete ficou perdido na barriga do homem. Depois que perdeu naquele mundo de coisas, quem é que pode encontrar?

ARABESCOS

Maria do Carmo Brandão

O menino parou de agitar a cabeça e tentou mantê-la imóvel, talvez para um breve descanso. Mas uma borboleta surgiu e pôs-se a adejar à sua volta, e a cabeça recomeçou a agitar-se, a rodar para lá e para cá, em movimentos desconexos, como se a perseguir aquele vôo colorido e saltitante. O esforço tamanho estendeu-se ao corpo, e o esticou no peitoril da janela, e o despencou no passeio, com um rumor ensacado.

Braços e pernas debateram-se com desespero, arrastaram o corpo e o firmaram na parede rugosa da casa e o ergueram. Curvado, o menino saiu andando às tontas, batendo palmas, um sorriso estranho nos lábios. A baba, cada vez mais grossa, lustrava-lhe a boca, escorria-lhe pelo queixo e pingava no chão. Saraivando tapas no ar, e rindo, rindo, ele insistia em alcançar o inseto que o provocava, insinuante. Tropeçou nos próprios pés e caiu de novo.

Então, começou a chorar, um choro rouquejante e intercalado de grunhidos e a socar com as duas mãos o cimento do passeio.

Até que pessoas surgiram no portão, em alvoroço, e mãos pressurosas e envergonhadas o carregaram para dentro da casa.

A borboleta, douradamente linda, translúcida ao sol da tarde, ainda revolteou ali por instantes, chispeou num repente e sumiu.

NUMA VARANDA, EM JACAREÍPE

Danilo Gomes

Agora estou aqui, nesta pequena vila que alguém batizou Jacareípe — não sei quem, quando, nem por quê. Agora não importa. Talvez outro dia.

Ouçõ apenas o marulho. Não sei se é um marulho forte, fraco ou médio: só venho à praia de vez em quando, para descansar, ler e beber; não sei nadar e acho que nunca vou aprender, uma vez quase morri afogado numa piscina, quando tinha doze anos e nunca mais, bem, mas isso também não importa.

Meu nome é Laureano. Estou aqui fugindo da cidade, do barulho, de lugares cheios de recordação, da rotina, da gravata, dos telefones e dos relógios que sempre lembram um compromisso incômodo. Não posso dizer que esteja fugindo de mim mesmo, é claro — trouxe todas as intempéries de dentro de mim mesmo, todos os meus fantasmas, antigos e novos. Talvez, no fundo, com essas pequenas viagens, queira realmente fugir de mim mesmo, por algum tempo. Sou um sujeito muito amargo. Às vezes me figuro como um cais castigado pela água e pelo tempo, cemitério marinho habitado apenas por conchas e um grande silêncio. Mas isso também não importa: meus segredos ficam comigo, meus pensamentos eu os amarro com estes primeiros cabelos brancos que vi ontem no espelho, minhas confidências talvez numa noite chuvosa alguma mulher paciente as queira ouvir, numa sala densa de silenciosa penumbra: uma mulher discreta que na hora estivesse usando uma blusa de lã vermelha, com a bolsa branca em cima da poltrona pequena, e que nem por um segundo se entediasse — uma mulher que realmente me amasse.

Mas o que importa agora é que estou aqui. Sou apenas um homem na praia de Jacareípe. Daqui não posso ver o mar — ouço apenas o seu bater na praia.

Sei que ele está lá, esse Atlântico antigo de galeões espanhóis e de corsários a serviço da Rainha. Gosto de aventuras. Vivo lendo esses livros: piratas, exploradores de continentes, façanhas em fronteiras tártaras, expressos do Oriente, espíãs de Estambul, minas do Rei Salomão, safáris na África, viagens de Marco Polo, Expedição dos Martírios, peregrinações de Fernão Mendes Pinto, mares do Sul, Amundsen no Pólo, discos voadores, deuses-astronautas, planetas de outros sistemas, noites marcianas, essas coisas — sou um leitor inveterado desse tipo de livros. Talvez tudo isso seja uma fuga, um descarregar de ansiedades, uma espécie de catarse. Talvez. Agora não quero explicações, agora só quero essa brisa e esse silêncio de varanda.

Lá está o mar, poucos passos adiante de mim. Ao longe, certamente, navios onde se janta à luz de velas, que eu gostaria amarelas (mas a quem aproveita saber se gosto de velas amarelas ou de rosas amarelas ou da mulher de olhos de topázio?).

Estou fumando. É um cachimbo gasto, mas gostoso como um pijama velho ou como os chinelos que conhecem de cor todos os caminhos da casa quando abrigo.

Eu mesmo fiz o café dessa garrafa térmica: estou sozinho nesta casa, aluguei-a para este Carnaval. Vim descansar, esquecer gravatas e relatórios.

Lá está o mar dos peixes inumeráveis como estrelas, lá está o mar, aprisco de afogados. A minha frente, com seu marulho, está esse mar doce aos olhos, roteiro de fugas, estaleiro de âncoras sempre se levantando para novas partidas — mar das grandes aventuras, mar de Cook, Drake e Ponce de León.

Estou na varanda. Vou até botar um título nesta conversa besta: «Numa Varanda, em Jacareípe». Tenho tempo, papel e tinta: posso escrever uma porção de tolices.

Dia e noite, um vento úmido e brando avança do mar, entra pelas casas, penetra esta vila sossegada. É confortante sentir essa brisa, estar no bojo deste raro silêncio de mosteiro. Fico imaginando coisas, já disse que sou um devorador de livros de aventura

(engraçado, como a gente pode ser introspectivo e amargo e ter, por outro lado, a volúpia das grandes distâncias e das aventuras mais excitantes — ou uma coisa não será consequência da outra?) Agora, por exemplo, estou imaginando índios do tempo de Anchieta arremessando-se selvagememente da praia, com tochas e lanças, me aprisionando, me matando ou me deixando cativo até que, depois de muitos anos e casado com uma certa Bartira, ou que outro nome tenha, me torne um respeitável meio-índio, meio-branco, voz poderosa no Conselho da tribo... Sou mesmo um imaginativo, como dizia meu pai, que era um homem muito prático e não leria nunca o livro que estou acabando de ler: «Os Discos Voadores Existem!»

Entardeceu depressa. As duas grandes árvores, em frente, recortam-se contra o céu azul — acinzentado. Serão seis horas, seis e pouco ou dez para as seis — pouco importa o tempo aqui, agora. Faço questão de não usar o relógio de pulso. Poderia imaginar agora anos-luz, asteróides, naves espaciais, relatividade do tempo, distâncias galáxicas. Vim para cá descansar, não quero saber de relógios. Sou agora apenas um homem na praia de Jacareípe, escrevendo tolices numa varanda.

Penso no trenzinho que usam aqui para levar os poucos turistas a passeio. Vejo-o sempre passar ao longo da praia, apitar e desaparecer. Gosto de seu apito, é um apito alegre, me lembra os trens da minha meninice, viagens, aventuras, lugares estranhos — lá venho eu novamente com essa conversa de viagens, de aventuras! Um dia tomo um navio e parto por cinco anos! Por dez anos!

Poderia ir ao centro da vila, entrar no «Beliscão» ou no «Jaú» e tomar duas cervejas e duas batidas de limão, como fiz ontem à noite, e voltar pelo mesmo caminho de terra: esta ruela à minha frente. Mas, não. Ficarei aqui nesta varanda. Quero solidão e silêncio, uma solidão de jazigo, um silêncio de Himalaia. E acabar de ler o livro. Amanhã tomo a Calsberg que eles vendem lá, como lagosta, ouço rádio. Hoje, não.

Agora as duas árvores assumem a mesma cor do céu. Anoi-teceu para valer. Fiquei escrevendo e pensando, perdi a noção do tempo. Certamente, umas nove horas. O vento penetra o

corpo, a alma e a casa, é um vento já frio, misturado à brisa, vento e brisa para navegantes.

O marulhar descansa os ouvidos da orquestra mecânica das buzinas e dos motores sobre o asfalto. Os poucos turistas que estão na vila devem ter ido beber e pular no «Beliscão» ou no «Jaú». O silêncio em torno de mim é total — ninguém por aqui, estou insulado, como queria. Pensar em ilhas com albatrozes... As árvores estão negras como o céu. Algumas estrelas. Um cão late. Marulho. Grilos. Vejo o negrume em derredor. Desligado, sozinho: sou apenas um homem na varanda, tentando esquecer fantasmas, fumando e escrevendo besteiras sob essa luz fraca. A vida é este silêncio, este marulho, essas árvores em frente, este vento frio, este momento pacificado, próprio para ovelhas ao pé dos montes, numa freguesia do Minho, em 1894. Estou imerso numa espécie de nirvana, incapaz de escrever uma boa estória, logo eu, um imaginativo! Sou apenas um homem na noite de Jacarépe e isto é que agora realmente importa.

Talvez ainda invente uma estória, antes da meia noite, quando pretendo ler as últimas páginas de «Os Discos Voadores Existem!», e dormir — nunca durmo mesmo antes das duas!

Mas o que é isto? Que ruído é este? É um ruído estranho, lá atrás, como um assovio forte que fosse diminuindo. Imagino logo um disco-voador baixando. Bobagem! Estou imaginando coisas. Nem sei se eles realmente existem, embora tantos afirmem e digam que, bem, não importa, agora quero voltar a pensar no mar, seu verde e sua imensidão, sua brisa, quero pensar numa boa estória contada por Jack London, aquela, por exemplo, em que — outro ruído. Desta vez, um ruído metálico, estranho, um metálico esquisito, um metálico de disco-voador, nave espacial, coisas assim, como uma porta se abrindo lá atrás, no terreiro, perto do tanque. Nunca ouvi esse tipo de estalido. Os cachorros latem. Não sou um sujeito de coragem ilimitada, como quase todo mundo, mas curioso como um bom repórter. Estou atento como um radar. Se algum ruído estranho se repetir, vou lá dentro, passo pela copa, entro na cozinha, abro a porta, vou ver o que há. Quase todas as luzes da casa estão acesas. Medo, todo mundo tem um pouco, é claro! Quem não tem um pouco de medo? Mas

é melhor esquecer esse negócio de disco-voador e lembrar aquela aventura de mar que Jack London escreveu, aquela do — agora é a porta da cozinha, parece que alguém está tentando abri-la. Os cães latem com força, parecem lobos uivando. Sou um tanto calmo, ainda estou até escrevendo, mesmo com essa luz fraca (engraçado, não sei se é imaginação, mas houve um momento em que ela se apagou de repente, voltando logo — agora é que estou me lembrando). Essas praias tem areias radioativas! Continua o ruído na porta da cozinha. Vou lá dentro. Não tenho nenhuma arma. Sair correndo, não vou, e nem há luz na ruela. Também não vou ligar o carro e sair em disparada. Pânico não resolve. É ajuntar as reservas de calma e coragem. Que a curiosidade vença o medo. Ouço ruídos nos becos laterais também: são passos. Acho que sei o que significa tudo isso. Os passos nos becos se aproximam. Uma última coisa: caso alguém algum dia ler o que estou escrevendo, fique sabendo: se eu terminar contando a estória de mar de Jack London, tudo bem; se parar aqui, seres de outro planeta me raptaram e me levaram num disco-voador — agora vi — SIM, SÃO ELES!

DEPOIMENTO

Eunice Dutra Galéry

— Nós veio para cá eu era piquinim, num se alembro, não. Veio o pai, mais a mãe e nós treis. É, a mãe teve oito, lá na roça, mais só vingô treis. Isso ela que conta. Depois que chegô, teve mais cinco, morrerô treis. Fiquemo cinco. Mais eu só se dava mêmo é cos dois mais menó. Os otro caíro no mundo; o mano maior, diz-que é pedreiro de obra, mais deu no pé tem tanto tempo que nem se alembro mais da cara dele.

— Deusde que cheguemo fumo lá pro Pindurassaia, o pai arranjô um chão lá e fizemo um barraco, qué dizê, o pai mais a mãe e os maió. Depois o pai arrumô um imprego de construção, o mano tomém, mais logo o mano se mandô. Mãe tava lavano ropa pra fora. Aí era bão, a gente tinha o de cumê direitinho. A mana tava na iscola, dizia que quiria formá pra professora. . . Quié, quié! Formô memo, mais foi pra professora de safanage. Tá na zona, um dia fui lá pra vê ela, me mandô s'imbora, disse qui num é lugá pra pivete qui nem eu.

— Purque qui ela caiu na vida? Sei lá, moço, dispois que o pai caiu daquele andaime, foi uma disgracera lá em casa. Inté o dínhero que o INPS pagô nós cumemo. Fais diferença pro difundo, jeito qui é interrado? Foi de indigente memo, bestera. Mãe chorô até num podê mais. Daí uns tempo, Lurde chegô im casa chorano, se esqueci de dizê que tinha arrumado imprego de tomá conta de criança, tava istudano de noite. Valeu nada, apareceu de barriga, chorano e contano «— Mãe, eu si perdi e o home é casado e sumiu». Patroa mandô ela s'imbora quano a barriga apareceu. O injeitadim morreu logo dispois, acho que ela

não fazia muito causo, não; saía pra farra toda noite, inté mãe perdê a paciência e tocá ela pra fora de casa.

— Qui essa tar de indenização nós recebemo. Mais foi bem poquinho. Chegô um moço de terno lá no barraco e disse prá mãe assiná uns papé, mais quede qui mãe sabia lê? Nem eu, muito menas os menó. Aí o moço untô o dedo de mãe e tacô nos papé, diz-que era pra recebê o troço. Dispois duns tempo chegô lá em casa com cem mérréis, diz-que era a indenização. Nós inté fiquemo muito saustifeito, cumpremo cumida e inté bala mãe deu pra gente. Que divia de ser mais? Ué, issu, cumé queu vô sabê? O moço levô foi isso, era devogado de anér no dedo, divia de sabê.

— Daí, mãe cuntinuô a lavá ropa, eu e Lazin fumo bataiá na fera, carregano sacola. Dava uns trocado, sacumé, mais num era muito, não. Foi lá qui fiquemo amigo, eu mais o Izé, esse qui chamam de Zé Topete, mais ele num gosta.

— Na iscola? Ah, eu ia sim, lá tinha merenda, eu ais veiz repetia a sopa, isso quano conseguia inganá a servente. Lazim tomém ia, até o pititim do Joca, quera pra gente inconomizá na cumida. Ruim era dumingo, que num tinha sopa da escola e ais veiz num tinha cumida im casa tomém. A gente passava o dia intirim durmino, pra inganá a fome, mais o istambo doía e rocava, aí a gente bibia água. Um dumingo, já num güentava mais de fome, disci do morro e fui pra porta da São José pidi ismola. Inté ganhei uns cinco cruzero fácil, mais ganhei tomém foi uma surra dum mendingo qui tinha ponto lá. Me surrô e tomô o dinhero das ismola.

— Ah, foi. Guardei a cara dele, quiria mi vingá quando pudesse. Na sigunda-fera s'incontrei com o Izé e contei pra ele. O safano inté riu e me chamô de besta. Quais que nós se pega de pescoção esse dia. Aí o Izé mi ixplicó cumé qui as coisa era. E contô cumé qui si virava, qui tinha grana inté pra cigarro: a gente ia de inocente, carregano as sacola das dona, quano elas parava nas banca a gente fazia di disintindido e afanava uns trocado. Claro que dos otro, uais, sinão a dona disconfiava, já tinha guardado a cara da gente. Despois, disistimo de carregá sacola. A gente ficava memo era rondano por ali, quano conseguia afanar

uma carterá, dava no pé e passava pro primero da turma qui encontrava. No meio do povo era fácil sumi. Quano o otário disconfiava, a gente já tava longe.

— O Joca? Não, ele num tava nessa, não. Nessa altura era muito fracote, num güentava corrê e logo dispois morreu. Foi, morreu atropelado pur um carro, tava vendeno limão na Amazona, quano o sinal abriu ele tava no mei da rua, num deu pra chegá no passeio. Ficô todo reventado, duma veiz. O Lazim é qui dis-cambô, deu pra dá uns requebro, muita veiz briguei pur causa dele, inté qui desisti. Virô bicha, arranjo um véio qui dava dinheiro prele, qui nem muié-dama. Pobrema lá dele. Aparicia com cada ropa de dá inveja, de pursera e unha pintada. Mais inté qui ele é legal, sempre tem um dinhirim pra mãe.

— Corta essa, eu sô é macho. Só memo im situação sem jeito cumessa de cadeia e aparece um pivete mais manero. Aí, a gente junta nele. Mais bão memo é muié. Nós temo um bar-raco lá no Papagaio, vamo pra lá coas mina quano a féria é boa, aí, a gente toma umas pinga; ais veiz, entremo numa casa, que os dono tão de viagem, fazemo a maió farra lá. Pomo a mão im tudo, dispois chamemos as minas, vistimos as ropa dos bacana, tomemo uísque, durmimo nas cama e pra dispidir, caguemo na sala e ispaiamo pra todo lado.

— É gozado, uai! A gente fica imaginano a cara dos dono quano vorta e encontra aquela bagunça! É, mais da última veiz num foi bão, não. Acho qui fizemo muito baruío, a turma tava de cuca cheia, Chico Navaia tinha levado ins dólar de maconha, a gente se dicuidamo, quano vimo, a casa tava cheia de puliça. Deve de tê sido argum fedaputa de vizinho qui chamô.

— O mendingo? Pois num disse que guardei a cara dele, pra me vingá? Um dia achei ele de jeito, durmino debaixo da marquise, chamei a turma de mansinho e disse: «É esse aí, ô!» Fiquemo maginano o que fazê cum ele, inté qui arguém deu a idéia: «Vamo quemá esse um, taí.» Compramo um galão de gasolina e arranjemo uns jorná, deu uma foguera das boa, o desgraçado num guentô corrê mei quarterão, caiu e começô a rolá e a berrá, mais num tinha ninguém na rua, ele morreu ali memo, inda quemô uma meia hora, só que nós num fiquemo pra vê o

resto, cum medo da puliça aparecê. Mais foi mió qui parque de diversão.

— Quando nos prendero lá na casa, nos truxero pro Depósito, quais todo mundo já tinha ido em cana mais de uma vez. Mais nos pusero lá na cela doze, tinha uns vinte. Aquele cara já tava lá e ficô ingirizano, arrotano valentia, diz-que fazia e acontecia, quiz pegá o Chico Navaia pra muié, mais nós num dexemo, garremo o cara, tapemo a boca dele e ele é qui bancô a muié de nós tudo. De manhã tava murchinho, diz-que ia quexá com o dotô delegado, aí o Izé diz-que se ele falasse, tava morto. Ele ficô calado, mais nus oiano cuns óio ruim. Daí veio a cumida, qui tava pôdre e nu dia seguinte a merma coisa e continuô assim, intão nós resorvemo fazê alguma coisa. Foi nessora qui garremo o cara de novo, prá bancá muié e quando se sirvimo ele ficou de oio ruim, aí nós resorvemos calá ele duma vez.

— Cumé qui foi? Eu mais o Izé e uns otro sujigamo ele, tapemo a boca dele e os otro ficaro pulando em riba inté ele ficá queto. Isticô as canela diritim. Foi um fuzuê danado de manhã quano descubriro o feito; os reporte viero e nós diz-que era porque a cumida tava ruim e nós tava tudo apertado na cela doze. Saiu im tudo quanto é jorná. O dotô delegado mandô ispaiá a gente nas otra cela e agora nós tamo isperano sê jurgado.

— Não sinhô, inda sô de menó, dizoito vô tê ano que vem, acho.

— Pió do qui aqui num pode, a gente tá isperano sê mandado pra Neves — e se tivé muito ruim, a gente foge, quê qui a gente perde?

CACHORRO SEM DONO

Para Cleô, um conto / capítulo que eu não conseguia contar.

Ana Maria de Almeida

Quando a gente deu conta, o cachorro já era de todo o mundo, e o mundo ficou batendo no coração de um cachorro que vadiava pelas ruas do bairro. E, só então, percebemos o mundêu de cachorro que variava à nossa volta, no miúdo dessa vida, feito armadilha pronta.

Mas, no princípio, tudo estava em ordem com essas pessoas com quem a gente lida no dia a dia. Até mesmo o açougueiro negou parecenças de gente ao cachorro. — «Luxo e besteira de gente sem ter o que fazer», ele dizia, pois nem de si mesmo sabia que tinha ainda um ar e aura de menino lendo, nas sombras de uma árvore, estórias de cachorro salvando gente, estórias de cachorro morrendo junto do dono... Tudo isso deve, então, ter começado e acontecido porque solidão sempre inventou magias de solidariedade.

Aquele cachorro cigano também não se dava conta de que deveria ter sido protetor de criança, de velho desamparado, de príncipes e princesas esmaecidos em velhos livros. Se desse, teria a consciência de que, apesar de bater, bamba, a patinha direita da frente — como mãozinha de criança aleijada — ele mantinha certo ar de dignidade alheada: o mundo era só dele, e, luzidio e gordo, aquele cachorro mapeava nosso cotidiano.

Começou, parece, quando a velhinha se assentou no meio da gente, com uns olhos assim meio desabados, sabe? Meio tris-

tes... Você sabe, assim como os seus ficam vagos, quando de repente dá no peito aquele estalar perplexo de dor-desamor. Entendeu? Assim como quando seus olhos estão límpidos e desarmados, navegando a luz úmida desse azul de abril a maio, e, não mais que muito de assalto, alguém coloca um muro no seu aberto espaço. Aí, baixa o cinzento de uma tristeza sem tamanho, e a gente só diz: — ah! Em surdina, porque a dor foi tão grande, tão grande, que nem arranjou brecha para explodir garganta afora, de fora à rua, da rua ao silêncio dessa grande solidão que se chama ou flama vida.

Tenho visto muito disso na raça nossa de Machados e Farias entristecidos para sempre. Desses tristes que dão para viúvos ou solteirões maníacos, mantendo emperdenida castidade, cabelos e barbas longas a ocultar a explosiva sensualidade reprimida. E as duras mulheres de sorrisos sempre prontos, mesmo na maior queda, dor ou espanto. Esses não só amam e morrem: apenas, e muito, explodem e ardem.

— Ah!...

Mas estou falando do encontro com dor igual, abjeta e sensual como beijo em ferida funda. A velhinha estendia a mão direita para a manicure e, com a esquerda, queria esconder envergonhada uma lágrima. Chorar para quê? A filha não tinha dito que todo o mundo ia rir-se dela porque sentia pena de cachorro sem dono? Ainda mais, especialmente de um certo cachorro sem dono?

Escute: aliás, ela era tão velhinha assim?! A gente tem mania de rotular tudo pela estampa. Assim, se vê cabelo branco, só pode concluir — «coitadinha, tão velhinha...» E vai ver é aquela explosão de que falo, de que sexo malfadado a estoque de rotinas familiares. Falando, todavia, com estrito cuidado e educação, não seria a velhinha — vai ver que é! — tal qual avenca brotando em muro arruinado, sempre renovada? A muda explosão do sêmen nas paredes rugosas de um túnel sem fim, ah!...

Do que a velhinha falava, a gente riu primeiro. Mania também de ficar rindo, antes de entender. Riso besta. Falava do cachorro, esse cachorro cigano que agora domina o bairo —

príncipe de quarteirão a aleijão, título garantido por dez atropelamentos e fraturas, peladas e feridas, comidas podres e pedradas.

Aquela lágrima, a patinha direita... Pisquei os olhos, e a luz me cegou: no lugar da velhinha, estava Cabelo-de-Neve e, em volta, todas nós, mulheres idas e vividas, falando de cachorros.

Cabelo-de-Neve chorava, já contei. Até esse momento, a gente ria por dentro e consolava por fora. Chorar por cachorros?! Mas a gente queria entender, era engraçado demais... Os olhos de Cecília cintilavam na pele muito morena, lembrando açucenas misturadas a violetas:

— A senhora chora à toa. Pensa bem: tem, por aí, mais menino abandonado do que cachorro!

Cabelo-de-Neve chorava e escondeu ainda mais os olhinhos vermelhos — quem mandou Cecília começar a falar de menino abandonado, catando saco de lixo e comendo comida podre? E alguém ainda completou: um dia me contaram, imaginem! — o caso de um homem pedindo «moço, me deixa fazer qualquer coisa nessa obra, até carregar entulho e lavar privada, porque já estou dando só água com açúcar pros meninos, porque não dá pra comprar leite, porque não dá pra nada, porque...» Ah! e você não pode fazer nada... Essa estória — de — não — poder não era para Cabelo-de-Neve entender.

Cabelo-de-Neve tinha saído cedo de casa. Foi quando viu o cachorro e logo deu conta de que ele tinha quebrado outra mãozinha. E, por mal de nossos muitos pecados, ficava lá, com aquele ar indiferente, caladão, com um profundo desprezo a tudo e a todos. Então, Cabelo-de-Neve correu para casa a fim de pegar uma latinha d'água e uma rodela de salame para ele. Correu como podia na sua idade, é claro. Porque a gente corre com o tempo da gente e como pode — e ninguém tem nada com isso. Quando Cabelo-de-Neve voltou, o cachorro tinha sumido.

Aí, quis me lembrar e falei: — e falei — mas aquele cachorro está tão gordo, tão lustroso! «É preciso ter dó?» Nas minhas andanças pelo bairro, de casa para o trabalho, do trabalho para a feira, da feira ao armazém, do armazém à padaria, da padaria aos livros, conheço muito bem meus companheiros: o

cachorro preto, lustroso de príncipe; o bêbado esmolambado, que fala sozinho e está sempre feliz; a mulher do bêbado que cheira à pinga e a fedor catinguento horrível de suor, mas que o bêbado abraça tão abraçado; os rostos quase falidos nas portas das lojas; as empregadas varrendo folhas eternas, com eternos lenços nas cabeças; as crianças matinais, carregando toneladas nas sacolas de escola, porque menino tem essa mania de carregar até atlas nas costas; os namorados do chevette verde, tão exaltados e iludidos que — sabe? — me lembram outros namorados noutra chevette verde e lá vai muito tempo. . . E estou perdendo o fio da meada, porque o que queria provar é que o cachorro estava muito gordo mesmo.

Primeiro, tinha pensado que Cabelo-de-Neve se referia aos dois cachorros que moram ora na porta da loja de pão-de-queijo, ora na entrada da faculdade. Não é meio engraçado? Cachorro tem cada lugar esquisito para arranjar comida! Aqueles dois, entretanto, são assim meio pardos, mais pra magros do que pra gordos, entende? E parece que estão sempre dormindo, naquele jeitão beatífico. O cachorro de Cabelo-de-Neve, mesmo estropiado, não perde aquela augusta postura, só dele.

Como você sabe, falei que ele estava gordo, luzidio. Achei até que todo o mundo dava comida para ele. Aí, já estava pensando no Lustroso-Príncipe de Cabelo-de-Neve, e toda aquela tristeza de pedra, entre muros, com Cecília-violeta penteando o branco daquela neve que escorria persistente. Não é que era inverno novo, e a gente estava sem nenhum agasalho, tremendo de frio na fundura do mundo? E Violeta-cecília insistindo na visão crua de nossa cegueira:

— A senhora não fica triste não, por favor. Ele come até variado! Está vendo? Todo mundo dá comida pra ele.

Cabelo-de-Neve nevou ainda mais. O variado de que, pergunto. Você entende? Nesse desvario, ai que frio! Que frio, ah! . . . Ela surdinou sobre as unhas pintadas de rosa novo:

— Mas ele não tem casa pra morar. . .

Por isso é que falei para você daquele ah! — que não passa da garganta. Fica explodindo por dentro sem porta de saída e, se pudesse sair, só mostraria a cicatriz e o estigma dos desalojados.

E do mesmo modo, nem riso passou mais pela garganta, feito granada por explodir, mina traiçoeira em coração inocente. No silêncio-prenúncio do abismo, ficamos a ouvir que Cabelo-de-Neve mora com a filha, que os netos mexem e remexem em tudo, que não deixam nada no lugar outrora de ficar. . . Cabelo-de-Neve não pode reclamar, por isso estende a mãozinha direita para a manicure. Mãozinha bamba de afagar e percorrer a vida. . . Por isso, ela sai para passar o tempo, que ela entende que está todo fora de lugar, e o Príncipe-Lustroso também. Ah, você entende. . .

Foi um silêncio assim desse jeito. . . Um silêncio de tristura e pedra. Depois, todas nós, mulheres de repente sem dono, começamos a lembrar casos de cachorro, na ânsia de estancar a neve e o frio daquele abandono. Nem queria lhe contar, mulher! Isso é o que se chama meter os pés pelas mãos, trocar patinhas aleijadas por mãozinhas desprovidas do prazer de servir, ou melhor, do servir do prazer. . .

Luzia, tricotando, teceu o suave triste episódio do cachorro de família que foi apanhado pela carrocinha. Tinha sido um deus-nos-acuda! A meninada toda chorando, e a mãe dizendo que era bobagem buscar, que o cachorro estava velho demais e precisava morrer. Morte e esquecimento nenhum relógio marca. Com o tempo, o povo se esqueceu do cachorro, da carrocinha, do sebo, da cobaia. Não é que um dia aquele cachorro decidiu que não ia virar sabão, nem muito menos ou mais cobaia de laboratório? Fugiu. Chegou de rabo entre as pernas, tremejando molhado e sujo. Tinha, porém, uma luz de vitória nos olhos remelentos.

Diabo de vida! Pensa bem: amor remelendo trotando na visão de amor sonhado, perdido na poeira. Onde o bicho? Onde o irmão? Só sei que o cachorro chegou na via de seu caminho. . .

Nessa hora da estória contada, um cisco entrou nos olhos da gente. Ventava muito, e não era agosto. Alguém lembrou que agosto é mês de desgosto: desastre, vento e cachorro louco. Que lembrança mais boba, heim? A gente mulher ficou tudo de repente querendo chorar demais no peito de Cabelo-de-Neve. . .

Quis ir em socorro: com essa mania de querer consolar contando casos-conheço-coisa-pior. . . Pior!

— Tem coisa mais triste, gente! Escute!

Pensei ser socorro contando que nossa cachorrinha teve de ser morta porque estava com câncer e com dezessete anos. Idade demais pra cachorro! Mas esbarrei em tempo me doendo toda: aquilo fora no janeiro do chevette verde, e minha mãe morreu no julho do mesmo ano. . . De repente, o mundo ficou sem amarras, sem porto, sem nada, sabe? O dilúvio, o tufão, o terremoto, a tempestade. . . Só restou uma sirena que uiva não sei por que espasmo, por que agonia.

E comecei a nevar também; nevava tanto que a gente não se via mais no espelho. Lãs, cabelos, pêlos, pele teciam nosso chão, no mofo macio da água-lágrima. Nevava tanto que a gente não se podia mais ver no espelho que se derretia. Nem Luzia-penélope conseguia continuar seu eterno tecido: não havia navio/mar maior ou pior dilúvio pra tanta mágoa.

Onde encontrar socorro? Quase só sobrando, Cecília-violeta se lembrou do Totó, que comeu vidro moído. Mosaico alucinado dado de maldade pura, pois Totó não entendia de cores ou dores. Fizera mal algum?!

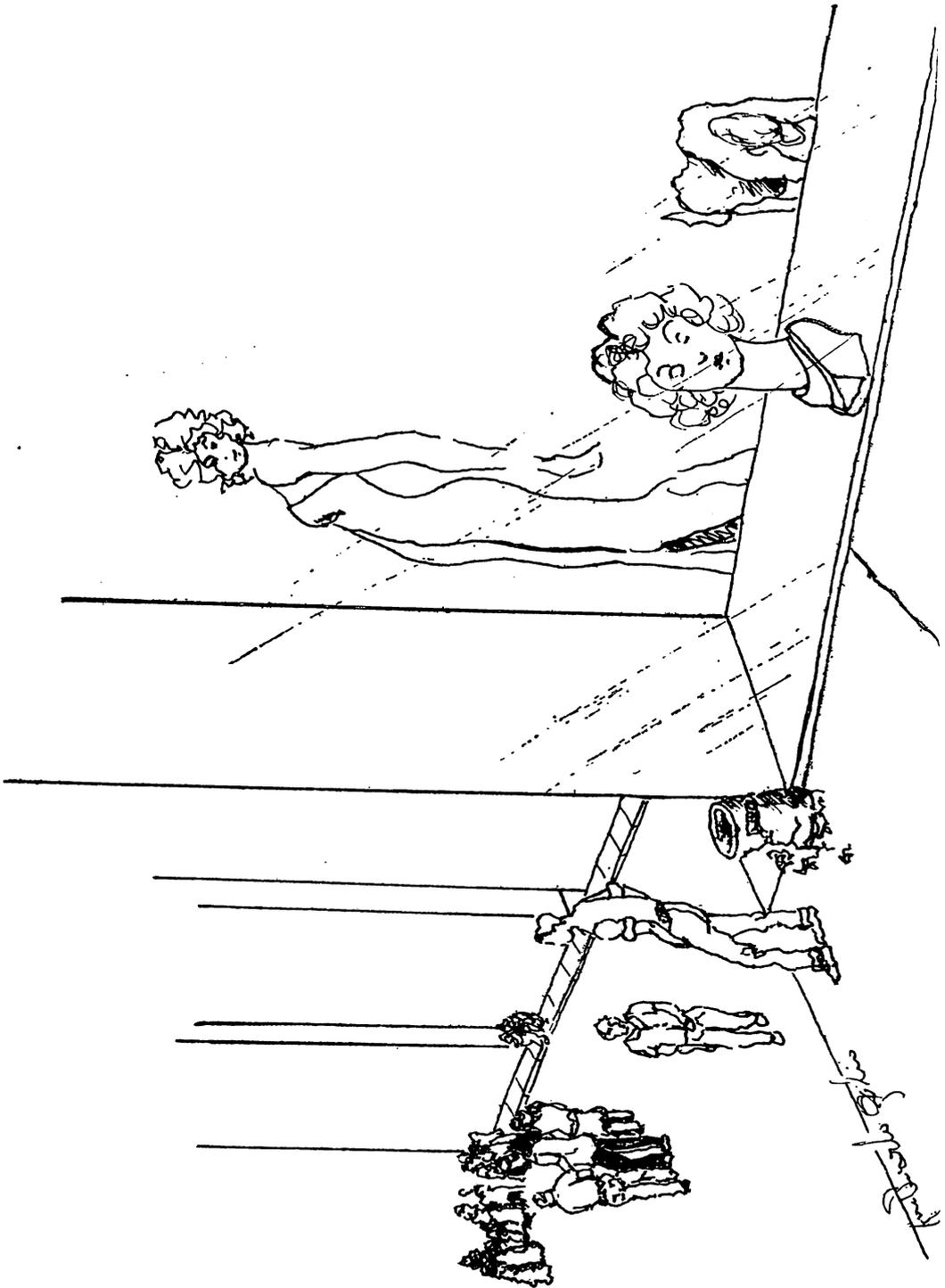
Os olhos de Cabelo-de-Neve nevoaram mais nosso mundo, nosso salão de unhas róseas, de cabeleiras louras, pretas e castanhas. Bonecas de papel desfaziam-se na água, até quando Cecília-Violeta encontrou o porto de salvação:

— Mas meu marido curou ele, dando leite e pão todo dia.

Suspiro de alívio. Um leve vento nas faces coloridas, nos cabelos ondulados. . . Até que Cabelo-de-Neve falou de novo. Não há paz nem consolo pros deserdados?! Ela gostaria de levar Príncipe-Lustroso para casa e ela-viúva não tinha casa. . . Viu? Ah! . . .

Não quero mais falar de cachorro, mas, desde aquele dia todo cachorro sem dono veio morar neste bairro. Uma cachorrada e todos nós. . . Você pode encontrá-los, por aí, de todo tamanho, cor e idade. Hoje mesmo, subindo o morro, vi mais um, branco-e-preto, que me olhou com ar de quem pergunta por que tem de esperar meninos e velhas sujas acabarem de remexer sacos plásticos de inutilidades que a gente bota para fora.

E, depois, ouvi a italiana do homem do Fiat engrolando com o açougueiro:



— Trazer água para ele e ele fugir!

— É, dona... Aquele cachorro é muito mal agradecido. A gente dá comida de graça, e ele some.

Por isso, esse bairro está agora infestado de cachorro viralata. Tenho até inveja da liberdade de Príncipe-Lustroso, cada vez mais capenga e gordo, vagamundeando vida afora. E vai fugindo dessa chuva.

Essa chuva que dilui tudo e até arrancou os números do meu relógio de parede, deixando no lugar doze letras onde você pode ler esse nó-na-garganta.

O GUARDIÃO

Plínio Carneiro

Eu me lembro, ele me contou.

Era o seu primeiro dia de trabalho e ele estava bastante nervoso, o chapéu balançando ao vento da manhã, o ombro do surrado paletó cheio de sereno. Era uma sensação estranha, ele parado ali entre os canteiros, os braços abertos numa saudação ao sol que nascia atrás das árvores do pomar.

Haviam caprichado no seu visual: o chapéu de boiadeiro, as abas reviradas para cima; o paletó velho, mas ainda usável, apenas puído nos cotovelos; a camisa de um vermelho vivo — um lenço estampado no pescoço, o laço bem feito deixando as pontas levantadas.

Estava muito quente naquela manhã de verão, mas o que ele sentia eram pequeninas gotas geladas a escorrerem por dentro da camisa — orvalho ou suor da estréia? A calça marrom descia frouxa até as botas rangideiras, de língua na frente e atrás — o corpo suspenso, a um metro do solo úmido.

Todos haviam ajudado a vesti-lo e até um cigarro de mamona fôra enfiado na sua boca, dando a ele uma aparência bem matuta, bem humana. E agora ele estava ali, fincado entre os canteiros de alface, salsa e hortelã, velando pelo sucesso da horta. De onde estava podia avistar, sem muito esforço, carreiras e mais carreiras de repolhos, couves, quiabos, salsas, cebolinhas, hortelãs, almeirões, espinafres — canteiros verdes, vermelhos, roxos: uma infindável extensão de terra úmida, esterçada.

Ele estava contente, cheio da felicidade do dever cumprido. Os pássaros passavam ao longe, amedrontados por aquela figura

de braços abertos, velando pelo verdor dos canteiros, dia e noite, de sentinela no meio do terreno.

Ele também se lembra. E por se lembrar, me contou.

Um dia, um sanhaço foi o primeiro a perder o medo e, impávido, pousou no seu ombro, ruflando as asas, pronto para decolar ao menor movimento do guardião da horta. Ele sentia cócegas, mas nada podia fazer, o pássaro a bulir em seu pescoço de palha.

Nos dias que se seguiram, os passarinhos descobriram um novo poleiro. Eram periquitos, pardais, canários, curiós, pintasilgos, bem-te-vis, joões-de-barro, colibris, cardeais, sabiás, rolinhas, guachos, andorinhas — uma infinidade de bichos de pena que, no entremeio as cigarras, as borboletas e as efemérides, faziam menor a sua solidão. Ele não estava mais só, carpindo o desprezo dos alegres pássaros: outros animais alados o olhavam de longe, como os urubus e as corujas, tentando uma aproximação. Um dia, até um casal de pombos se serviu de seus braços, retos, esticados, para um pouso de emergência.

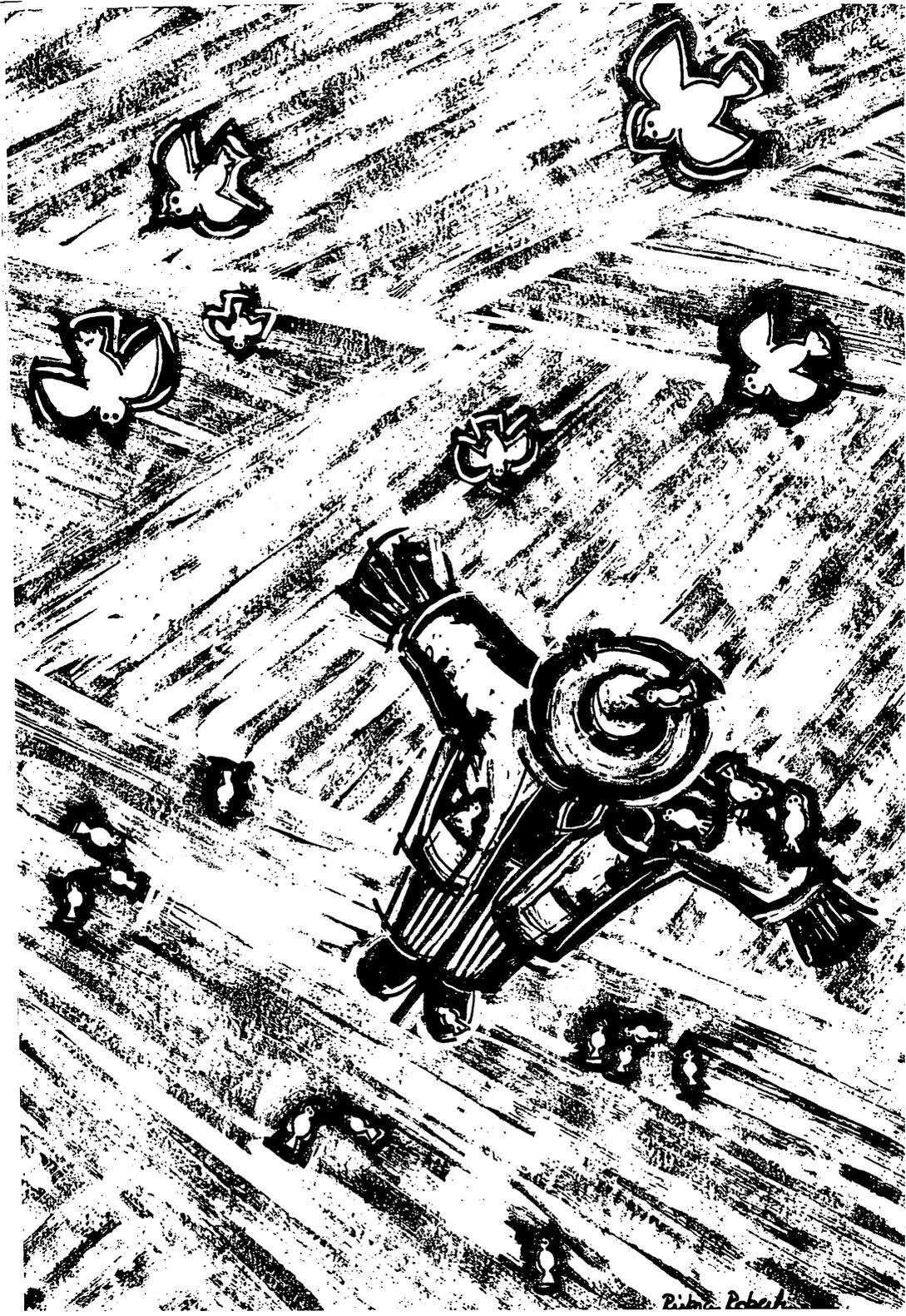
Ao redor, os pássaros se nutriam com a horta, serviam-se da base para os vôos razantes por sobre as couves, repolhos, alfaces, chuchus; voando, revoando, num estardalhaço feliz. A aproximação do dono do sítio, batiam todos em retirada, dando a impressão de que o espantinho cumpria o seu dever de espantar.

Passaram-se as semanas e sua felicidade aumentava com a presença, à sua volta, dos irrequietos animaizinhos de pena, sempre a lhe fazer companhia, de noite e de dia. E ele ia se afeiçoando ao casal de sanhaços, os primeiros amigos, que acabaram por furar a sua camisa e se aninharam em seu peito.

* * *

Ele me falou de muitas coisas, mas me falou principalmente das coisas de que ele se lembrava mais.

Um dia, o dono do sítio viu toda aquela revoada de pássaros, ora pousados no chapéu do guardião, ora nos braços, brincando até nos bolsos do paletó. Era demais para ele. Então esse espantinho incompetente não cumpria seu dever de espantar? Por isso é que a horta, antes tão viçosa, agora vivia com as folhas furadas. E ele pensara que fôra bicho da terra, era mesmo bicho do ar.



Subitamente, ele deu de cara com o seu dono, os pássaros voaram rápido ante aquela visão apavorante, de facão em punho. Sem dó nem piedade, os golpes vieram, pancada sobre pancada. Ele tentou se defender — não podia. Os golpes iam quebrando a sua armação, já podre; os braços não agüentavam os golpes fortes, desferidos rapidamente, parecendo vindos de todos os lados.

E pareceu que, num esforço final, ele se abraçou a si mesmo, protegendo os ninhos que trazia no peito. Daí a pouco, no local havia apenas um monte de palha, pano, penas e pássaros.

ENSAIO

DA SACRALIZAÇÃO DO LEITOR AO SACRILÉGIO DO REAL:

proposta de leitura de
«Le sang d'agneau»

Lea Selma Amaral *

«L'oeuvre d'art est un crime»

GRIVEL

«De cet envahissement de la réalité par le merveilleux surgit un pays très vaste, où le témoin, assez habile pour observer sans faire fuir par trop d'attention les éléments fantasmatiques, pourra se promener avec fruit: il y verra comment naissent avec les oeuvres d'art les objets singuliers, et les monstres autour de lui s'incarneront des soupirs que l'homme, aux minutes orageuses de son existence, laisse descendre comme des bulles velues vers le peuple tiède et muet des animaux».

Mandiargues

A Cláudio da Cunha Pimenta, agora que sentinela sou do seu vulto negro, que em meu rumo vem mostrar a sua dor plantada nesse chão.

Minha leitura gira em torno do conto «Le Sang de l'agneau (O Sangue do Cordeiro, do livro «Le Musée Noir» (O museu negro).¹ Seu autor, André Pieyre de Mandiargues é francês e este-

* Monitora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. MANDIARGUES, André de — *Lé Musée Noir*, Paris, Gallimard, 1946.

ve de certa forma ligado ao grupo de artistas encabeçadores do movimento surrealista na França. Seu suporte de leitura vem sobretudo da literatura alemã. Seguiu intensa pesquisa arqueológica nos países do Oriente, o que influenciou bastante os cenários dos seus contos, sobretudo O Sangue do Cordeiro. Por ser um texto de difícil acesso, devido a publicação escassa e ainda por estar escrito num francês «dos demônios», para usar a expressão da Professora Ruth Silviano Brandão Lopes, resolvi anexar uma espécie de resumo do enredo do conto. O resumo foi feito pela referida professora, a quem devo agradecimentos pela disponibilidade e pela orientação eficaz e amiga. Esclareço ainda que meu texto foi escrito originalmente em francês, por ser trabalho apresentado em curso de Literatura Francesa. Trata-se pois, de apenas uma versão.

«Tentaremos um resumo do conto, correndo o risco de empobrecê-lo, já que há passagens em que se misturam o real e o onírico, de tal forma que o leitor permanece na dúvida quanto a seu sentido literal

Marceline Cain era a filha mal-amada do Sr. e da Sra. Cain que viviam fora da França; sendo ele, o pai, o engenheiro e construtor de trens da região onde moravam. Até a idade de 14 anos, Marceline nunca tinha amado a nada e a ninguém, salvo a um coelho gordo a quem dera o nome de Souci. Ela gostava de abraçar e correr com Souci, sentindo-o vivo junto a seu corpo quase nu.

Um dia a Sra. Cain levou a filha à cidade para fazer compras. Na volta, Marceline observou e guardou na lembrança algumas coisas que lhe chamaram a atenção: um galpão onde ela viu três peixes enormes, sacrificados pela garganta; os matadouros do açougueiro Pétrus, um negro alto que a olhava com insistência; o cabaret «Corne de Cerf», onde havia música e pessoas barulhentas.

Chegando em casa, após o jantar, a família reunida comeu um guisado de carneiro — como informaram a Marceline. Tal informação, contudo, era falsa, pois na verdade tinham eles comido o coelho Souci, pois os pais de Marceline chegaram à conclusão de que a filha já estava muito crescida para ter tanto apego a um animal. Marceline, sabendo da verdade, subiu para o

seu quarto, onde trancou-se a chave, ficando horas sentada numa poltrona, olhando a lua, pensando em Souci e na morte, inclusive na de seu próprio irmão, morto há dois anos. O quarto dos pais ficava ao lado do seu e ela escutava com desgosto, risos e ruídos que vinham daí. Quando Marceline se desligou desses sons, ela se viu fora da poltrona, transposta a janela, e, finalmente, no jardim de sua casa, sem saber como chegara lá, de camisola sobre a pele. Ela se sentia dividida e se observava como se fosse outra pessoa.

Nesse estado duplo, ela foi andando até chegar ao cabaret «Corne de Cerf», que estava barulhento como sempre. Lá, diante de uma orquestra infernal, dançava e cantava o negro Pétrus, que, vendo Marceline, parou de cantar, segurou-a pela cintura e levou-a para o matadouro, onde ele guardava e matava carneiros. Quando os animais começaram a balir, a menina sentia que via um espetáculo proibido para os adultos, uma festa magnífica e um pouco suja. O negro atacou Marceline e lhe disse que ela era um pequeno cordeiro nas mãos de um açougueiro negro, cujo trabalho era tirar sangue. Pétrus, enfim, acabou por cair sobre ela, que quis gritar, mas sentiu que de sua boca saía um verdadeiro balido. Marceline desmaiou e não sentiu seu corpo, nem nada que o negro lhe impingiu. Quando ela se recuperou, estava sobre um monte de cadáveres. Ela se levantou e o negro estava pendurado numa corda.

Voltando para casa e entrando no quarto de seus pais, viu-se com a grande faca do negro em suas mãos. Mais tarde ela se encontrou em seu quarto, a casa cheia de guardas, por causa do crime. Ninguém duvidava de que o assassino era o negro, que teria se enforcado depois.

Marceline foi acolhida pelas religiosas francesas, antes de ser mandada para a França sendo muito amada pelas freiras e pelas órfãs e lhes diz que ela é um **cordeirino ensanguentado**. Convém ressaltar que o texto mostra, tanto a morte do negro quanto a dos pais de Marceline, de forma ambígua.»

A percepção dessa metaforização não pode ser descrita num resumo, devendo submeter-se a uma leitura simbólica, o que aparece, como tentativa, na leitura que se segue.

Este trabalho tratará da problemática, elaborada no texto, do real e da multiplicação do real, na sua imediata relação com o leitor. Trata-se de explicar um pouco, o mecanismo de uma prática produtiva que pretende dar ao seu leitor acesso e figuração às suas representações interditas, através de um complicado jogo de substituições, invasões, de sutis trapaças. Gostaria de levantar alguns dos mecanismos utilizados por esta prática produtiva, para expulsar o corpo repressivo que se situa na realidade de um leitor contemporâneo, inscrito num espaço múltiplo das sociedades industriais.

Mandiargues parece esboçar alguma coisa sobre o real no prefácio do livro «Le Musée Noir», no qual se encerra o conto.

«O panorama traçado pelos sentidos na consciência do homem é uma tela pouco sólida, perfurada a cada segundo, sacudida pelos turbilhões, e ela cega somente aqueles que procuram exatamente nada ver além de seu mediocre ready-made». ²

O autor imprime no leitor a consciência da mesquinhez do mundo fabricado, ou ainda, de todo o mundo pré-fabricado que ele — leitor — consome e a fragilidade do homem frente a tudo o que não pertença a esse mundo: isto porque ele não pode fabricá-lo, o produtor lhe é desconhecido, sombrio, inacessível, logo, aos seus olhos, sobrenatural. O mais engraçado é que o contato possível com esse mundo sobrenatural é um contato corporal; feito através dos sentidos, da sua estranha força.

Fica estabelecida, pois, uma valorização sobrenatural do homem — um contato corpo a corpo com o sobrenatural — em detrimento dos objetos por eles produzidos, ou seja, é esse o primeiro passo para conduzir o leitor a enxergar o seu próprio real em pedaços. Tal operação, entretanto, parece ter uma ressonância histórica, cultural: aquela bíblica, onde vem dito: «Lembra-te homem que és pó e em pó hás de tornar»; posição da-

2. Idem, *ibidem*, p. 9.

queles pobres cegos, que só enxergam o seu poeirento ready-made.»

Trata-se, aqui, de uma luta dos sentidos; é preciso não enxergar, apenas, o seu ready-made, mas conhecê-lo, após tê-lo enxergado, não no seu limite concreto, palpável, perecível, e sim na sua fabricação, tocando exatamente a ordem do sobrenatural.

Para conhecer a sua submissão, a sua redução a pedaços pré-fabricados da realidade, a pó, a cinza, o leitor será colocado numa posição suprema, aquela do produtor. Essa hora, diz Mandiargues, «é então a hora de vidência, é também a hora da cegueira, as duas figuras absolutas do que às vezes nomeamos de misticismo».³

O sagrado, o místico, o transcendental é lembrado ao leitor, mas para que numa primeira físgada, numa primeira olhada, ele esqueça o seu sentido e com isto deixe de ser pó, única condição para que, num segundo momento, ele se desloque do seu ready-made, nomeando-o poeira, lixo, cinza, resto!

Entretanto, o cotidiano, o ready-made do leitor é aquele do qual afirma Mandiargues:

«Na maior parte do tempo a atividade mecânica continua a caminhar sobre os buracos percebidos nos quadros, a passos enferrujados. Esses quadros, às vezes se ligam à feiúra e ao horror, mas tornam-se aceitáveis pelo respeito às leis da casualidade e ao conformismo banal através dos quais eles se apresentam.»⁴

Ora, não é exatamente através dessas leis de casualidade que o retrato de Marceline é descrito? Diz-se no texto:

«Foi dito que ela estava cheia de cinzas, de areia e de sangue. Tinha um pequeno rosto estreito, triangular, testuda, dois olhos castanhos bem escuros, com traços amarelados, marcantes sobretudo devido ao desenvolvimento de-

3. Idem, *ibidem*, p. 9.

4. Cf. citação 2, onde o autor fala dos buracos que constituem o panorama construído na consciência do homem. MANDIARGUES. *Op. cit.*, p. 17.

sordenado da pupila, uma boca que dificilmente ficava fechada, lábios finos sempre abertos devido os dentes muito pontudos, pouco pêlo, mas com cabelos grandes, cinzentos, com reflexos vermelhos como do nevoeiro de fábrica, ondulando nas costas, caindo pelo pescoço magro deformado pelos gânglios.»⁵

Geometricamente descrito, detalhadamente recortado, obediente às leis da causalidade, esse retrato esconde em si um valioso discurso: aquele, policial, da escola do Sr. Lombroso. Aquele «*hommo criminalis*», criminoso nato que, fisicamente, seria reconhecido por ter determinada estatura, tal tipo de crânio, tal consistência de mandíbula, tal tipo de orelhas, tal tamanho de braços.⁶

A crença em tipos criminosos existiu numa época em que se tinha por fito sacralizar o criminoso. É uma resposta social frente a sua própria ordem: o excesso de violência aplicada no social sobre o indivíduo provoca uma reação e, quando essa reação se torna visível, ela fica perigosa, podendo alterar a estrutura social. Para eliminar o perigo, às vezes, a sociedade recorre a processos de exclusão do mal sob a forma de um bode expiatório em que se transforma esse elemento destacado e destacável do social.

Mandiargues entra nesse jogo exatamente no momento em que se perguntaria: Não seria contraditório fazer o leitor ler o conto e assim eliminar (conhecer) o seu ready-made e ao mesmo tempo usar como modelo de tal projeto-conto um retrato falado desse próprio ready-made?

Não, responderia ele, porque, na verdade, ao diferenciar os homens entre aqueles que só vêem o seu ready-made e os outros que abrem portas, janelas para enxergar o além, ele já escolheu como tratar o leitor: sacralizado, ele vai se esquecer como médico, cego e, dessa forma, poderá conhecer a sua cegueira: a banalidade vivida cotidianamente.

5. MANDIARGUES, op. cit., p. 17.

6. COHEN, Dubois. «Estructura de la novela policiaca» In: **Estruturalismo y marxismo**, Barcelona, ed. Martinez Roca, 1969.

Mas, por que, exatamente, transformá-lo, ele, leitor, nesse criminoso? Em primeiro lugar, para iludí-lo, fazer com que ele pense que ele está vivo, que pode agir, pois, ao sacralizá-lo o autor já o assassinou. Em segundo, porque quer lembrar-lhe porque o matou, porque o sacralizou, para que ele esquecesse que era pó pecador, criminoso — para que curiosamente, fosse um bode expiatório que soubesse de sua função.

Por isso, não é nada espantoso para o leitor ver-se exilado de seu lugar mediocre, já que deve abandonar o seu pobre ready-made, para viver o texto, ser leitor e ver-se de volta, no texto, como retrato no personagem, uma pobre menina, retrato descrito que é preenchido de cinzas, como é Marceline. Dessa forma ele poderá melhor julgar sua posição real e quem sabe será sua vez de utilizar a palavra de seu signo criminoso, para assassinar essa verdade que o esmaga.

Seriam talvez essas as portas que o texto abriria ao leitor quando ele detectasse as cinzas, ou como ainda diz Mandiargues:

«O carvão, a areia, a fuligem, o gesso, o vidro, a neve, a lã, o ouro, o ferro, o chumbo, a madeira, a nata, o sangue, o pão, o leite e o vinho; todas essas matérias simples ou compostas»⁷ e fosse capaz de saber a sua mesquinha origem, a sua construção simbólica que lhe entre, perfura os poros. Seria possível então compreender «o pavor que provoca o sangue expelido pelo hímen rasgado, que vem «da morte» do pai e da mãe abolidos juntos da memória da menina, na ruptura violenta das disciplinas familiares.»⁸

A ordem assassinada desse real, rompida através de cortes que a multiplicam, a dessemینam e que é praticada pelo autor sobre o leitor nos leva a questionar, a relacionar as figuras desse modelo real — aquele de ordem policial — com esse leitor criminoso tão desejado pelo autor. Trata-se aqui de ver o porquê dessa repetição em diferença, obedecendo àquilo que diz Deleuze:

7. MANDIARGUES. Op. cit., p. 11.

8. Idem, ibidem, p. 11

Na repetição compreende a diferença como a variante essencial que a compõe, o deslocamento e o disfarce a constituem por uma diferença, ela própria, divergente e deslocada.»⁹

Tentaremos ver, pois, como que através dessa repetição mascarada por deslocamentos críticos do modelo, chega-se a uma repetição que «faz» a diferença.

II

Marceline Cain vai passar de morta — operação aberta pelo narrador, que a faz surgir como retrato (corpo ausente, em negativo, logo morto) — a matadora da qual será a narradora: eu sou um cordeirinho ensanguentado. E será ela quem como matadora «contará uma bela história que faz arrepios no meio da noite: uma história de pele e sangue.» Vamos entretanto ao mecanismo que permite esta falta capital, essa transgressão audaz do esquema narrativo.

Primeiramente, Marceline não passa de um retrato falado. É um corte fixado pela palavra do narrador, que nesse momento pode ser inscrito na ordem de um mundo, onde a fixação de um provável — o retrato feito de palavras — traduz uma necessidade que tem a ver com a ordem de um mundo que acha e precisa sempre, de um corpo para preencher essa ortografia falada. Processo corriqueiro, inserido nos cânones de um inquérito policial, no qual a preocupação sumária é a de reconstituir — eliminar a cena do crime, através da recuperação-fabricação do corpo do criminoso. Nessa ordem recupera-se o sujeito perdido da vítima e a ameaça que essa pedra traz consigo. O lugar do retrato, nesse mundo, é casa vazia¹⁰ que deverá ser preenchida por um sistema de provas, de índices, de objetos póstumos.

E, por que esses elementos, esses índices estão misturados de forma tão grotesca? Vale dizer que ainda há um índice para completar o ciclo do retrato: a areia. Ora, ela vai estar ligada ao

9. DELEUZE, Gilles. *Différence et Répétition*, Paris, P.U.F., 1968.

10. Casa vazia: para maior esclarecimento do termo cf. em DELEUZE Gilles — *Lógica do Sentido*, SP, Perspectiva, 1967, p. 43.

coelho, pela sua cor amarelo-laranja. Nesse momento, o retrato dissolve-se no corpo do coelho-corpo da vítima-vítima do sacrifício do pai. É bom lembrar que ambos, coelho e Marceline, estão submersos no mesmo mundo — aquele do Sr. Cain. Marceline habita o bungalow — casa do pai —, o coelho, a caixa de tabaco. Ambos estão encaixados, superpostos, um sob o outro, no mundo do Sr. Cain.

Mas o narrador, outra vez, fixa o retrato de Marceline. A descrição do coelho obedece ao mesmo feitiço do retrato falado: «um gordo coelho amarelo-laranja, peludo, de orelhas negras, barriga e pés brancos».¹¹ A intenção é clara — na justaposição dos dois retratos há um interesse em disseminar a idéia de semelhança entre eles. Mas, que tipo de semelhança? Parece que tocamos na ordem das perguntas anteriores. Primeiramente, quão patético não é, segundo o modelo policial, investir no corpo do mundo, para constatar o retrato e encontrar desse outro lado, um outro lado, um outro retrato. E curiosamente os dois retratos vão se encontrar, na ordem do sacrifício. Marceline portando Cain o sacrificador — e o coelho — vítima de sacrifício do ritual de iniciação sexual de Marceline que antecipa essa ligação no seu contato pêlo-pele com ele sem mexer mais.

«Marceline se observava curiosamente: a sensação de contato entre pêlo e pele lhe parecia vagar sobre seu corpo e se estender finalmente por todo o seu corpo, a envolvê-la da cabeça aos pés num odre de pelica quente. Ela se maravilhava de ver as pequenas ondas correrem sobre sua epiderme, um tremor ondulava sua barriga, e ao mesmo tempo seus seios ficavam mais duros e o sangue os coloria em cor-de-rosa (. . .) a estranha sensação de presença que marcava cada parte de sua pessoa, como se a vida fosse se colar lá, bem mais longe, seus lábios de repente secos e grandes, depois seus seios, depois sua barriga.»¹²

11. MANDIARGUES. Op. cit., p. 17.

12. Idem, ibidem, p. 22.

Ela diz aqui, já a significação ritualística da sua iniciação sexual: ela vê seu corpo em pedaços, sua própria pessoa despedaçada, ou ainda, como produto de uma construção anterior, de pedaços.

A função do coelho-brinquedo, descarregador de fantasmas denunciadores inverte e completa a função do coelho exigida pelo pai: de ser vítima de sacrifício, operado pelo pai, que quer a eliminação da função brinquedo do coelho. Vemos tal desejo expresso nas próprias palavras do Sr. Cain dirigida a Marceline:

«Minha querida filha, diz ele a Marceline, nós pensamos muito, sua mãe e eu, e chegamos a conclusão que você não está mais na idade de perder quase todo o seu tempo brincando de boneca com um coelho.»¹³

É preciso eliminar esse amor perigoso entre Marceline e o coelho, para impedir uma declaração contagiosa como essa, feita por Marceline: «**Querido coelho eu te amo**».¹⁴ E, principalmente, para eliminar o estranho sentido que traz essa ligação: pertencente ao mundo do coelho, Marceline tinha os traços de um animal selvagem, exatamente o que ela vai perder logo a seguir.

A leitura do papel sexual iniciado pelo pai em Marceline fica feita com essa ligação: iniciar-se sexualmente é perder a função brinquedo, animal, a ordem da denúncia do despedaçamento do próprio corpo

Entretanto, essa iniciação sexual tem um outro começo: a viagem que Marceline fez com a mãe para a cidade. Trata-se de trocar a roupa suja, pela limpa. Mas, desta vez, não na mesma ordem, pois a mãe revela sua própria posição sexual, no espaço da família ao afirmar: «**se a outra se alimentava das novidades que via, seu velho rancor era contra seu marido, filha ou trens, tudo o que ele nunca procriou na vida?**».¹⁵

13. Idem, ibidem, p. 39.

14. Idem, ibidem, p. 23.

15. Idem, ibidem, p. 28.

Essa ação da mãe liga-se àquela do pai ainda, noutra ordem pelas seguintes palavras da mulher para definir o marido:

«nunca ele pareceu tanto com um animal! Mas que animal? (...) depois tocar ao som de Non ti scordar de mi esta frase singular que não será a mais esquecida: «Meu marido é um bode.»¹⁶

O afastamento de Marceline, pela mãe, corresponde ao próprio afastamento desta, nas relações familiares. A relação marido mulher, no espaço social da família é denunciada, porque se iguala ao papel sexual de Marceline anunciado pelo seu ritual de iniciação Marceline-retrato corporificado-mascarada em menina no espaço de uma família. Dessa forma o retrato-corpo de Marceline inscreve-se no mundo.

É ainda nesse mundo da viagem que Marceline repete a sua ligação perigosa com o coelho. Ela vai deixando pelo caminho, os pedaços do corpo, logo nesse caminho perigoso e detestável. Os espadões ensanguentados dentro do carro, as tartaranhas mortas no beco, o parque de cordeiros prestes a serem sacrificados, o cabaret Corne de Cerf, que contém as moscas vivas, enfim o açougueiro sacrificador. Nesse percurso serão contidos todos os semas relacionados no retrato e no nome, e que a mãe de Marceline devolve ao mundo. E esse mundo tem um dono — é o mundo barroco do Sr. Cain. O desejo de morte, de desligar-se do marido é alcançado nesse assassinato cruel, que é o despedaçamento de Marceline. O mundo que deveria conter pistas de Marceline, vira Marceline.

Nessa ordem, o narrador iguala-se essa mãe assassina — ambos funcionam como investigadores, constatadores do retrato no mundo. Existe mesmo uma substituição entre os dois. A mãe é quem percorrerá o mundo e reconhecerá nele a semelhança inconfundível do retrato. Resta uma pergunta: por que o narrador transferiu para a mãe essa confidencial missão policial? A resposta ainda não deve ser dada aqui. Falta ainda entrar na segunda e fatal viagem, que começa na volta da primeira viagem.

16. *Idem*, *ibidem*, p. 25.

Partiu-se apenas a metade do retrato. Só aquela metade do mundo do Sr. Cain pode ser denominada bode (expiatório), como cantou anteriormente a Sra. Cain. Só o retrato de Marceline foi retalhado. O segundo retrato precisa ainda de cortes. Curiosamente, não vai ser mais com a palavra da Sra. Cain, mas do próprio bode — Sr. Cain que vamos recortar esse retrato. É como se ele ouvisse essa estranha injúria, proferida pela mãe, e tratasse de devolvê-la, de desmanchá-la. E também porque, assim inacabado, esse retrato é ambíguo: Marceline fragmentada é operação do poder do pai, única forma de sobrevivência do seu domínio. Ora, o retrato do coelho lembra exatamente o despedaçamento da menina.

Recompor a sua ordem, eliminar a junção perigosa dos retratos será uma função do pai. Matar o coelho e comê-lo como pequeno cordeiro de leite será a solução. O coelho deve ser comido como bode expiatório, vítima de sacrifício, como a menina foi «comida» pela mãe na medida em que a mãe assassinou a filha.¹⁷ A tentativa de assassinato, que inaugura a ordem da família, está pois pendurada no Sr. Cain, no seu próprio nome. Essa ordem simbólica, onde, por um crime inscreve-se no sujeito o próprio assassinato, a sua própria morte, é o que fica no ritual de iniciação de Marceline. Matando o coelho, o Sr. Cain assassina a mulher, pois ao inscrever o coelho como bode expiatório anula a morte da filha, feita pela mãe. A morte da mãe fica clarificada no **assentimento** ao assassinato do coelho: ela se iguala ao marido, concorda com o marido, e se anula; elimina a morte da filha que havia tecido, para denunciar o seu lugar de morta na família.

Mas ainda falta a metade da profecia da mãe, quanto a esterilidade da produção do marido, da qual a filha seria fruto. Vemos que isso se realizará exatamente na segunda viagem. Incorporada ao coelho, após ter participado do banquete do pai, Marceline é fantasma de corpo (coelho) e fantasma sem corpo: o seu, foi despedaçado na volta da viagem. Marceline agora vai ler a letra do corpo do mundo, no qual é inscrita ao perder o

17. Como foi dito anteriormente a mãe leva a filha em viagem para que ela deixe no percurso os pedaços do seu corpo.

corpo, no seu avesso. Assim começará a viagem noturna de Marceline. É um retorno ao caminho de volta da primeira viagem. É uma volta que inverterá todo o ciclo anterior, onde o narrador vai, através da circulação do papel de assassino, constatar a ordem do retrato no mundo. Aqui Marceline reconhece o caminho de volta. Ele contém os pedaços dele, retrato fixado pelo narrador. Ora, o mundo que ela vai tentar escrever como fantasma, virou retrato, é o seu corpo perdido, grotesca situação.

A ordem da noite estará entregue a Pétrus, negro, confirmando-se na própria pele, como índice da noite. À noite, os pedaços do corpo de Marceline tomam vida. O cabaret iluminado, reluzente como lanterna vienense e seus freqüentadores do cabaret são exatamente os habitantes do cais do porto, do mundo que a mãe detesta. É a penetração do corpo do mundo no fantasma da noite e os insetos viscosos movimentam-se. Inversão da ordem do dia, conduzida pelo pai onde ela está morta, fixada como retrato. Eliminação também do papel do narrador, que procurava colar o retrato no corpo do mundo, na sua letra. Ela acabou constatando, revelando esse corpo colado pelo narrador.

Trata-se, nessa segunda viagem, também de uma iniciação sexual. Simbolicamente, ela aparece repetindo o ritual da iniciação de Marceline trabalhado pelo pai. Ela é assassinada por Pétrus, o matador de cordeiros. Grotescamente, o ritual do sacrifício volta na ordem da noite. Mas a ordem da repetição é ampliada e subvertida. Marceline, transformada em cordeiro, flagela o corpo do negro: de cortador de carne, valet criminal, ele passa a ter a sua carne cortada.

Na ordem do dia, não é exatamente em cordeiro que ela é transformada, ao comer o coelho morto como pequeno cordeiro de leite? Matar Pétrus é pura farsa, que permite Marceline esvaizar a letra do mundo.¹⁸

Aqui ela explica facilmente a diferença entre a ordem do seu nome, Cain, e do retrato-vítima. Ela é a vítima e assassina, é bode expiatório, mas também expulsa essa ordem.

18. Para maiores esclarecimentos sobre a utilização do termo letra cf. em LECLAIRE, Serge *Psicanalisar*, SP, Perspectiva, 1977, p. 99.

Pétras, ao contrário do pai, equivale a Marceline. Ele é duplo e sua duplicidade está contida no seu próprio corpo: a roupa bufonesca, a calça larga de tabuleiro xadrez branco, sapatos brancos e envernizados e ligados por cordões. A jaqueta curta, de pano sedoso, de cor violeta, revestida de botões em porcelana japonesa com estamperia de dançarinas fushias e com o peitilho aberto, fazendo aparecer uma camisa rosa fushia com uma ofuscante gravata malva e verde como o pescoço dos canários.

Vai ser a dança desse corpo duplo que causará a metamorfose do sacrificador em vítima e vice-versa. Pétras, imitando o ato de matar, de sangrar um cordeiro com a faca que leva o mesmo símbolo — um pedaço do corpo do cordeiro — é sangrado por Marceline — fantasma, com a mesma faca. E é pelo corpo da letra e palavra do corpo que o açougueiro negro enuncia a ordem do sacrifício da noite, como sendo a morte do corpo enquanto letra — a ordem da família — e não mais a sua vitalidade. Nas palavras dançadas por Pétras está realizada aquela profecia de Mme. Cain: constatar a esterilidade do marido. Diz o açougueiro: «Vá, mamãe carneiro / vá meu doce cordeiro / vá encaracolado / vá, lãzinha fofa /, pois, o sangue, fita, jóia, o açougueiro te furtou.»¹⁹

Pétras contém o sangue, a fita, a jóia, os índices da morte de Marceline. Mostrando Marceline morta-vítima é transformado em assassino e ele deixa revelado o crime do pai, fundador da ordem da família, que começa com essa pequena imolação.

O desejo da mãe, de despedaçar o corpo do mundo cotidiano, representado pelo marido, está plenamente realizado. Matar Marceline e envolver nela a função do marido será devolver a ordem do mundo o seu sacrifício na ordem da família, onde é bode expiatório. Tal ordem fica finalmente transgredida pelo assassinato final, onde Marceline mata o casal, germe da família. Elimina-se, de uma vez por todas, essa ordem da família que tanto incomoda essa pobre mãe. E é por isso que Marceline passa de retrato-índice a cordeiro ensanguentado: incesto e parricídio são aí repre-

19. MANDIARGUES, op. cit., p. 53.

sentados. Dessa forma irrealiza-se o crime social, onde a mulher é assassinada e fixada, morta no espaço da família.

A ordem dos retratos, mais uma vez, pode ser apresentada: pelo seu traje, por sua cor, Pétrus é o negativo do retrato-corpo de Marceline (fantasma branco). O corpo que ele apoderou com o sacrifício — os pedaços do mundo que estavam colados em Marceline-retrato — colam-se nele, que é puro retrato em avesso.

Que bela trapaça: a ordem do policial, de escrever no retrato falado do criminoso a letra do mundo é colada no avesso do retrato, ou seja, no próprio mundo. Não é por menos que a polícia — fragmento do mundo policial — se engana ao investigar e tentar inscrever no corpo de Pétrus o crime: ela está cega à duplicidade de Pétrus. Ele é o espelho da noite, que reflete o dia no avesso: esse fantasma que percorre o corpo do mundo, nas suas dobras, para constatá-lo como pertencente a ordem do real cotidiano, do qual o casal Cain é fragmento. Nesse mundo, o corpo-Marceline significava uma lembrança sagrada e perigosa, de corte, de sangue e que precisava ser expulsa. Entretanto, por um golpe de lua, a ordem da ficção, onde se invertem e se permutam os papéis de sacrificador-vítima, não só impede, como inscreve o profano na ordem do sagrado.

A polícia deve se enganar mesmo, porque perdeu o lance de dados, não podendo entender o simbólico, no qual foi construída e está inscrita e assim perde-se no seu próprio labirinto.

É hora de lembrarmos de nosso narrador. Ele também está morto, assassinado. A mãe-personagem mata-o, pois seu fito é passar a palavra a Marceline. E o narrador está modelado no mundo policial, que pertence ao pai e que tem a função de desmanchar a palavra da mãe. E, finalmente, ele deverá ser morto, para realizar aquele fito do autor: assassinar o readymade de seu leitor, abrindo-lhe portas para entender seu próprio assassinato, no cotidiano.

Foi preciso recorrer à ação da Sra. Cain, para alterar o esquema narrativo, e nessa troca de vozes, realizar o fito do autor.

Matando o narrador, metonímia do produtor social do leitor, o texto opera uma empresa criminosa: assassina a sua própria morte, reconstituindo-a e, nesse passo, construindo a ordem as-

sassina da sociedade na qual se inscreve: Não é por outro motivo que a noite persegue o filho branco do dia: o texto vai ser exatamente esse perseguidor simbólico-noite, sonho que perseguirá o fruto, o produto da ordem do dia, despedaçando-o.

Esse jogo corpo-espaço, trabalhado no texto, liga-se imediatamente ao econômico das sociedades industriais: nesse espaço a economia da sociedade é garantida pela dissolução do sujeito em objetos, que são dados como fragmentos, pedaços dele. Ora, esse fantasma capitalista implica que o objeto seja visto como um pedaço do real do próprio sujeito e que o sujeito aí se perca.

Ao contaminar o mundo com a sua própria estrutura-multiplicação de objetos, o texto revela essa ordem. Explica-se aí a utilização do modelo policial, na medida em que este opera um despedaçamento do sujeito. A idéia de crime aparece socialmente, relacionada com as forças de desequilíbrio da ordem. Vai ser exatamente na apuração do crime que a sociedade tentará apoderar-se do perigo que o crime estabeleceu. No texto policial, corporifica-se toda a desordem social, levando o leitor a, catarcticamente, expurgar a violência à qual ele é submetido cotidianamente.

Trabalhando no mesmo nível, nesse mesmo processo de corte feito pelo texto policial — metonímia da ordem policial do mundo — o texto repete tal modelo, inscrevendo-o na sua palavra mas com uma diferença radical: no lugar de esconder, camuflar pelo alívio as tensões sociais provocadas pela multiplicação do sujeito na ordem do real, ele historia as funções de assassinato do sujeito na ordem do real.

É por isso, que é preciso a disseminação do assassino no próprio esquema do sistema narrativo. O narrador morre para que Marceline «pequeno cordeiro ensanguentado» possa, ela mesma, contar a sua história. Nesse momento o leitor reconhece a sua própria fala e deixa de ser cego! Ele será como Marceline, que compreendeu porque tinha fugido de seu quarto, e porque ela tinha ido passear precisamente lá, no cabaret Corne Cerf.

Agradeço à amiga e professora Marie-Monique BERNARD, pela ajuda na tradução do original em francês.

PESQUISA

LIVRO DE BOLSO

Maria das Graças Rodrigues Paulino *

— Relato de Pesquisa: Leitura de livros de bolso em Belo Horizonte —

Há poucas livrarias no País, porque estas são lojas especializadas no comércio de um produto dirigido a uma minoria insignificante da população. As grandes massas urbanas alfabetizadas não consomem a literatura de livraria: falta-lhes poder aquisitivo e desembaraço cultural para tanto.

Outra é a situação da literatura de banca. Por um preço dez vezes menor que o de livraria se adquire um livro bem mais fácil de ler e de carregar, e que pode, inclusive, ser trocado, depois de lido, por um outro. Essa ficção de bolso conta, por isso, com um número muito maior de leitores habituais que as publicações da chamada literatura culta. Só a CEDIBRA, que edita o «bolsilivro», é responsável por mais de trinta séries temáticas de sucesso, entre faroeste, espionagem, ficção científica, terror, amor e outras. Essa literatura de banca participa do universo da cultura de massas: redundante, consolatório, conservador. Como recebem os leitores estes textos?

Circulam muitas hipóteses sobre o leitor de livros de bolso e sobre a sua leitura. As principais são:

* Este trabalho é de Ângela, Aurora, Divina, Doralice, Edilene, Ilza, Isaura, J. Agostinho, J. Soares, Júlio, Luiz Carlos, Luíza, Márcia, Maria Auxiliadora, Maria Cristina, Marília, Maria Sueli, Regina Cândida, Regina Márcia, Rosângela, Vera e Wileidy, alunos da turma de Estilos de Época E, turno da noite, 1º semestre de 1980, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

- 1ª) O leitor de tais obras é um adulto de baixo nível cultural.
- 2ª) A leitura de tais obras tem função de fuga predominante:
- 3ª) Representa-se uma elevada dose de violência em tais obras, com função catártica, deslocadora de tensões.
 - a. o livro é logo esquecido;
 - b. toda história deve acabar bem;
 - c. o exótico é preferido ao familiar.

Não conheço trabalhos de campo que tenham testado tais hipóteses. Por isso, me propus a orientar vinte e dois alunos do curso de Graduação da Faculdade de Letras numa pesquisa sobre a leitura de livros de bolso em Belo Horizonte, no primeiro semestre de 1980.

Foi montada uma entrevista com questões que permitissem verificar as hipóteses citadas. Cinquenta e cinco leitores habituais de livros de bolso foram entrevistados pela turma, que depois procedeu à análise dos dados coletados. Em síntese, as conclusões foram as seguintes:

1ª) O leitor de livros de bolso (bolsilivros) se pode localizar em qualquer faixa de escolaridade, do 1º grau incompleto ao superior completo. Quando se presume ser baixo o «nível cultural» de tal leitor só se pode entender que o parâmetro usado foi o nível de escolaridade. Neste caso, a presunção se revelou falsa: a faixa de escolaridade de ler oscila muito e se estende ao grau universitário.

2ª) O leitor de bolsilivros geralmente lê jornais e revistas quando pode, embora costume se esquivar à leitura de outros livros. Alguns entrevistados alegaram não gostar de outros tipos de livros por achá-los longos, cansativos ou difíceis. Na maioria dos casos a preferência de leitura é consciente e tende a excluir outros livros, mas não jornais e revistas.

3ª) O leitor de bolsilivros não se preocupa em fixar as histórias que lê: rapidez e superficialidade caracterizam sua lei-

tura. Ele consegue lembrar nomes de certos autores de séries (Corin Tellado, ou Estefânia, por exemplo), mas não consegue narrar uma história já lida. Alguns disseram ter lido duas vezes vários livros, só podendo reconhecê-los quase ao final.

4ª) O espaço geográfico-social exótico é preferido ao familiar pelo leitor de bolsilivros. A maioria não desejaria que as histórias se passassem no Brasil, ou porque só as consideram verossímeis em cenário estrangeiro ou porque querem obter com a leitura a ilusão de viagem.

5ª) O leitor de bolsilivros está satisfeito com as histórias que lê. A maioria nada quer sugerir aos autores, concorda com o desfecho feliz e com todo o resto.

6ª) O leitor de bolsilivros gosta de encontrar descrições de crimes, assaltos, mortes, episódios violentos em geral nas narrativas. Como a maioria se declarou aficcionada ao faroeste e à espionagem, deduz-se que a busca da violência se inicia na própria escolha do gênero. Grande parte dos leitores afirma não associar a violência das histórias à realidade e diz que nesta, (infelizmente!), o bandido nem sempre acaba mal.

As conclusões revelam que, das hipóteses iniciais, apenas uma, a primeira, foi negada; as outras se confirmaram. De qualquer modo, a pesquisa, apesar de modesta e incompleta, representa uma experiência válida: introduz uma nova perspectiva nos trabalhos universitários sobre literatura e constitui uma contribuição de certo interesse para a teoria da comunicação de massa.

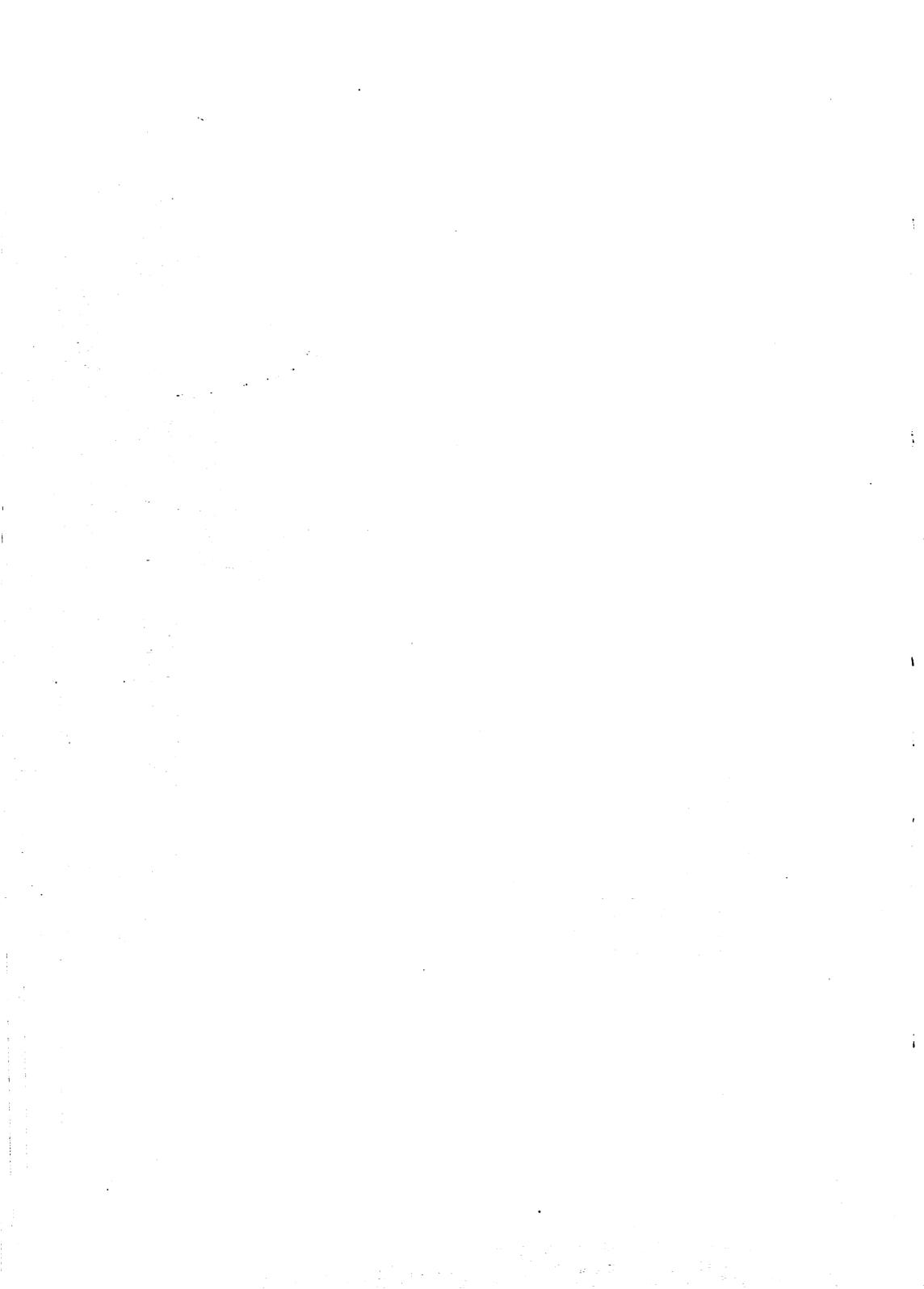
Para alguns, pode ser desanimador confirmar, mais uma vez, a idéia de que o brasileiro médio busca na leitura um modo de se alhear dos problemas concretos da vida social. Para outros, pode ser desolador constatar, mais uma vez, que «obras de tão baixa qualidade literária» sejam tão apreciadas por tantos. Lembremos, porém, que esta é uma face da história da **literatura** de nosso tempo e de nosso país que talvez não devamos apenas lamentar. Talvez devamos também utilizá-la como objeto de reflexão no intuito de subvertê-la, procurando meios de ajudar a formar um novo hábito popular de leitura.

Maria das Graças Rodrigues Paulino

RL

revista literária

RESENHA



CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 15º Concurso de Contos e de Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 879 trabalhos, sendo 53 conjuntos de contos — no total de 159 contos — e 144 conjuntos de poemas — no total de 720 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 185 alunos das unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais, assim distribuídos: 59 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (17 de Psicologia, 16 de Filosofia, 13 de Comunicação Social, 5 de Ciências Sociais e de Ciências Política, 3 de História); 31 da Faculdade de Letras; 27 da Faculdade de Direito; 11 da Escola de Engenharia (4 de Engenharia Civil, 2 de Engenharia Elétrica, de Engenharia de Minas e de Engenharia Mecânica, 1 de Engenharia Química); 11 do Instituto de Ciências Exatas (4 de Engenharia, 2 de Matemática, 2 de Química, 1 de Física, de Estatística e do Mestrado); 7 da Faculdade de Medicina; 6 da Faculdade de Ciências Econômicas (5 de Economia e 1 de Ciências Contábeis); 6 do Instituto de Ciências Biológicas (4 de Medicina, 1 de Farmácia e 1 de Ciências Biológicas); 5 da Escola de Arquitetura e da Faculdade de Educação; 3 da Escola de Educação Física e do Centro Pedagógico; 2 da Faculdade de Farmácia, da Escola de Veterinária, do Colégio Técnico e do Curso de Formação de Atores/Teatro Universitário; 1 da Escola de Belas Artes, da Escola de Música e da Faculdade de Odontologia.

Em quinze concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATISTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
TOTAL	1.880	1.386	4.760	6.146

Os trabalhos recebidos e não classificados já foram devolvidos aos seus autores.

A relação dos 879 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte :

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	Marruá Cheia Moagem	Oséas (3º lugar) Oséas Oséas
02 —	Sonhos Neném Maria José	Guadalupe Guadalupe Guadalupe
03 —	Cumplicidade Cacos Cisma	Jonzira Jonzira Jonzira
04 —	A Selvatagem Suicida O Assessor da Hélade O Doutor Sperman Cardoso...	Tutuca Tutuca Tutuca
05 —	O Congresso O Anúncio Good Friend	Purple Haze Purple Haze Purple Haze
06 —	Um Grito Impossível Ciscos do Cotidiano	Mael Mael Mael
07 —	Dai de viver a Quem... A Teia O Inventário da Ausência	Davi Davi (1º lugar) Davi
08 —	Os Papagaios de Ru Sobre as Cabeças Gertrul Amarra Linha de...	Bandido da...(M. honrosa) Bandido da... Bandido da...
09 —	João Pretinho Veludo Pedra Grande	Chico Grotá Chico Grotá Chico Grotá
10 —	O Ronco Querida Mamãe Por Aqui... O Trem das Cinco e Trinta	João Archer João Archer João Archer
11 —	Pânico Indiferença Retorno	Persistente Persistente Persistente
12 —	Parada de Forno Ferrena Winchester 1982	Iago (M. honrosa) Iago Iago
13 —	Coisa de Cidade Grande A Voz Admirador, Presentes...	Cristal Cristal Cristal

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
14	— Consciência do Futuro Exercício Visual e... Auto-Retrato	Pedro Pedro Pedro
15	— Outo Seio de Abraão O Bêbado e a Lagartixa	Madalena (M. honrosa) Madalena Madalena
16	— Seco até os Ossos Mana Sebo	Marino Vallona Marino Vallona Marino Vallona
17	— Phillips Blackout A Sombra da Ameixeira	Augusto Sakarolha Augusto Sakarolha Augusto Sakarolha
18	— Conversa Notícia Filho do Meio Fio	Morango Gordo Morango Gordo Morango Gordo
19	— Três Figuras «Da Pesada» O Saciador das Massas Considerações Prematuras	Star Star Star
20	— Ambição Arriscar Não é Coragem Capim Cheiroso	Femme Femme Femme
21	— O Bobo Cotidiano Meu Tio foi embora	Esmeralda Esmeralda Esmeralda
22	— Joe, o Esqueleto Deus A Musa no Tempo	Don Nicanor Don Nicanor Don Nicanor
23	— Cochilo de Deus Hermida de Maumém Roxa, Cor de Corno	Nordestinado Nordestinado Nordestinado
24	— Vingança Figura Obsessão	Geraldo Vandré Geraldo Vandré Geraldo Vandré
25	— Sapatos Bem Engraxados Festa Janina Doce Lar	Jocar Jocar Jocar
26	— Ambição Uma Última Esperança Derradeiro	Carlos Marx Carlos Marx Carlos Marx
27	— Saudade, Tarde, Noite O Louco Castillo de Castellar de la...	Jota Jota Jota

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
28	— Vendo Crescer as Flores Casca de Banana O Negro no Asfalto	Markos Markos Markos
29	— O Caminho que eu Fiz Teia de Aranha Marcela	Hela Balder Hela Balder Hela Balder
30	— O Apartamento de Alice A Flor do Mal Jorge, o Contador	João Outrem João Outrem João Outrem
31	— A Caça da Caçada Presente de Sexta-feira Cria Cobra Cria!	Cesalpínea Cesalpínea Cesalpínea
32	— Patrão Nosso de Cada Dia Os Olhos Verdes da Morte Primavera nos Dentes	Ricardo Víctor Ricardo Víctor Ricardo Víctor
33	— E é Primavera Um Pequeno Serviço Km 45	M. Tiago M. Tiago M. Tiago
34	— Me perdoa, Pedro? Extremos ... Silêncio, Cristina e Paz	Pararcos Pararcos Pararcos
35	— Oh Suzana, don't cry for me Dia de Ver o Presidente Passagem de Ano	Netsilik Netsilik Netsilik
36	— A Serenata O Papagaio Alex Sílvia	Gabriel Gabriel Gabriel
37	— De Como um Pobre Repórter... O Engenheiro Químico Teia	Little Little Little
38	— Eros e Tanatos Estantâneo Via Crucis com Q-Suco	Hera Hera Hera
39	— Os Eleitos Seus Olhos 15.826	Raissa Raissa Raissa
40	— Partilha Vôo de Trem «Sabe, Não Tô mais Afim»	Careca Careca Careca
41	— A Mulher Festa Contida A Profissão	Sócrates Sócrates Sócrates

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
42	Sem Título I	Canuto
	Sem Título II	Canuto
	Sem Título III	Canuto
43	Tita	Betgos
	Assassinato Político	Betgos
	Enterro	Betgos
44	Primeira Expansão	Guitar
	Girl avec Serpent	Guitar
	Matias ou Pequena História..	Guitar
45	Amanhã Será um Novo Dia	D'Freitas
	A Vingança	D'Freitas
	O Portão Cinzento	D'Freitas
46	Recomposição das Gotas	Estudante
	Os Prognósticos Infalíveis	Estudante
	O Rato da Biblioteca	Estudante
47	Eu Pecador me Confesso	Márcio Faol
	Morto Vivo	Márcio Faol
	Duelo na Metrópole	Márcio Faol
48	O Sétimo Ponto	Mudo Como...
	O Escárnio	Mudo Como...
	Amre Note	Mudo Como...
49	Inesperada Passageira	Quézio
	Pobre Tem Dessas Coisas	Quézio
	Mãe, Você é o Máximo	Quézio
50	Todas as Bonecas	Arlequim (2º lugar)
	A Volta do Filho Pródigo	Arlequim
	Heróis, Heroínas	Arlequim
51	Trote	Acácio Torres
	Chuva Fria É...	Acácio Torres
	Aeroporto de Mosquito	Acácio Torres
52	Os Sonhos de um Filho Noel	Dercy Alves
	O Sangue, ou a Moral	Dercy Alves
	As Belas Sentenças...	Dercy Alves
53	Outro Planeta	Tília
	Que Seja Feliz...	Tília
	Não Enviou	Tília
54	Os Deuses Voam...	Di-Fausto
	Não Enviou	Di-Fausto
	Não Enviou	Di-Fausto

P O E M A S

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	Anatomia da Origem A Che Guevara Transcendental (Como Caetano) Negação Mensagem	Issinha (3º lugar) Issinha Issinha Issinha Issinha
02 —	Brincando de Gente Pequena Amigo Escrevendo Entradas e Bandeiras Porto	Ana Terra Ana Terra Ana Terra Ana Terra Ana Terra
03 —	Pois Não É? Poema Pra Depois da Meia... Tempo Vizinho Composição Exercício	Nina Nina Nina Nina Nina
04 —	Sinais de Fumaça De Cetim Capital dos Meus... Fátima de Chicago Balada Doméstica...	Gianfrancesco (M. hon- rosa) Gianfrancesco Gianfrancesco Gianfrancesco Gianfrancesco
05 —	Beijos Melados Anjos de Judas Matizes Castigos do Tempo O Poder da Palavra	Surié Surié Surié Surié Surié
06 —	Nos Arrecifes Daqui 4 Hai-Kais pra 4 Temas Tantos Dias Noturno para F.S. Fábulas Pré...	Gudinga Gudinga Gudinga Gudinga Gudinga
07 —	Toque de Menina... Balada para a Vida Ter Setembro ainda... Prá Ninguém... Falando num dia...	Morena du Parque Morena du Parque Morena du Parque Morena du Parque Morena du Parque
08 —	Meu Presente A Saudade que Ficou Encruzilhada Fugacidade Aos Pés da Musa	O Seta O Seta O Seta O Seta O Seta

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
09	Lágrima de Criança	Franco OLMO
	Futebol Esporte Federal	Franco OLMO
	Racismo	Franco OLMO
	Criançadulto	Franco OLMO
	Gdansk	Franco OLMO
10	Sem Título I	Steve Shorter
	Sem Título II	Steve Shorter
	Sem Título III	Steve Shorter
	Sem Título IV	Steve Shorter
	Sem Título V	Steve Shorter
11	Liberdade	C. Arelana
	Prece Mineira	C. Arelana
	Desconsolo	C. Arelana
	Memória Nacional Pornochanchada	C. Arelana C. Arelana
12	Estorinha	Lúcio da Fonseca
	Poema da Manhã de...	Lúcio da Fonseca
	Noturno	Lúcio da Fonseca
	Sem título I Sem Título II	Lúcio da Fonseca Lúcio da Fonseca
13	Despedida	Markim
	E a Tristeza Chegou	Markim
	Saudade	Markim
	Mesa de Bar Terra Me Come	Markim Markim
14	Eni-a-ó-til	Alessandra Guedes
	Poema Anti-filosófico	Alessandra Guedes
	Marcha	Alessandra Guedes
	O Sentido do Sentido	Alessandra Guedes
	Sonho de Anjo	Alessandra Guedes
15	Sonho	Magrela
	Devaneios	Magrela
	Embora	Magrela
	O Teu Olhar Aspiração	Magrela Magrela
16	Princípio de Amor	Carlos Alberto
	Talvez	Carlos Alberto
	Seu Nome, Minha Vida	Carlos Alberto
	Nem Grande, Nem Profundo Noite de Silêncio	Carlos Alberto Carlos Alberto

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
17 —	Fênix	Alfa
	Voz	Alfa
	Ronda dos Escravos	Alfa
	Infante Pirandello	Alfa
	Plagiando a Iob	Alfa
18 —	Da Cor da Minha...	Anaptixe
	Milagre dos Paralelos	Anaptixe
	A João Cabral	Anaptixe
	Brasileiro Por Acaso	Anaptixe (M. honrosa)
	Amor Ultrajado	Anaptixe
19 —	Absinto	J. C. Silva
	Manuaê	J. C. Silva
	Derrotado	J. C. Silva
	Intimamente	J. C. Silva
	A Montanha	J. C. Silva
20 —	Sete Estrofes	Tritão
	Sonho	Tritão
	Infância	Tritão
	Sensação de Azul	Tritão
	Cheiro de Flor	Tritão
21 —	Acalanto	Alvarenga
	Adolescência	Alvarenga
	Asas	Alvarenga
	Lágrimas	Alvarenga
	Maria	Alvarenga
22 —	Luzes da Cidade	Tredwell
	Desesperança	Tredwell
	Elegia para uma...	Tredwell
	Três Momentos e uma...	Tredwell
	Dois Momentos Ecológicos	Tredwell
23 —	A Dama dos Cachorros	Stanislawa
	O Homem que Cantarolava	Stanislawa
	O Homem Adormecido	Stanislawa
	Dois Famintos	Stanislawa
	A Modista	Stanislawa
24 —	Tempestade	Mael
	Documento Básico	Mael
	O Homem	Mael
	Profeta do Apocalipse	Mael
	Motivo Oculto	Mael

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
25	— Corrida	Mad Max
	Escuridão	Mad Max
	Fatos e Fotos	Mad Max
	Pedaços	Mad Max
	Isolamento	Mad Max
26	— A Tela que Pintamos	Luaê
	Castelos de Areia	Luaê
	Amar	Luaê
	Mais um Dia	Luaê
	A Quem Restar...	Luaê
27	— Pela Proximidade...	Sarto
	Pela Altura do Sol	Sarto
	Pelos Esgotos de Minas	Sarto
	Para Onde a Vista...	Sarto
	Escrito	Sarto
28	— Amor Menina	Pedro I
	Segunda-Feira	Pedro I
	Sol-Luan: Soluçando	Pedro I
	IM Oferece a S como...	Pedro I
	Espera	Pedro I
29	— Rio	Sônia Polanski
	Protesto	Sônia Polanski
	Hora Incerta	Sônia Polanski
	Palavras	Sônia Polanski
	Nó	Sônia Polanski
30	— O Gesto Essencial	Lenna
	Nós	Lenna
	Laços	Lenna
	Tenakhau	Lenna
	Moto-Contínuo	Lenna
31	— Desejo	Mochi
	Restos	Mochi
	Vazio	Mochi
	Eram Seis	Mochi
	A Bomba	Mochi
32	— Favela	Persistente
	Doador	Persistente
	A Criação e o...	Persistente
	Correspondência	Persistente
	Século XX	Persistente

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
33	— Imagem Sonho Sou Canto ao Amor Perfil de uma Flor	Áureo Aureo Áureo Áureo Aureo
34	— Primavera Crescimento da Flor Poema Repentino Poema Desfeito Segredo da Flor	Francisco Inácio Francisco Inácio Francisco Inácio Francisco Inácio Francisco Inácio
35	— Maria Sonho de Amor em... Encurralado Um Tempo de Louco Relógio a Fechar	Demian Knulp Demian Knulp Demian Knulp Demian Knulp Demian Knulp
36	— Confissão para Justa... Alternativas de Falar O Outro Lado Dissentimento Os Jornais	Lia Lia Lia Lia Lia
37	— Abandono Asas Mortas Guerra, Não Depois 12 de Outubro	Belonino Belonino Belonino Belonino Belonino
38	— Amazônia Gênesis Insônia Utopia A Cidade	Susila Susila Susila Susila Susila
39	— Síntese Ana Maria Fere as... Belo Horizonte Poesia Meio p/o... Profissão: Poeta	Pedro II Pedro II Pedro II Pedro II Pedro II
40	— Do Pão Mineiro Fruta Madura Extra-Polar Nós Entreato	Maria Rosa Maria Rosa Maria Rosa Maria Rosa Maria Rosa

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
41 —	Sem Título I	Maria Cigarra
	Sem Título II	Maria Cigarra
	Sem Título III	Maria Cigarra
	Sem Título IV	Maria Cigarra
	Sem Título V	Maria Cigarra
42 —	Diário de Bordo	Ismael
	Poesia V	Ismael
	Poesia III	Ismael
	Poesia I	Ismael
	Calinissa	Ismael
43 —	O Encanto Através do...	Augusto Sakarolha
	Talvez	Augusto Sakarolha
	Você	Augusto Sakarolha
	Alucinação	Augusto Sakarolha
	Prá Ela	Augusto Sakarolha
44 —	Mãe	Carol
	A Flor	Carol
	O Amor	Carol
	Conversa de Amor	Carol
	Fogo	Carol
45 —	Do Pássaro Morto	Ivaen
	Poema Tecnocrata	Ivaen
	Para uma Bela Mulher...	Ivaen
	Um Poema	Ivaen
	Belorizonte	Ivaen
46 —	Criança	Morango
	Começo e Fim	Morango
	Solidão	Morango
	Criação	Morango
	Eu e Você	Morango
47 —	Nova Mulher	Merilin
	Pequeno Instante de...	Merilin
	Aborto	Merilin
	Apatia do Fim	Merilin
	Força de Braço	Merilin
48 —	Menino Piranga	Tim Dé
	Sinfonia da Luz	Tim Dé
	Reflexões de Natal	Tim Dé
	Plêiade	Tim Dé
	Simples	Tim Dé

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
49 —	Capital Escrita Genealogia Cemitério Os Anjos da Terra	Lourenço Lourenço Lourenço Lourenço Lourenço
50 —	Sem Título I Sem Título II Passagem Geometria Sem Título III	D'Albuquerque D'Albuquerque D'Albuquerque D'Albuquerque D'Albuquerque
51 —	Úmido Sem Título I Sem Título II Sem Título III Sem Título IV	Pedro de Tao Pedro de Tao Pedro de Tao Pedro de Tao Pedro de Tao
52 —	Amor Perdido Insônia Divagação Conversa de Telefone... Inquietação	Majuli Majuli Majuli Majuli Majuli
53 —	As Perucas Não São... As Minas Meninas Cidade Misteriosa Sem Título I Sem Título II	Nau Edson Nau Edson Nau Edson Nau Edson Nau Edson
54 —	Dialética Mormaço Umás e Outras... O Sebo das Palavras Dos Fins de Tarde	Batuíra Batuíra Batuíra Batuíra Batuíra
55 —	Soneto para um Menino... Ultimato Instante 15 de Outubro Poetando	Gaia Gaia Gaia Gaia Gaia
56 —	Devaneio Lembre-se Realidade Convite à Loucura Recados	Carícia Carícia Carícia Carícia Carícia

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
57	— Ciranda Clandestina	SoAna
	Vivenciando	SoAna
	Marca-Passo Sem...	SoAna
	Esperança	SoAna
	Desejos	SoAna
58	— Promessas II	Gema
	Minha Senhora	Gema
	Imprevistos	Gema
	Promessas	Gema
	Venenos	Gema
59	— Fragmentos I	Leko
	Amor Porcelana	Leko
	Nó	Leko
	Simplex	Leko
	Oferta	Leko
60	— Extrato de Vida	Zoca
	Infâmia	Zoca
	A Essência Não...	Zoca
	Todo Homem é um...	Zoca
	Companheiros de Luta	Zoca
61	— Poema-Inspiração de um...	Moreno
	Sem Título I	Moreno
	Sem Título II	Moreno
	Amor	Moreno
	Sem Título III	Moreno
62	— Essa Minas em Gerais	D'Siqueira
	O Poeta: esse Burro...	D'Siqueira
	No Fundo, No Fundo...	D'Siqueira
	A Agostinho Neto	D'Siqueira (M. honrosa)
	Minas... Gerais	D'Siqueira
63	— Existir	Aglo If Tol
	Mal de Todos	Aglo If Tol
	Des-Viver	Aglo If Tol
	Inércia	Aglo If Tol
	Lubrificação	Aglo If Tol
64	— Impossibilidade	Arco-fris
	Trevas	Arco-fris
	Reflexão	Arco-fris
	Dia de Poesia	Arco-fris
	Ato	Arco-fris

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
65	— Um Homem Caído no... Fundo de Quintal Lua Madrugada Trem Incerto	Zinha Zinha Zinha Zinha Zinha
66	— Apelo Lembrança da Roça Sala de Estar Telefonema Manhã	Totonho Américo Totonho Américo Totonho Américo Totonho Américo Totonho Américo
67	— A Postura dos Gestos Sem Título I Sem Título II Sem Título III Sem Título IV	Ceque Ceque Ceque Ceque Ceque
68	— Sem Título Dúvida Só Fazendo Mais Um Penca Sion	Le Juan Le Juan Le Juan Le Juan Le Juan
69	— Gramática Sem Título I Sem Título II Dicionário Cão Adivinhação	Gema II Gema II Gema II Gema II Gema II
70	— Encantamento Prestigitação Verde Canção Para o Meu Filho Última Canção	Ana Amélia Ana Amélia Ana Amélia Ana Amélia Ana Amélia
71	— Cativos Lágrima Devaneio Jesus Aborto	Luquine Luquine Luquine Luquine Luquine
72	— Humanidade Radiografia Sem Título I O Rosto da Máquina No Agro Santo Este	Ariel Martin Ariel Martin Ariel Martin Ariel Martin Ariel Martin

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
73	— Belo Horizonte	Zero
	Sem Título I	Zero
	Sem Título II	Zero
	Sem Título III	Zero
	Sem Título IV	Zero
74	— Pro Fernando Gabeira	Kamila
	Ironia	Kamila
	Modinha Simples Para...	Kamila
	Baixada Fluminense I e II	Kamila
	Para Você, à Distância	Kamila
75	— Resolvi Falar...	Ardinas Aroma
	Homem	Ardinas Aroma
	Brincadeira Sem Graça	Ardinas Aroma
	Poupar... Política do Dia	Ardinas Aroma
	Também Pudera	Ardinas Aroma
76	— Pelo Poema	Felisberto...
	Sem Título I	Felisberto...
	Folha-Corrida	Felisberto...
	Falso Fogo	Felisberto...
	Desejo Ter Desejos	Felisberto...
77	— Morte	Alice M. J.
	Interiores do Brasil	Alice M. J.
	Tomem Conta dos...	Alice M. J.
	Seremos Deuses	Alice M. J.
	Canção de Dormir	Alice M. J.
78	— Minas-Pitucha	Di-Fausto
	Sonho do Sonho	Di-Fausto
	Meu Amor	Di-Fausto
	Elegia Suicida	Di-Fausto
	Passado Cotidiano	Di-Fausto
79	— Sem Título I	Muriçoca
	Sem Título II	Muriçoca
	Sem Título III	Muriçoca
	Sem Título IV	Muriçoca
	Sem Título V	Muriçoca
80	— Sigilo da Flor	Rosa Branca
	Rio	Rosa Branca
	Violetas	Rosa Branca
	Serenó	Rosa Branca
	Igual	Rosa Branca

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
81	— Profissão de Fé Um Mundo Novo Traçados Contra-Econtros A Cerca	Ângela Raoni Ângela Raoni Ângela Raoni Ângela Raoni Ângela Raoni
82	— Uma Poesia Sem... Opressão Aprendendo o Que É Amar Eu Só Sei Que Gosto... Poesia Real	Cristal Cristal Cristal Cristal Cristal
83	— A Dança É Estalo e Inexistência Meta-aisthesis Imagem Noturna Do Ofício das Parcas...	Dionísio... Dionísio... Dionísio... Dionísio... Dionísio...
84	— Sangue o Branco Farrapos Humanos Heróis de Tabarsé Thiago Renascer	Pedro Narf Pedro Narf Pedro Narf Pedro Narf Pedro Narf
85	— Pequeno Poema aos Pais... Confidências Nós Nus Sem Título I Sem Título II	Jocar Jocar Jocar Jocar Jocar
86	— A Casa e a Dona... Da Dor Velho Chico Auto-Retrato Dor Nova	Luisa Luisa Luisa Luisa Luisa
87	— 80100 79/XXXVIII Embate Veele Foi Você	M. Tiago... M. Tiago... M. Tiago... M. Tiago... M. Tiago...
88	— Utopia Bem-Me-Quer, Mal... Momento de Felicidade Poema a Um Menino Só Acontecimentos	Lina Lina Lina Lina Lina

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
89 —	Meu Quem Meu Onde Meu Quando Meu Como . . . Meu Poema	Dunga Dunga Dunga Dunga Dunga
90 —	Vamo, Escravo Manhã de Outubro Vida-cor-de-Rosa História Antiga A Guerra	Lia II Lia II Lia II Lia II Lia II
91 —	Infância Solidão Boa-Fria Sem Título Desalento	Antígone Antígone Antígone Antígone Antígone
92 —	Palavra de Homem . . . A Solidão de Dois Olhos Roteiro de uma Vida . . . 14 de Abril Libertas, que Serás Também	Milton F. Cruy Milton F. Cruy Milton F. Cruy Milton F. Cruy Milton F. Cruy
93 —	Bate-Bola Paisagem de Pau-de-Arara Presença Opções Bumerangue	D. S. D. S. D. S. D. S. D. S.
94 —	Sem Poder Voar Talvez Poesia A Morte da Florosa Pássaro de Luz Cibernética Imunda	Desdemônio Desdemônio Desdemônio Desdemônio Desdemônio
95 —	Libertinagem Falso Luar Quis Era Soubesse a Flor Que . . . Sem Título	Natural Natural Natural Natural Natural
96 —	Criatura da Noite Corpo Vazio Morte Fim de Sonho Neve do Meu País	Ohinia Kid Ohinia Kid Ohinia Kid Ohinia Kid Ohinia Kid

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
97	— Busca Esperança Hoje Uma Realidade Viver Pra Não Viver	Bá di Luna Bá di Luna Bá di Luna Bá di Luna Bá di Luna
98	— Travessura Camotim Infância Perpétua Sem Título	Anael Anael Anael Anael Anael
99	— Maquinomen Espiral Manhã Exercício nº Um Exercício nº Dois	Honório Rincão Honório Rincão Honório Rincão Honório Rincão Honório Rincão
100	— Minas Gerais Hoje Como Sempre Suicídio Palhaço Fantasia Noturno	Serrano Serrano Serrano Serrano Serrano
101	— Desterro Rosa... Alva Você em Mim... Miseravelmente Eu Viagem...	Taumaturgo Taumaturgo Taumaturgo Taumaturgo Taumaturgo
102	— A Paina Branca Chuva de Primavera Missa Dominical Domingos Asilos	Polignano Polignano Polignano Polignano Polignano
103	— Perplexo Angeline Uma Longa Noite... Atônito O Direito à Vida	Michaelo... Michaelo... Michaelo... Michaelo... Michaelo...
104	— Gato Escaldado Morrença A Phoenix O Desencanto O Vento	Cruz Porto Cruz Porto Cruz Porto Cruz Porto Cruz Porto

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
105	— Destino	Dunorte
	Incompreensão	Dunorte
	Solidão	Dunorte
	Ave Maria!	Dunorte
	Menino-Doceiro	Dunorte
106	— Anotações Para Falar...	Gume
	In Clausura	Gume
	Fora de Cena	Gume
	Abandono de Figurante	Gume
	Após o Espetáculo	Gume
107	— Mendigo	Tabu
	Fraqueza Humana	Tabu
	Sem Sentido	Tabu
	Inconsciente	Tabu
	Ausência	Tabu
108	— Meu Pecado	Maggie
	Meu Silêncio	Maggie
	Vôo Noturno	Maggie
	Qualquer Coisa	Maggie
	Você	Maggie
109	— Canção de Ninar	Dercy Alves
	Prevenção Amiga	Dercy Alves
	Panorama Social	Dercy Alves
	Menina Manhã	Dercy Alves
	Lembranças em Fumaça	Dercy Alves
110	— O Calouro no Icx	Otavianny
	Dor da Dor	Otavianny
	Volta à Origem	Otavianny
	Convescote	Otavianny
	O Operário	Otavianny
111	— Existimos	Rampah
	Parâmetro	Rampah
	Despertar	Rampah
	Um Dia Parado...	Rampah
	Quebranto	Rampah
112	— Sem Título Possível...	Oswaldo B.
	Diálogo à Lady... I	Oswaldo B.
	Diálogo à Lady... II	Oswaldo B.
	Excursão Sem Retorno	Oswaldo B.
	Sem Título	Oswaldo B.

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
113	— Paranóia Poeminha Cafona... Murúrio Metafísico Sem Título I Sem Título II	Antônio C. Antônio C. Antônio C. Antônio C. Antônio C.
114	— Libertação Ecológica Garimpendo Estrelas A Mulher Inexistente Sem Olhos Lígia	Djalma P. Djalma P. Djalma P. Djalma P. Djalma P.
115	— Transparência Supondo Dor de Morte Adormecer Indiferente	José Rosevé José Rosevé José Rosevé José Rosevé José Rosevé
116	— Vontade de Existir Sentimentalismos Fuga III Meus Versos Divagando	Ceres Ceres Ceres Ceres Ceres
117	— O Morto Zé Porre Fuga II Fuga I Eu Queria Ser	Leide Guapo Leide Guapo Leide Guapo Leide Guapo Leide Guapo
118	— De Bíblia e Canto Sinais Luminosos Merda de Vida De-Formação Filosofando	Raíssa Raíssa Raíssa Raíssa Raíssa
119	— Como Fazer um Rio? Exílio Barranqueiro ou... Mar Desconhecido O Mapa de Minas	Sá de Miranda Sá de Miranda Sá de Miranda Sá de Miranda Sá de Miranda (1º lugar)
120	— Gaivotas Natureza O Sondador Ouro Preto A Igreja	Talbot Talbot Talbot Talbot Talbot

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
121	— Quebra-Cabeças Imagem Cantina do Lucas Dual O Suicida	Letra Letra Letra Letra Letra
122	— Sem Título I Sem Título II Sem Título III Sem Título IV Sem Título V	Canuto Canuto Canuto Canuto Canuto
123	— Jardim Uma Gota Avenida A Sementeira Navegando	Syllas Syllas Syllas Syllas Syllas
124	— Vazio Salt II Contradição Definitiva Sociedade Privada Atenção	Silres Silres Silres Silres Silres
125	— Minas de Mil Facetas Decadência Canibalismo Mistério Impacto	Marlô Marlô Marlô Marlô Marlô
126	— Dívida Vesperal Legado Banzo Fábula	Alcoforado (2º lugar) Alcoforado Alcoforado Alcoforado Alcoforado
127	— Choro Orvalho Ondas Mulher I Poema em Cinco Atos O Vento	Pablo S. Pablo S. Pablo S. Pablo S. Pablo S.
128	— Simplesmente Ser Querer Los Diablos Eu Las Alturas Atroz Ilusão Tua Morte Jazia	O Passaquatrense O Passaquatrense O Passaquatrense O Passaquatrense O Passaquatrense

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
129 —	Desterro do Sertão	Pacífico
	Vila Rica	Pacífico
	Dois	Pacífico
	Poema Fútil	Pacífico
	Recado de Fuga	Pacífico
130 —	Jorge Mendes...	Netto
	Poema de Contentamento...	Netto
	Ironia	Netto
	Soneto aos Homens de...	Netto
	Imagem	Netto
131 —	Oferenda	Fernando V.
	Endurecer-se	Fernando V.
	Curta-Metragem	Fernando V.
	Larva	Fernando V.
	Risco	Fernando V.
132 —	Sem Título I	Juca
	Sem Título II	Juca
	Sem Título III	Juca
	Sem Título IV	Juca
	Sem Título V	Juca
133 —	Um Simples Punhado...	Diadorim
	Você Sabia?	Diadorim
	Imagem Refletida	Diadorim
	Balancete	Diadorim
	Velejando	Diadorim
134 —	A História de Um...	Cris
	Estrela Candente	Cris
	Soneto Pra Celene	Cris
	Sem Rastros	Cris
	Angústia	Cris
135 —	Sentimento	Diana
	Viver	Diana
	Todas as Manhãs	Diana
	Amando	Diana
	Choque	Diana
136 —	Ela	Quézio
	As Máquinas	Quézio
	Tombada	Quézio
	O Som da Manhã	Quézio
	O «El»	Quézio

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
137	— Luzes Acesas Pequenas Eu-Confidências... Ao Poeta 1968 ou 80 Pa-Ciente-Mente	Amargo C. Amargo C. Amargo C. Amargo C. Amargo C.
138	— Prólogo Abstração Cromática... Variações Sobre... Mirando a Cidade O Mineiro da Capital	Toado Toado Toado Toado Toado
139	— Humanas Relações Casais e Noivos Pedaços Aparência Ode aos Humanos	Ávila Ávila Ávila Ávila Ávila
140	— Mudança Insurreição dos Pardais Entre os Homens... Soneto Alienado Idade	Rosário Rosário Rosário Rosário Rosário
141	— Teu Mestre Criança Se Eu Pudesse Oração do Pedrinho Alterosa	Amanda Amanda Amanda Amanda Amanda
142	— Bloco Chato Elegia à Minas Gerais Miosótis Fim de Noite Beco dos Aflitos	Pôncio C. Pôncio C. Pôncio C. Pôncio C. Pôncio C.
143	— Estorinha Poema da Manhã... O Florir do... Noturno Sem Título	Lúcio F. Lúcio F. Lúcio F. Lúcio F. Lúcio F.
144	— Domingo à Tarde Dilúvio Breve Parábola Não Enviou Não Enviou	FGTS FGTS FGTS FGTS FGTS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
145 —	Ex-Priso Político	A. Mirona
	Presa de Guerra...	A. Mirona
	Não Enviou	A. Mirona
	Não Enviou	A. Mirona
	Não Enviou	A. Mirona

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «**Revista da Fundação Instituto de Ensino para Osasco**» — ano II — número 2 — 1974 — Osasco — São Paulo
- «**Off-Set**», de Carlos Humberto Dantas — Natal — Rio Grande do Norte
- «**Boletim do Centro de Investigaciones Lingüísticas Y Literarias Andres Bello**», Instituto Universitario Pedagógico de Caracas — ano II — fevereiro de 1979 — Caracas — Venezuela
- «**Letras**» — Instituto Universitario Pedagógico de Caracas — número 36 — janeiro e fevereiro de 1980 — Caracas — Venezuela
- «**Contos e Novelas**» — Revista Catarinense de Ficção — números 4 e 5 — Florianópolis — Santa Catarina
- «**The Centennial Review**» — College of Arts and Letters — Michigan State University — Volume XXIII — 1979 e volume XXIV — 1980 — Ann Arbor — Michigan — EUA
- «**Última Etapa**», de José Pinheiro Fernandes — 1979 — Valença — Rio de Janeiro
- «**The Yale Review**» — University of Yale — volume LXIX — outubro de 1979 e junho de 1980 — New Haven — Connecticut — EUA
- «**Sumario Actual de Revistas**» — Instituto de Cultura Hispanica — números 22, 23 e 24 — julho a outubro de 1976 — Madrid — Espanha
- «**Franciscanum**» — Revista de Las Ciencias del Espiritu — Universidad de San Buenaventura — números 62, 63 e 64 — maio a agosto, setembro a dezembro de 1979, janeiro a abril de 1980 — Bogotá — Colômbia
- «**Revista da Faculdade Salesiana**» — Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras — número 28 — 1978 — Lorena — São Paulo
- «**Um Elefante Incomoda Muita Gente**», de Eno Teodoro Wanke — Rio de Janeiro

- «**Symposium**» — Revista da Universidade Católica de Pernambuco — número 2 — 1979 — Recife — Pernambuco
- «**Boletim Informativo do Centro de Estudos Portugueses**» — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo — número 6 — 1978 — São Paulo
- «**Sin Nombre**» — Editorial Sin Nombre Inc. — ano X — volume X — números 3 e 4 — outubro/1979, janeiro/1980 — San Juan de Puerto Rico
- «**Stromata**» — Revista da Universidade de Filosofia e Teologia — Universidad del Salvador — números 1, 2, 3 e 4 — ano XXXV — 1979 — San Miguel — Argentina
- «**A Batalha da Vida: A Vida**», poemas, de José Serra Júnior, da Universidade do Maranhão — São Luiz (Ma) Maranhão
- «**Poesia Livre**», 1980 — Ano III — Ouro Preto — Minas Gerais
- «**Contos & Novelas**» — Revista Catarinense de Ficção — nº 5 — Ano II — Florianópolis — Santa Catarina
- «**Universus**» — poética nº 33 — outubro de 1980 — Almir Martins — Imbituba — Santa Catarina
- «**Uma Rua Chamada Ouvidor**», de Danilo Gomes — Rio de Janeiro — RJ

CARTAS

«... para poder continuar acompanhando o desenvolvimento literário desses jovens, dessas mentes que tanto me fascinam...»

Gisleyne Campanile Campestrin — São Paulo — SP

«... cada vez melhor a RL... parabéns pela qualidade dos trabalhos publicados...»

Ivone Izabel Teixeira — Belo Horizonte — MG

«... pois desejo toda a coleção, que é de sumo interesse...»

Eticar Kuhn — Franca — SP

«... é trabalho de alto nível e muita dedicação, principalmente em prol da divulgação da literatura, exibindo publicações da melhor qualidade e de muito bom gosto...»

Raymundo Antônio de Abreu — Belo Horizonte — MG

«... dessa formidável Revista Literária... quão agradável poder apreciar neste número mais um conto da excelente contista Sandra Lyon, a qual foi premiada nesta revista de 1971 a 1976 e que agora reaparece com um conto que se pode dizer perfeito do ponto de vista literário: Cerco Fechado...»

Antônio Bento Gonçalves de Albuquerque — Belo Horizonte — MG

«... assim continua no rol dos privilegiados que tomam parte das atividades dessa elegantíssima publicação. Pois a RL é para mim a mais nobre coletânea de jovens autores contemporâneos que, despertos do ABC da prosa e do verso, vemo-nos a cada ano que passa laureados por mais um invejável número da nossa RL...»

Aldemir Fernandes Lima — Belo Horizonte — MG

«... Com excelentes trabalhos em prosa e verso, a sua (nossa) revista mantém a sua tradição no sentido de apresentar colaborações de grande interesse a atualidade. Sua pontualidade é tão marcante que já se pode pensar em receber o exemplar de nº 20 daqui a seis anos. Parabéns...»

Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — RJ

«... o nº 14 da Revista Literária, excelente, por sinal...»

Ernestina Maria Muzzi Machado — Belo Horizonte — MG

«... excelente o número 14 da Revista Literária. Pena que só temos um número por ano. Que tal aumentarmos a freqüência para trimestral?...»

Eliezer Zac — São Paulo — SP

«... Recebi o número 14 da Revista Literária... o trabalho merece ser visto...»

Alciene Ribeiro Leite — Ituiutaba — MG

«... envio periódico da excelente Revista Literária editada pelo corpo discente dessa Universidade...»

José Salles Neto — Brasília — DF

«... Verdadeira delícia intelectual a RL e mostra do que poderia ser a cultura, no Brasil, de tão precioso exemplo tivesse muitos seguidores...»

Oswaldo Lopes de Brito — Ribeirão Preto — SP

«... Revista Literária... cujo conteúdo fascinara-me sobremaneira...»

Jarbas Wilson de Moraes Vilela de Avelar — Belo Horizonte — MG

«... um prazer receber novamente esta importante revista literária...»

Rafael Alves Machado — Belo Horizonte — MG

«... enviamos nossos parabéns pelo excelente nº 14...»

Expedite Maia Leite — Belo Horizonte — MG

JORNALIS

«... De alto nível gráfico o número 14 da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, que já está circulando, editada pelo Serviço de Relações Universitárias da Universidade Federal...»

Estado de Minas — 11/06/80 — Minas Gerais

«... Há 14 anos, editada pelo Serviço de Relações Universitárias da UFMG, a Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal transformou-se, nesses anos todos, em uma publicação importante no Brasil. Patrocinada pelo Ministério da Educação e Cultura, a RL vem lançando, através dos anos, vários escritores mineiros, que hoje têm projeção nacional: Luiz Vilela, Luiz Márcio Penido, Adão Ventura, Luiz Gonzaga Vieira, Duílio Gomes, Walden Carvalho, Luiz Fernando Emediato, Henry Correia de Araújo. Mais: Sérgio Santana, Jaime Prado Gouveia, Ronald

Claver, Danilo Gomes, Edgar Pereira dos Reis, Sandra Lyon, Osias Ribeiro Neves, Antônio Barreto e muitos outros. Nesses anos todos, ela foi dirigida pelo jornalista Plínio Carneiro, que a fundou em 1966, junto com Luiz Vilela, Luiz Vieira e o Reitor Aluísio Pimenta...»

Estado de Minas — 24/01/80 — Minas Gerais

«... Há 14 anos que a Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais vem incentivando alunos e professores da Universidade a seguirem os caminhos literários. É uma das poucas revistas no gênero que se propõe publicar contos de autores inéditos no meio profissional...»

Jornal da Assufemg — nº 13 — outubro de 1979 — Minas Gerais

«... Revista Literária... ilustrações excelentes... Percebe-se que a RL atingiu o principal objetivo: afirmou-se na divulgação e no estímulo da cultura literária de seu pessoal, alunos e mestres, além de chamar a si acolhida de outros autores interessantes, fora de seus quadros. Um esforço nacional. Bravo!...»

«O Diário» — 6/7/80 — Ribeirão Preto — São Paulo

A seguir, cópia da reportagem do jornal «Estado de Minas» de 12 de agosto de 1980, sobre a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG.

A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais está comemorando quinze anos de vida, uma idade respeitável para uma publicação literária no Brasil. Fundada em 1966 pelos então alunos da UFMG, Plínio Carneiro, Luiz Gonzaga Vieira e Luiz Vilela — com apoio total do Reitor da época, prof. Aluizio Pimenta — a RL, como é conhecida, atravessou períodos críticos em sua existência, chegando quase a encerrar suas atividades.

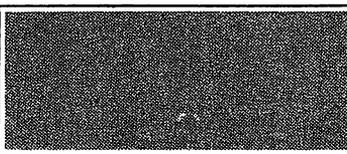
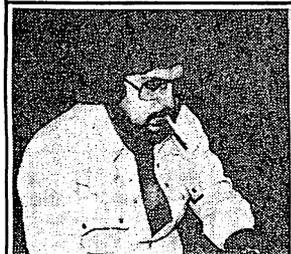
Hoje, saneados os maiores problemas da publicação — verbas para os concursos de contos e de poemas e para edição da mesma — a Revista Literária pode se orgulhar de ser única no gênero no Brasil: promove concursos, paga religiosamente os prêmios, publica os trabalhos vencedores e distribui a revista a mais de duas mil pessoas e entidades culturais do Brasil e do mundo.

Elogiada pelo Ministério da Educação e Cultura, aplaudida pelos estudantes e ex-alunos da UFMG, pelos professores, pelos assinantes e pela imprensa, a Revista Literária se transformou, pela sua periodicidade, em um marco literário em Minas. Hoje, a maioria dos escritores da nova geração tem seu começo literário ligado à RL, como Luiz Vilela, Luiz Gonzaga Vieira,

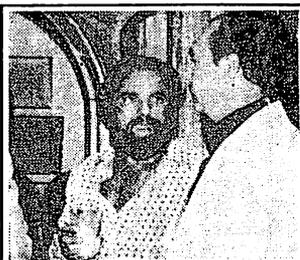
Os 15 anos da Revista Literária da UFMG

Em 12-08-80

Dúllio e Danilo Gomes, José Márcio Penido, Luiz Fernando Emediato, Adão Ventura Ferreira Reis e tantos outros que passaram pela UFMG.



14



Três escritores que começaram na Revista Literária: Dúllio Gomes, Henry Correa Araújo e Ronald Clacer

Aluizio Pimenta, Reitor em 1966, mandou que se criasse na UFMG uma Revista Literária

Os três fundadores da Revista Literária: Plínio Carneiro, Luiz Vilela e Luiz Gonzaga Vieira

Crise literária

A Revista Literária foi fundada em 1966, por um estudante de Sociologia — formado em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia — e então assessor de imprensa do Reitor da UFMG, Plínio Carneiro; um estudante de Letras, Luiz Jonzaga Vieira, também formado em Jornalismo; e um estudante de Filosofia, Luiz Vilela. Para isto, tiveram todo apoio e incentivo do Reitor Aluizio Pimenta, que garantiu a edição da Revista.

Durante dois anos, essa comissão dirigiu a RL. Em 1968, com a saída de Luiz Vilela, entrou em seu lugar Sérgio Ant'Anna e, nos anos subsequentes, a comissão foi sendo modificada, somente com a manutenção de seu editor, Plínio Carneiro, no cargo até hoje. Os outros participantes da comissão: Orlando Ianchini, cinco anos; Maria Antoniet Nunes Cunha e Ronald Claver Camargo, quatro anos; Duílio Gomes e Walden Camilo de Carvalho, três anos; na Maria de Almeida, dois anos; Magda Frediani Martins, um ano.

Atualmente, a Revista Literária é editada pelo Serviço de Relações Universitárias da UFMG, funcionando na rua Caranbola, 288, sala 807, ligada ao Centro de Extensão da Faculdade de

Letras. A Comissão da Revista é composta pelo seu editor, Plínio Carneiro, pela professora Ana Maria de Almeida, diretora do Centro de Extensão da FALE e pelo poeta Ronald Claver Camargo.

Uma publicação literária dedicada ao estudante universitário, a RL atravessou muitos problemas em sua existência, principalmente quando a censura universitária resolveu interferir na comissão, vetando trabalhos literários enviados para os concursos de contos e poemas.

Foi uma época em que a Revista perdeu todo o apoio que tinha da direção da UFMG, a mesma direção que desativou o setor de artes da Reitoria e fechou a Orquestra Sinfônica, além de ignorar por completo a importância do Festival de Inverno e das outras atividades culturais da UFMG. Na época, quem salvou a Revista Literária do fechamento foi um parecer dos professores Helio Martins de Araújo e Haroldo de Almeida Mattos, que após vários estudos consideraram a RL de suma importância, ao lado da Revista Brasileira de Estudos Políticos, editada pela Faculdade de Direito.

Outro professor foi importante para

o não fechamento da Revista: Fábio do Nascimento Moura, que conseguiu do Ministério da Educação e Cultura o patrocínio da RL, através do Departamento de Assuntos Estudantis, entidade que financia as edições até hoje. Além disso, o prof. Fábio do Nascimento Moura contactou os diversos setores da UFMG em busca do patrocínio dos prêmios literários que anualmente são oferecidos aos estudantes.

Apoiada pela direção da Faculdade de Letras e pelo atual Reitor, Celso de Vasconcelos Pinheiro, a Revista Literária deve sua existência a muitos outros professores da UFMG, principalmente aos ex-reitores Gerson de Brito Melo Botton e Marcelo de Vasconcelos Coelho, que a defenderam numa época crítica para a cultura brasileira, de 1967 a 1973.

Destaca-se ainda o apoio de várias entidades da UFMG que patrocinam os prêmios literários, como a Reitoria, Conselho de Extensão, Conselho de Pesquisa, Fundação do Desenvolvimento da Pesquisa, Faculdade de Letras, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Fundação Universitária Mendes Pimentel.

Gente famosa

Circulando desde 1966, em quatorze números a Revista Literária publicou 2 trabalhos, sendo 161 contos, 192 poemas, 17 ensaios, uma montagem e um artigo, de autoria de estudantes, ex-alunos, professores, poetas, contistas, assistentes de Minas Gerais, tudo isto em 107 páginas, impressas pela Imprensa Universitária da UFMG.

A RL é dividida em duas partes. Na primeira publica os contos e poemas vencedores dos concursos — os três primeiros lugares — e sempre cinco trabalhos classificados com menção honrosa. Os de alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e coletivos da UFMG, no total de oito contos e poemas. Na segunda parte, a RL publica ensaios, contos e poemas ex-alunos e professores da UFMG.

Em quatorze concursos literários, participaram 1695 alunos da UFMG, e enviaram 5.257 trabalhos para as comissões julgadoras, cujos membros já iam, em 14 anos, 1.227 contos e 4.040 poemas. No próximo mês, a Revista Literária abre inscrições para o 15º concurso, com prêmios de Cr\$12.000,00, Cr\$8.000,00 e Cr\$5.000,00 para os três melhores contos e os três melhores poemas.

Muita gente famosa já passou pelas páginas da Revista Literária, como Luiz Vilela, Luiz Vieira, Danilo e Duílio Gomes, Henry Correa de Araújo, Sérgio Sant'Anna, José Márcio Penido, Adão Ventura Ferreira Reis, Ronald Claver Camargo e outros que detêm fama nacional.

Além desses, Humberto Werneck, Fernando Rios, Jaime Prado Gouveia, Odilon Machado Júnior, Elias José, Edgar Pereira dos Reis, Sandra Lyon, Fernando Rubinges, Luiz Fernando Emediato, Luiz Carlos Alves, Ana Maria de Almeida, Magda Frediani, Carlos Felipe, Ana Cecilia Carvalho, Osias Ribeiro Neves, Eugênio Gomes, Moacyr Laterza, Liberio Neves Eunice Calery e outros professores e literatos mineiros já publicaram trabalhos na RL.

Da turma que desponta agora nas letras, destacam-se Antônio Barreto, Sônia Queiroz, Hugo de Almeida, José Liberato, Lúcia Castelo Branco, Ângela Cançado Lara Resende, Kennet Albernaz, Álvaro Fraga, Aloyzo Rocha, José Alexandre Marino, Maria Consuelo Porto Contijo, Edwaldo Zampier, Branca Maria de Paula Xavier, Francisco Moraes Mendes, todos ganhadores de

concursos da RL e de outras entidades literárias de Minas e do Brasil.

O fichário da Revista Literária vem sendo organizado desde 1966, contendo hoje cerca de dois mil endereços de alunos, ex-alunos, professores, escritores, jornalistas e entidades literárias do Brasil e do mundo, todos recebendo, anualmente, um exemplar, gratuitamente, da Revista editada pela UFMG. A tiragem atual da RL é de 2.500 exemplares, com padrão gráfico de alto nível.

Durante muitos anos, o corpo discente da Escola de Belas Artes ilustrou a Revista, coordenado pelos professores Álvaro Apocalypse, Eduardo de Paula, Beatriz Coelho, Wilde Lacerda e Madu. Da época destacam-se ilustrações de Paula Régis, Sandra Bianchi, Joyce Brandão, Liliane Romanelli, Sérgio Moraes, Lucas Tadeu e Rosa Razuck. Atualmente, ilustram a RL os artistas Paulo Fatal, Beia Mattos, Rubia Roberta e Hélvio Rodrigues.

Entre os ensaístas que já publicaram na RL, estão vários professores de Minas, como Lauro Mendes, Ivete Lara, Vera Lúcia Andrade, Cleonice Mourão, Wander Miranda, Ruth Silvano Brandão, além de Lea Amaral, Walden Camilo de Carvalho, Lauro Augusto Machado Coelho e outros.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



PUBLICAÇÃO Nº 043

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Caixa Postal 1.621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

